

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

Escola Ciências Humanas e Sociais

Departamento de Educação e Psicologia

Mestrado em ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico e de Português e História e Geografia de Portugal no 2.º Ciclo do Ensino Básico

Os Recursos Educativos Digitais e a Metodologia de Projeto no processo de ensino e de aprendizagem, na disciplina de História e Geografia de Portugal: uma experiência no contexto do 2.º Ciclo do Ensino Básico

Ana Sofia Ferreira Albuquerque Simões (67278)

Docente Orientador: Professora Doutora Ana Maria de Matos Ferreira Bastos



Vila Real, 2020

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

Escola Ciências Humanas e Sociais

Departamento de Educação e Psicologia

**Mestrado em ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico e de Português e
História e Geografia de Portugal no 2.º Ciclo do Ensino Básico**

**Os Recursos Educativos Digitais e a Metodologia de Projeto no processo de
ensino e de aprendizagem, na disciplina de História e Geografia de Portugal:
uma experiência no contexto do 2.º Ciclo do Ensino Básico**

Ana Sofia Ferreira Albuquerque Simões (67278)

Júri:

Presidente _____

Arguente _____

Orientador _____

Vila Real, 2020

**“Com um pé no chão e o outro nas estrelas, o professor pode levar
seus alunos a todos os lugares.”**

José Ribamar Muniz Feitosa

Agradecimentos

Este trabalho resulta de uma caminhada que decidi fazer para melhorar a minha prática profissional, algo importante que me fez evoluir enquanto profissional e pessoa, fruto do esforço e dedicação a que me propus, para o qual contribuíram outras pessoas que me apoiaram permitindo que este trabalho fosse possível através do estímulo e dedicação de várias pessoas.

Quero desta forma expressar toda a minha gratidão e apreço a todos os que direta ou indiretamente contribuíram para que esta tarefa se tornasse uma realidade. A todos quero manifestar os meus sinceros agradecimentos, desde a família, aos amigos até aos professores.

A toda a minha família e amigos pelo carinho e atenção demonstrado, em especial ao meu marido por todo o apoio, dedicação, compreensão e ajuda prestada para manter o meu bem-estar essencial à concretização deste trabalho.

A minha gratidão e reconhecimento aos Professores Orientadores Cooperantes, pela disponibilidade, apoio, sugestões dadas e observações críticas, assim como às Professoras da Universidade, Professora Doutora Sónia Coelho, Professora Doutora Susana Fontes. Em especial, expresso o meu mais profundo agradecimento pela orientação da Professora Doutora Ana Maria Bastos pelo seu apoio incondicional, atenção dispensada, paciência, dedicação, profissionalismos, clareza, rigor e absoluta disponibilidade, ajuda na solução de problemas e dúvidas que foram surgindo ao longo da realização deste trabalho. A todos um Muito Obrigada.

Agradeço ainda ao Agrupamento de Escolas Diogo Cão, de Vila Real, onde realizei os estágios pela disponibilidade.

Resumo

O presente Relatório Final de Estágio apresenta um relato descritivo e reflexivo da Prática de Ensino Supervisionada no âmbito do Mestrado no 1.º Ciclo do Ensino Básico e em Português e História e Geografia de Portugal no 2.º Ciclo do Ensino Básico, abordando especificamente o estágio na disciplina de História e Geografia de Portugal, no 2.º CEB.

As temáticas a que se dão maior enfoque neste relatório são os Recursos Educativos Digitais e a Metodologia de Trabalho de Projeto. À sua escolha estão subjacentes dois aspetos fundamentais que favorecem mudanças necessárias, mesmo obrigatórias, na Escola: o contexto da Sociedade da Informação onde a Escola se encontra inserida e em que o digital assume um papel preponderante; e a maior autonomia e flexibilidade curriculares que o Decreto-lei n.º 55 de 2018, promove nas Escolas.

Para este relatório formularam-se os seguintes objetivos: contextualizar teoricamente a temática em estudo; identificar os Recursos Educativos Digitais usados no processo de aprendizagem; caracterizar o modelo pedagógico, Metodologia de Trabalho de Projeto; descrever a prática de ensino supervisionada no contexto do 2.º Ciclo do Ensino Básico, na disciplina de História e Geografia de Portugal; refletir criticamente sobre a Prática de Ensino Supervisionada, dando enfoque à integração dos Recursos Educativos Digitais e à Metodologia de Trabalho de Projeto.

Os Recursos Educativos Digitais integrados na Metodologia de Trabalho de Projeto permitem uma maior diversidade de experiências em contexto educativo, experiências essas centradas no aluno, na sua autonomia na aprendizagem, tendo sempre como finalidade a melhoria do seu desempenho escolar e o seu crescimento pessoal.

Palavras-chave: Recursos Educativos Digitais; Metodologia de Projeto; História e Geografia de Portugal; 2.º Ciclo do Ensino Básico

Abstract

This report presents a descriptive and reflective account of Supervised Teaching Practice under the Master's Degree in the 1st Cycle of Basic Education and in Portuguese and History and Geography of Portugal in the 2nd Cycle of Basic Education, specifically addressing the internship in the discipline of History and Geography of Portugal, at the 2nd CEB.

The themes that are most focused on in this report are Digital Educational Resources and Project Work Methodology. Two fundamental aspects that favor necessary changes, even mandatory, in the School are underlying: the context of the Information Society where the School is inserted and in which the digital assumes a predominant role; and the greater curricular autonomy and flexibility that Decree-Law No. 55 of 2018 promotes in Schools.

For this report, the following objectives were formulated: to theoretically contextualize the theme under study; identify the Digital Educational Resources used in the learning process; characterize the pedagogical model, Project Work Methodology; describe the supervised teaching practice in the context of the 2nd Cycle of Basic Education, in the discipline of History and Geography of Portugal; reflect critically on the Supervised Teaching Practice, focusing on the integration of Digital Educational Resources and the Project Work Methodology.

The Digital Educational Resources integrated in the Project Work Methodology allow a greater diversity of experiences in an educational context, experiences that are centered on the student, on their autonomy in learning, always with the purpose of improving their school performance and their personal growth.

Keywords: Digital Educational Resources; Project methodology; History and geography of Portugal; 2nd Cycle of Basic Education

Índice geral

Agradecimentos	iv
Resumo	v
Abstract	vi
Índice de figuras	x
Índice de quadros	xi
Lista de acrónimos e abreviaturas	xii
Introdução	1
PARTE 1- Fundamentação teórica	3
Capítulo 1- As Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) integradas no ensino	3
1.1. Breve evolução histórica das TIC	3
1.2. Conceito de TIC	4
1.3. A importância das TIC no processo de ensino e de aprendizagem	5
1.3.1. O Professor e as TIC	7
1.3.2. O aluno e as TIC	8
1.4. Os recursos Educativos Digitais (RED)	9
1.4.1. Aparelhos/ dispositivos	10
1.4.1.1. Computador	10
1.4.1.2. Tablet	11
1.4.1.3. Smartphone	11
1.4.2. Ferramentas Office	12
1.4.2.1. PowerPoint	12
1.4.2.2. Word	12
1.4.3. Internet	13
1.4.3.1. As ferramentas Web 2.0	13
1.4.3.2. YouTube	14
1.4.3.3. A plataforma “Aula digital”	15
Capítulo 2- Metodologia de Projeto	16
2.1. História da Metodologia de Projeto	17
2.2. Conceito de Metodologia de Projeto	19
2.3. Características da Metodologia de Projeto	19
2.4. Etapas da Metodologia de Projeto	20
2.5. O papel do Professor e dos alunos na Metodologia de Projeto	22
2.6. A avaliação de Metodologia de trabalho de projeto	24
PARTE 2- Parte prática	25
Capítulo 3- Caracterização do contexto da Prática de Ensino Supervisionado	25
3.1. Caracterização do meio envolvente	25

3.2. Caracterização da sala de aula	26
3.3. Caracterização da turma	26
3.5. Observação de aulas	29
3.5.1. Como observar e para quê	29
3.5.2. Tipo de observação.....	30
3.5.3. Metodologia das observações	31
3.5.4. Reflexão sobre os dados observados	34
3.6. Descrição e reflexão das atividades desenvolvidas	39
3.6.1.1. Planificação nº1.....	39
3.6.1.2. Descrição da responsabilização n.º 1.....	42
3.6.1.3. Análise reflexiva da responsabilização n.º 1	43
3.6.2. Responsabilização n.º2.....	44
3.6.2.1. Planificação n.º2.....	44
3.6.2.2. Descrição da responsabilização n.º2.....	47
3.6.2.3. Análise reflexiva da responsabilização n.º 2	48
3.6.3. Responsabilização n.º3.....	48
3.6.3.1. Planificação n.º3.....	48
3.6.3.2. Descrição da responsabilização n.º 3.....	52
3.6.3.3. Análise reflexiva da responsabilização n.º 3	52
3.6.4. Responsabilização n.º 4.....	53
3.6.4.1. Planificação n.º4.....	53
3.6.4.2. Descrição da responsabilização n.º 4.....	56
3.6.5. Responsabilização n.º5.....	58
3.6.5.1. Planificação n.º5.....	58
3.6.5.2. Descrição da responsabilização n.º 5.....	61
3.6.6. Responsabilização n.º6.....	62
3.6.6.1. Planificação n.º6.....	62
3.6.6.2. Descrição da responsabilização n.º 6.....	65
3.6.6.3. Análise reflexiva da responsabilização n.º 6	66
3.6.7. Responsabilização n.º7	66
3.6.7.1. Planificação n.º7	66
3.6.7.2. Descrição da responsabilização n.º 7.....	69
3.6.7.3. Análise reflexiva da responsabilização n.º 7	71
3.6.8. Responsabilização n.º8.....	71
3.6.8.1. Planificação n.º8.....	71
3.6.8.2. Descrição da responsabilização n.º 8.....	75
3.6.9. Responsabilização n.º 9.....	76

3.6.9.1. Planificação n.º 9.....	76
3.6.9.2. Descrição da responsabilização n.º 9.....	79
3.6.9.3. Análise reflexiva da responsabilização n.º 9	79
4.A importância da construção dos elementos de avaliação do trabalho de projeto.	80
5. Metodologia de trabalho por projeto na Prática de Ensino Supervisionada	81
6. Descrição da intervenção.....	82
7. Os recursos educativos digitais no trabalho de projeto: uma reflexão.	93
Conclusão	97
Referências Bibliográficas	Erro! Indicador não definido.
Webgrafia	101
Legislação	102
Apêndices	103
Apêndice 1- Lista de verificação	104
Apêndice 2- Planta das salas 1 e 12	105
Apêndice 3- Guião de orientação	107
Apêndice 4- Grelha de observação do trabalho de grupo	110
Apêndice 5- Guião Síntese	112
Apêndice 6- Grelha de Avaliação (Autoavaliação).....	125
Apêndice 7- Grelha de Avaliação (grupo)	127
Apêndice 8- Ficha de avaliação.....	128
Anexos.....	140
Anexo 1- Horário da turma.....	141
Anexo 2- Páginas 52 à 93 do manual.....	142
Anexo 3- Página 176 do manual.....	158

Índice de figuras

Figura 1- Matriz curricular- base, 2.º Ciclo.	28
Figura 2- Apresentação PowerPoint.....	70
Figura 3- Grelha de Observação	83
Figura 4- Guião de Orientação de Pesquisa	86
Figura 5- Plataforma "Aula Digital"	86
Figura 6- Escala de Classificação.....	89
Figura 7- Ficha de Autoavaliação	91
Figura 8- Grelha de Avaliação (grupo)	92
Figura 9- Site "O Bichinho do Saber"	94
Figura 10- Site de recursos de HGP.....	94
Figura 11- Vídeo sobre Ditadura Militar de 1926	95

Índice de quadros

Quadro 1- questões de observação.	34
--	----

Lista de acrónimos e abreviaturas

PC- Personal computer

PES- Prática de Ensino Supervisionada

NE- Necessidades Educativas

TCP- Transmission Control Protocol

TIC- Tecnologia de informação e comunicação

RED- Recursos educativos digitais

Introdução

O presente relatório, realizado no âmbito do Mestrado em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico e de Português e História e Geografia de Portugal no 2.º Ciclo do Ensino Básico, tem como título “Os Recursos Educativos Digitais e a Metodologia de Projeto no processo de ensino e de aprendizagem, na disciplina de História e Geografia de Portugal: uma experiência no contexto do 2.º Ciclo do Ensino Básico”.

O trabalho que aqui se apresenta incide essencialmente numa reflexão acerca dos Recursos Educativos Digitais utilizados na disciplina de História e Geografia de Portugal, como instrumentos de trabalho incluídos na Metodologia de Projeto, tendo como referência a prática desenvolvida numa turma do 6.º ano de escolaridade, numa escola de Vila Real, que utilizava como estratégia de trabalho com os alunos a Metodologia de Trabalho de Projeto.

Pensamos que o aprofundamento desta temática é bastante pertinente, pois hoje em dia vivemos numa sociedade digital, com uma enorme facilidade no acesso à informação, em que cada vez mais a comunicação está mais acessível a todos, dando uma maior autonomia aos alunos no conhecimento e na aprendizagem. Somos confrontados com importantes avanços tecnológicos, que vão alterando os nossos comportamentos e pensamentos e perante esta realidade é essencial a mudança de paradigmas na educação, tendo de haver uma maior aposta na modernização das práticas de ensino, que passa também pela introdução de metodologias ativas, como é exemplo, a Metodologia de Trabalho de Projeto. Para a elaboração do Relatório formularam-se os seguintes objetivos: contextualizar teoricamente a temática em estudo; identificar os Recursos Educativos Digitais usados no processo de aprendizagem; caracterizar o modelo pedagógico, Metodologia de Trabalho de Projeto; descrever a prática de ensino supervisionada no contexto do 2.º Ciclo do Ensino Básico, na disciplina de História e Geografia de Portugal; refletir criticamente sobre a Prática de Ensino Supervisionada, dando enfoque à integração dos Recursos Educativos Digitais e à Metodologia de Trabalho de Projeto.

Este relatório está dividido em três partes fundamentais. Uma primeira referente à fundamentação teórica, onde é feito o enquadramento teórico e concetual, nomeadamente a referência às Tecnologias de Informação e Comunicação integradas no ensino, uma breve evolução histórica das Tecnologias de Informação e Comunicação, é descrito o conceito de Tecnologias de Informação e Comunicação, descreve-se a importância das mesmas no ensino e aprendizagem e se menciona a relação do professor e dos alunos com estas. São ainda referidos os Recursos Educativos Digitais, especificamente os aparelhos e

dispositivos, como o computador, *Tablet* e *Smartphone*, assim como as ferramentas *Office* e *Web 2.0*. Depois procede-se à revisão da literatura sobre a Metodologia de Trabalho de Projeto, concretamente a sua história, características e etapas, assim como o papel do professor e do aluno na Metodologia de Trabalho de Projeto.

Relativamente à segunda parte, alusiva à parte prática, esta integra a caracterização do meio envolvente, da escola e também da sala de aula e da turma; são apresentadas as planificações das atividades desenvolvidas e respetivas descrições, análises e reflexões críticas das mesmas. Numa última parte, reflete-se acerca da integração dos Recursos Educativos Digitais na Metodologia de trabalho de Projeto, numa turma do 2.º Ciclo do Ensino Básico.

Para finalizar, apresentam-se a conclusão, as referências bibliográficas e os anexos.

PARTE 1- Fundamentação teórica

Capítulo 1- As Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) integradas no ensino

Ao longo dos tempos temos assistido a uma enorme evolução na forma como o Homem comunica e na criação de meios ou dispositivos que o ajudam a realizar tarefas diárias, sendo essencial a escola evoluir com a sociedade e deter cada vez mais ferramentas à disposição dos alunos, que os ajudem a sentirem-se integrados neste mundo da Tecnologia. Neste contexto, torna-se fulcral a reflexão da importância das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) integradas no ensino.

1.1. Breve evolução histórica das TIC

O papel que a escola assume na sociedade tem vindo a ser alterado, consequência das transformações que a tecnologia proporciona, promovendo novos espaços de aprendizagem (Aires *et al.*, 2013).

Ao longo dos tempos foram sendo estabelecidas diferentes ligações entre a tecnologia e os diferentes métodos de ensino e na utilização da tecnologia como recurso com fins educativos, isto consoante a tecnologia foi avançando.

Em 1957, em Portugal surge a televisão, considerado um grande fenómeno ao qual nem todas as pessoas desde logo tiveram acesso, sendo necessário estas se deslocarem até alguns lugares públicos para verem televisão.

Em Portugal, a década de 80 foi considerada marcante para a implementação do computador nas escolas, ficando até mesmo conhecida como o início da «alfabetização informática». Foi uma década importante para as tecnologias da informação, uma vez que, nesse período desenvolveu-se uma intensa ação de sensibilização dos portugueses para a importância da realidade tecnológica.

Em 1985, através do *PROJETO MINERVA*, Portugal assistiu à primeira iniciativa de introdução das TIC no ensino.

Na década de 90, o computador passou a ser utilizado em maior escala nas escolas, tornando-se numa ferramenta essencial, apesar de o acesso ao mesmo se fazer de forma desigual.

No início do século XX, a Internet tornou-se mais acessível a todos e quase sem limitações. A escola passou a usar o computador e a Internet com fins educativos, nomeadamente no que concerne ao apoio e melhoramento da aprendizagem.

As inovações que marcaram todo o século XX tiveram um grande impacto no nosso quotidiano, não só a nível tecnológico como económico e social, assim as TIC foram essenciais no processo de desenvolvimento da sociedade.

Com o desenvolvimento da denominada «sociedade da Informação», em que assistimos a uma crescente utilização das novas tecnologias há uma maior possibilidade de ter acesso à informação em qualquer momento e em qualquer lugar, obrigando a que as escolas sejam capazes de responder aos desafios colocados pelas TIC (Aires *et al.*, 2013).

Durante o século XX foram várias as iniciativas e projetos implementados com o intuito de proporcionar a generalização do acesso à Internet, havendo uma grande aposta no equipamento informático das escolas e a sensibilização e formação dos professores para a utilização das TIC.

1.2. Conceito de TIC

As Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) são caracterizadas por serem um conjunto de ferramentas, suportes e canais para o tratamento e acesso à informação que dão lugar a novos modos de expressão, novas formas de acesso e novos modelos de participação, através do *hardware* e *software* (Mi e Rivas, 2018).

As TIC são uma expressão que engloba as formas usadas para criar, armazenar, partilhar e utilizar a informação nas suas mais variadas formas.

O termo TIC resulta da evolução do conceito de Informática, ou seja, tratamento automático de informação em computadores, tecnologias de informação e tecnologias de informação e comunicação.

A denominação de TIC deve-se à combinação da tecnologia computacional ou informática com a tecnologia das comunicações, tendo na Internet a sua mais forte expressão. As TIC comportam essencialmente a comunicação de informação através de redes de computadores e meios de comunicação (Escola e Rivas, 2018).

As TIC podem ser entendidas como conteúdos de aprendizagem, uma vez que, estas formam um campo de conhecimento que ultrapassa as ferramentas devido ao seu impacto social. São um instrumento de trabalho, uma ferramenta que pode estar presente em todo o trabalho feito pelo ser humano, facilitando-o e potenciando-o. Apresenta-se como tendo

meios de comunicação didáticos, uma vez que, assumem uma função comunicativa, facilitando o processo de aquisição de um determinado conteúdo por parte do recetor e são ainda tidas como canais de comunicação.

Pode afirmar-se que as TIC são muito mais do que ferramentas criadoras de produtos finais, são processos científicos que têm como objetivo essencial a criação de conhecimento não só técnico, como de criação de novas formas de comunicação e coabitação na sociedade.

Neste sentido, as TIC marcaram a nossa sociedade, pois instalaram-se em todas as áreas da vida humana, gerando mais atividade nas relações humanas. Cada vez se verifica mais que o uso das TIC é indispensável na sociedade, estas aplicam-se a diversos e diferentes âmbitos da vida humana trazendo repercussões positivas para o ser humano.

1.3. A importância das TIC no processo de ensino e de aprendizagem

A introdução de novos meios tecnológicos no ensino, em particular na sala de aula tem-se tornado mais visível. Denota-se que a escola está cada vez mais atenta à necessidade de acompanhar a evolução tecnológica, munindo-se de tecnologia que possa ser utilizada de forma transversal em várias disciplinas (Fernandes, 2011).

Num mundo em que assistimos cada vez mais à difusão da informação e do conhecimento de forma massiva, onde o desenvolvimento científico e tecnológico acontece de forma acelerada e contínua, cada vez mais devemos reconhecer a importância das TIC e da sua aplicabilidade nos processos educacionais.

As TIC vêm trazer às escolas novos desafios para os quais a mesma tem de estar preparada, apostando na formação de professores, para que estes aprofundem saberes técnicos e consolidem metodologias inovadoras, tornando-se capazes de adotar a tecnologia como uma metodologia inovadora.

A integração das TIC em sala de aula pode capacitar a escola de uma prática educativa global, planeada, inserida numa estratégia educativa mais ampla, centrada na renovação das formas de acesso ao conhecimento e oferecendo novas formas de aprendizagem aos alunos (Pires, 2009).

A utilização das TIC na educação assumiu um papel preponderante nos métodos de ensino e no auxílio à prática pedagógica. Numa sociedade de informação, o professor não pode limitar-se a ser um mero transmissor de conhecimento. Compreende-se que a incorporação das TIC na educação só se justifica se promover a melhoria e qualidade do ensino, possibilitando que os alunos construam conhecimento e eles próprios contribuam para o seu desenvolvimento.

As TIC vêm acrescentar uma nova dimensão à escola e não substituí-la, mas estas por si só não melhoram os resultados mas aumentam a motivação dos alunos, pela novidade e pelas

possibilidades inesgotáveis que oferecem. As TIC ajudam a facilitar o processo de ensino e de aprendizagem, sendo uma ferramenta poderosa e uma forte alternativa aos métodos de ensino tradicionais, no entanto, as TIC não devem remeter a uma simples substituição dos métodos tradicionais ou do professor mas antes um papel ativo de mudança na forma como se aprende, como se ensina e na interação entre professores e alunos.

O uso das TIC na escola permite que os alunos partam à descoberta, sendo eles próprios a construir o seu conhecimento, requerido por uma atitude crítica e reflexiva perante o mundo que os rodeia.

A integração das TIC na educação deve ser tida como uma excelente oportunidade para o aluno redescobrir o prazer da aprendizagem, permitindo que surja ou se desenvolva o gosto de aprender, assim os alunos aprendem de forma mais autónoma. A escola em vez de ter como principal função a de transmitir saber, cria contextos propícios à aquisição de saberes e competências básicas, fundamentais nesta sociedade da informação (Barroso *et. Lopes*, 2018).

As TIC podem ser ou não vantajosas dependendo da forma como são utilizadas. Estas possibilitam diferentes ritmos de aprendizagem, potenciam o desenvolvimento das capacidades e de autoexpressão dos alunos e alargam os horizontes da informação. Os novos meios disponíveis pelas TIC aceleraram a expansão eficiente da educação, promovendo o desenvolvimento e são um forte elemento que proporciona ambiente de aprendizagem.

Por outro lado, ainda existem alguns obstáculos à integração das TIC nas escolas, isto porque, alguns professores são ainda incapazes de se adaptarem às inovações, muitas escolas já se encontram equipadas, mas a existência de meios não leva, obrigatoriamente, a sua integração na escola, muitos ainda se demonstram resistentes à mudança e com falta de sensibilidade para o uso das TIC, na escola. Verificam-se, ainda, algumas desigualdades de oportunidades, falta de estruturas, e uso indevido das TIC fora da sala de aula e alguns constrangimentos devido à falta de software adequado e apoio técnico.

Neste contexto, em que verificamos que o recurso às TIC pode ser ou não vantajosos cabe ao professor a responsabilidade de transformar a tecnologia num bom recurso, este deve estar preparado para articular as TIC com outras ferramentas didáticas, contribuindo para a qualidade do ensino e da aprendizagem. A preparação dos professores é algo bastante decisivo, uma vez que, os alunos estão quase sempre prontos para a utilização das TIC.

O recurso às TIC na escola pode ser um importante auxílio para a educação, permitindo que os conteúdos mais aborrecidos e com pouco sentido para os alunos, sejam abordados de uma forma mais atrativa.

1.3.1. O Professor e as TIC

Nos dias de hoje as TIC estão cada vez mais presentes denotando-se uma maior integração das mesmas na educação. Neste sentido torna-se imperativo os professores estarem dispostos a acompanhar as mudanças da sociedade atual, apostando no aprofundamento de saberes técnicos e refletindo sobre metodologias inovadoras, tirando o máximo de partido das potencialidade das TIC na educação (Barroso et. Lopes, 2018).

No contexto da Sociedade da Informação, onde as TIC assumem um papel essencial surge, inevitavelmente, a necessidade da escola se adaptar às mudanças, e assim o professor apresenta um papel essencial enquanto dinamizador de metodologias inovadoras, na sala de aula, com recurso às TIC, integrando-as no processo de ensino e aprendizagem, recorrendo a estratégias educativas inovadoras que oferecem novas formas de aprendizagem simplificando o acesso dos alunos ao conhecimento. Esta pode revelar-se uma tarefa bastante desafiadora para os professores, uma vez que, nem todos são capazes de se adaptar e utilizar as TIC na sua prática profissional, isto porque, neste contexto o professor passa de transmissor de informação para um mediador, assumindo assim um novo papel, onde orienta e guia os alunos no conhecimento, dando mais liberdade a que estes adquiram conhecimento de forma autónoma (Silva, 2008).

Esta realidade implica mudanças nas funções dos professores, tendo este assumido o papel de orientador, mediador, guia e avaliador de aprendizagens. Perante estas novas funções do professor impera que este deixe de ser transmissor de conhecimento e a única fonte de informação, controle e dirija todos os aspetos da aprendizagem e passe a ser um facilitador da aprendizagem, alguém que colabora, guia e participa no processo de aprendizagem e que permite que os alunos sejam responsáveis pela sua própria aprendizagem, disponibilizando-lhes várias opções.

Ao recorrer às TIC em sala de aula, o professor deve desempenhar novos papéis, nomeadamente o de tutor, avaliador contínuo e selecionador das tecnologias, orientador e facilitador de aprendizagens, levando-nos assim a concluir que, o professor apresenta um papel basilar no processo de transmissão e produção do conhecimento. Com recurso às TIC são os próprios alunos que pesquisam a informação consoante as suas necessidades, tendo assim um papel mais ativo no processo de ensino e de aprendizagem. Aqui o professor é um criador de conhecimento e não apenas um reproduzidor de conhecimento.

Para que seja possível recorrer às TIC os professores têm de estar recetivos e ter uma atitude positiva perante as TIC, utilizá-las com alguma destreza, conhecê-las e saber usá-las no contexto educativo, dando-lhe uso didático, planificar o currículo integrando as TIC, apresentar variadas atividades de uso das TIC e utilizá-las em sala de aula para o trabalho colaborativo.

O professor ao adotar as TIC como apoio ao ensino deve manter-se atualizado, tirar partido de todas as possibilidades que as TIC apresentam para a educação e assumir que o recurso às mesmas irá dotar os alunos de uma maior autonomia, transformando-se este no protagonista da sua própria aprendizagem.

1.3.2. O aluno e as TIC

Tendo a utilização das TIC em educação como principal objetivo a ajuda e facilitação do trabalho de aprendizagem do aluno é importante fazer referência ao papel do mesmo neste contexto, estando estes cada vez mais aptos para usar as TIC quer em contexto escolar quer na sua vida (Silva, 2008).

Para que haja aprendizagem com recurso às TIC subentende-se que o sujeito (aluno) interage com qualquer objeto de aprendizagem (TIC), numa determinada situação, ou seja, aqui a aprendizagem é única e exclusivamente constituída por três elementos, o sujeito, o objeto de aprendizagem e a situação de aprendizagem.

Com recurso às TIC, cada aluno aprende à sua maneira e ao seu ritmo, com mais ou menos facilidade, gosto, entusiasmo. Sempre que o aluno é confrontado com a necessidade de aprender, ele é obrigado a recorrer a uma série de estratégias que determinam o percurso de aprendizagem que vai realizar. Desde logo o aluno confronta-se com a necessidade de assumir uma atitude perante os desafios que a aprendizagem coloca e por sua vez a necessidade de aprender pode dar origem a um projeto pessoal de aprendizagem, através do qual cada um deles escolhe a situação de aprendizagem adequada para o realizar. Para que tal se concretize, o aluno tem de saber tratar a informação de forma organizada, sendo igualmente imprescindível que ele seja capaz de, distinguir o que já aprendeu daquilo que ainda pretende aprender, para realizar o seu próprio projeto.

Apesar de o recurso às TIC favorecer as aprendizagens, a aquisição destas depende essencialmente das características intrínsecas de cada aluno.

A utilização das TIC na educação possibilita que seja o aluno a conduzir de forma autónoma as aprendizagens, contribuindo para que este assumia atitudes positivas em relação à aprendizagem e possa sentir-se mais motivado, possibilitando que em sala de aula, este tenha uma participação mais ativa na construção do conhecimento.

Para aprender o aluno tem de tomar várias decisões e executá-las e a forma como este age perante uma determinada situação caracteriza o sucesso ou não das aprendizagens.

As TIC oferecem várias oportunidades ao aluno de aprender de forma independente, sendo ele a conduzir as aprendizagens consoante a flexibilidade que é dada ao aluno. É atribuído ao aluno poder, uma vez que lhe é dada a capacidade deste realizar as suas escolhas. Para

um maior sucesso o aluno é apoiado durante o processo de aprendizagem, sendo-lhe facultados os meios necessários para a aquisição de conhecimento.

As TIC só por si e mesmo tendo bastante potencial, podem não ser suficientemente positivas para as aprendizagens se, não existirem, para além dos fatores aplicáveis aos alunos, condições e elementos de apoio preparados para executarem as suas funções e tarefas através das tecnologias, havendo muito mais implicados no processo de ensino e de aprendizagem com recurso às TIC, para além dos alunos.

1.4. Os recursos Educativos Digitais (RED)

As escolas têm vindo a acompanhar a evolução tecnológica a que temos assistido na nossa sociedade, tanto ao nível de equipamentos como de aplicação passíveis de serem utilizados em sala de aula.

O progresso das TIC trouxe à educação novos recursos, os Recursos Educativos Digitais (RED), que têm permitido uma inovação das práticas letivas nas escolas. Estando as crianças cada vez mais familiarizadas com as TIC, fazendo uso das mesmas com muito regularidade e naturalidade, nas suas atividades do dia-a-dia, à escola é-lhe cada vez mais exigido que tire partido destes recursos, integrando-os no processo de ensino e de aprendizagem (Bastos *et. Ramos*, 2018).

Pode dizer-se que o conceito de RED é relativamente recente, sendo objeto de estudo por parte de vários autores como Carneiro (2010) e Coelho (1999). Para muitos são considerados RED todos os recursos de aprendizagem digital e qualquer material de aprendizagem eletrónica. Estes recursos têm uma finalidade educativa consoante as várias necessidades do sistema educativo, apresentando-se como facilitadores da aprendizagem. Os recursos podem ser fotografias, desenhos, textos, gráficos, entre outros.

Os RED podem ainda ser considerados como sendo uma ferramenta digital muito importante que permite que não haja limites entre a aprendizagem formal e informal.

Tem-se assistido cada vez mais à utilização das tecnologias, sendo uma realidade presente na nossa vida e que tem vindo a provocar impacto em vários setores da sociedade, tornando-se cada vez mais imperativo o recurso às TIC na realização de algumas tarefas. Sendo a escola uma das grandes responsáveis pelo desenvolvimento social e académico dos alunos, esta deve acompanhar a realidade, adaptando-se ao mundo de hoje, promovendo junto dos alunos aprendizagens mais significativas com recurso às diversas potencialidades que as tecnologias nos oferecem. De igual forma, os professores devem estar abertos à integração das TIC em sala de aula, facilitando e tornando mais motivador, dinâmico e eficaz o processo de ensino e de aprendizagem (Carneiro, 2010).

Tem-se assistido com mais frequência a experiências de sucesso no âmbito da integração dos RED na educação, mostrando a dedicação e esforço dos professores em se adaptarem a um contexto favorável à utilização dos RED nas suas aulas, uma vez que, estes recursos se caracterizam pela sua flexibilidade, acessibilidade ou mobilidade (Carneiro, 2010).

A integração dos RED na educação através das potencialidades dos diferentes recursos e ferramentas digitais, permite a dinamização mais eficaz do trabalho desenvolvido nas escolas dando um contributo bastante positivo no processo de aprendizagem.

Assim, consideramos que numa sociedade cada vez mais evoluída tecnologicamente, fazendo a tecnologia parte do nosso dia-a-dia, a escola não pode de forma alguma ficar indiferente a estas mudanças e inovações permitindo que cada vez mais os RED sejam integrados no sistema educativo.

1.4.1. Aparelhos/ dispositivos

1.4.1.1. Computador

O computador tal como o conhecemos, é uma invenção do século XX, que tem vindo a sofrer alterações/ atualizações ao longo dos anos. Os computadores tornaram-se muito mais rápidos, com muito mais capacidade de armazenamento de dados e programas, e mais compactos, facilitando cada vez mais a sua utilização e funcionalidade e simplificando uma mais vasta diversidade de tarefas (Coelho e Coelho, 1999).

Aquando da 2.^a Guerra Mundial deu-se a maior evolução dos computadores, uma vez que, os mesmos foram essenciais para o cumprimento de determinados objetivos, como por exemplo o de decifrar os códigos militares dos inimigos, sendo os computadores imprescindíveis.

Os computadores foram durante muito tempo tidos como máquinas de partilha, o que não se verifica nos dias de hoje, uma vez que, pertencem apenas a um utilizador, os chamados computadores pessoais (PC), desempenhando atualmente diferentes tarefas como a de trabalhar, comunicar, entreter e socializar.

O computador é hoje utilizado por um maior número de pessoas quer na vida pessoal como profissional, de fácil acesso, utilizados em casa, no trabalho, nos serviços públicos.

A presença do computador na educação pode acarretar imensas vantagens ao processo de ensino e de aprendizagem, devendo sempre o seu uso ser devidamente planificado para o uso mais correto desta máquina. Em contexto de sala de aula, sempre que utilizado, o professor deve ter presentes os objetivos que pretende alcançar com a atividade que está a desenvolver. Sempre que o professor opte por utilizar o computador como recurso em sala

de aula deve conhecer as funcionalidades do mesmo, domínio técnico e conhecer as potencialidades pedagógicas do computador.

1.4.1.2. Tablet

O *Tablet* não é um dispositivo tão recente como se imagina, este foi criado antes do conhecido *Ipad*, mais especificamente no século XIX, época em que Elisha Gray desenvolveu um mecanismo capacitado para enviar uma escrita manual de um mecanismo para o outro.

O *Tablet pc* foi o primeiro dispositivo a chegar ao mercado, dispositivo este que era operado pelo toque de uma caneta especial.

Foi em 2002 que a Microsoft apresentou o *Tablet Pc* com *Windows xp*.

O *Tablet* é um dispositivo de caracter pessoal que dá acesso à Internet, visualizar fotos, vídeos, ler livros, jornais e revistas, para entretenimento e jogos. Tem um ecrã tátil, pode ter como dispositivos de entrada camaras fotográficas, microfone, *GPS*, entre outros.

Grande parte dos *tablet's* possuem uma placa de rede *WI-FI* para comunicação com internet (<https://pt.wikipedia.org/wiki/Tablet>).

1.4.1.3. Smartphone

Um *Smartphone* é um telemóvel em que são combinados recursos de computadores, com funcionalidades executadas pelo seu sistema operacional, denominados de aplicações. Os *Smartphone* estão capacitados para conectarem com redes sociais, para o acesso à internet, sincronização dos dados do organizador com um computador pessoal, contatos, permite ainda jogar, filmar, entre outras funcionalidades (<https://pt.wikipedia.org/wiki/Smartphone>).

Esta tecnologia móvel tem sido cada vez mais utilizada nas escolas, como suporte à aprendizagem, isto porque, o *Smartphone* permite o acesso mais facilitado a recursos interativos e multimédia, possibilitando que os alunos tenham acesso imediato à informação quando e onde quiserem (Coelho e Coelho, 1999).

Quem utiliza os *Smartphone* consegue aceder a conteúdos adaptados às suas necessidades, assim, ao serem utilizados em sala de aula permitem que as aulas deixem de ser centradas no professor, passando a ser centradas no aluno, demonstrando ser um método de aprendizagem mais prático, onde o aluno participa mais ativamente e

personalizado às suas necessidades, sendo este capaz de aprender a resolver problemas de forma mais simples.

1.4.2. Ferramentas Office

As ferramentas *Office* foram desenvolvidas pela *Microsoft* sendo estas compostas pelos aplicativos *Microsoft Word*, *Microsoft Excel* e *Microsoft PowerPoint*.

1.4.2.1. PowerPoint

A ferramenta *PowerPoint* é uma ferramenta de apresentação e uma das mais utilizadas pelos professores e alunos para apresentarem informação em sala de aula, como trabalhos ou até introdução de novos conhecimentos.

O *PowerPoint* é utilizado para criar apresentações visuais, estando capacitado de várias ferramentas que podem ser usadas facilmente e que permitem criar apresentações simples, divertidas, complexas e profissionais, podendo incluir textos, imagens, vídeos, sons, diferentes animações e músicas.

1.4.2.2. Word

A ferramenta *Word* é um processador de texto que pode ser utilizado para a produção de trabalhos para áreas diferentes, oferecendo também a possibilidade de adicionar e editar imagens ao longo do texto.

Esta ferramenta pode ser utilizada em qualquer tipo de computador possibilitando a criação de documentos simples ou complexos, como textos, tabelas, quadros, relatórios, cartas, ofícios, procurações, trabalhos, entre outros.

No contexto escolar esta ferramenta é muito utilizada na criação de histórias e textos descritivos, redação de trabalhos, projetos e pesquisas, construção de fichas, entre outras.

O *Word* disponibiliza uma barra de ferramentas onde é possível, a quem trabalha com ele, aceder a várias opções de formatação de texto.

1.4.3. Internet

No início da Guerra Fria, em 1960, os Estados Unidos da América e a União Soviética debatiam-se pelo controlo do mundo. Durante este tempo pretendiam criar uma rede descentralizada de comunicações. Assim, no início da década de 70 surgiu a ideia de criar uma rede onde as mensagens eram separadas em pacotes, ou seja, dividida em partes, para que no caso de haver falhas na rede de um determinado pacote houvesse a possibilidade de ser destruído sem interromper o percurso dos outros. Desta forma, para que fosse possível a conexão entre os diversos computadores e o percurso dos pacotes não fosse interrompido foi criado o Protocolo Internet, sendo mais tarde substituído pelo Protocolo TCP (Transmission Control Protocol) (Bastos, 2011).

Segundo Tesouro & Puiggalí (2004, cit. por Bastos, 2011, p. 164), o ano de 1983 é considerado o ano de nascimento da Internet, quando se separa a parte militar da parte social da rede.

Com o passar dos anos a *Internet* foi evoluindo cada vez mais e passando a ser do interesse dos jovens, verificando-se um aumento na sua utilização.

A *Internet* veio acarretar inúmeras vantagens e algumas desvantagens. Vantagens como o facto de ser capaz de entreter, informar, educar, comunicar, conhecer pessoas e promover a criatividade, trabalhar à distância de forma colaborativa e cooperativa, desenvolver as habilidades de procura, seleção e organização de informação, enviar mensagens eletrónicas, como arquivos, imagens, vídeos.

Em relação às desvantagens a não proteção dos dados, risco de adição na utilização de *internet* e jogos e acesso a mensagens abusivas ou obscenas.

A *Internet* veio mostrar inúmeras potencialidades mostrando ser possível a quebra de barreiras linguísticas, políticas e socioculturais.

No contexto escolar, a utilização da *Internet* pode aumentar a motivação dos alunos pela aprendizagem, participação e empenho nas atividades, tendo-se tornado numa ferramenta essencial para os professores e alunos.

1.4.3.1. As ferramentas Web 2.0

A *Web* foi desenvolvida para ser utilizada como compilação do conhecimento humano, que permite que as pessoas em locais distintos comuniquem entre si (Cruz, 2008).

Um dos aspetos da *Web* é a sua funcionalidade social, isto porque, há a possibilidade de publicação e criação de conteúdos que são partilhados entre utilizadores. O seu carácter

social baseia-se na comunicação e colaboração entre pessoas sem grandes barreiras de tempo e espaço.

A *Web 2.0* veio revolucionar as aplicações existentes, no que diz respeito à oferta de espaços de livre acesso, escrita e produção de conteúdos gratuitamente, sendo uma das suas características a de que o utilizador é apenas um recetor de informação que existe na rede.

A *Web 2.0* possui vários recursos que possibilitam a sua utilização em contextos educativos, isto é, no processo de ensino e de aprendizagem, permitindo assim que quem a utiliza seja emissor e recetor, assim como, autor de conteúdos (Cruz, 2008).

A grande maioria dos serviços e ferramentas da *Web 2.0* detêm algumas funcionalidades que estão na base do trabalho colaborativo, tais como a funcionalidade de definir o próprio perfil assim como o de outras pessoas, isto porque, nas redes sociais é possível seleccionar contactos e administrar o nível de privacidade e acesso à informação. Existe ainda a funcionalidade para a comunicação, pois as pessoas podem comunicar sem estarem presentes num local a uma determinada hora.

Uma outra funcionalidade é a de criação e publicação conjunta, permitindo a realização de várias contribuições individuais e trabalhar para o produto final a partir delas.

A *Web 2.0* mostra-nos várias ferramentas como *blogues*, o *YouTube*, o *Email*, as *WebQuest*, entre outras. Nos dias de hoje estas ferramentas dão a possibilidade ao utilizador de facilmente visualizar e partilhar vídeos, sendo o *YouTube* o mais utilizado com esse objetivo.

1.4.3.2. YouTube

O *YouTube* é uma plataforma de partilha de vídeos, criada por Chad Hurley, Steve Chen e Jawed Karim em fevereiro de 2005 (Cruz, 2008).

Inicialmente este serviço consistia em partilhar conteúdos audiovisuais como excertos de filmes, de programas televisivos, *videoclipes* e conteúdos produzidos por amadores, utilizando o *Macromedia Flash*.

A publicação de vídeos pode ser feita por qualquer pessoa, desde que seja criada uma conta, e a partir dela se carregar vídeos de produção própria e disponibilizá-los para o público. O utilizador pode facilmente visualizar e partilhar vídeos.

Quando o utilizador cria uma conta têm um formulário onde pode adicionar instruções, dicas ou comentários que irão aparecer depois de o vídeo estar disponível, podendo os comentários ser geridos por este.

Nos dias de hoje o *YouTube* é muito popular e utilizado, este é uma ferramenta com algumas vantagens, nomeadamente o facto de ser gratuita, de controlo rigoroso da informação que é publicada e disponibilizada pelo utilizador.

No contexto educativo o professor pode ainda utilizar o *TeacherTube*. Criado por Jason Smith e disponível a partir de 2007. Este é um *site* de partilha de vídeos tal como o *YouTube*, mas dirigido para um público mais restrito, ou seja, é direccionado para o ensino/educação (Cruz, 2008).

1.4.3.3. A plataforma “Aula digital”

A plataforma “Aula digital” foi criada pela Leya. É um projeto *online* bastante inovador na educação. Esta plataforma permite estudar os conteúdos *online* e *offline* das disciplinas, do 1.º ao 12.º ano.

A plataforma “Aula digital” contém vários recursos e ferramentas de exploração de conteúdos programáticos, tais como, testes, vídeos, animações e interatividades e acesso a manuais digitais.

A plataforma está em constante atualização e evolução, é de fácil utilização, sendo possível aceder através do *site* <https://auladigital.leya.com/>. A sua utilização pode ser individual e institucional (pela escola).

Alunos, professores e instituições têm acesso a esta plataforma através de uma *password* que permite privacidade dos diferentes utilizadores.

Os alunos têm acesso a aulas digitais, testes, manuais, exames e banco de recursos organizado pelo currículo nacional das principais disciplinas, do 1.º ao 12.º ano, sendo um banco indicado para estudar, fazer pesquisas, trabalhos e testar os conhecimentos dos alunos.

Já os professores podem aceder a aulas interativas, testes e todos os recursos que esta plataforma disponibiliza, banco de recursos digitais que estão organizados por ciclo, ano, disciplina e temas curriculares, permitindo aceder a vídeos, apresentações, sínteses, explicações, animações, testes interativos, simuladores e muito mais, dando a possibilidade do professor lecionar os conteúdos programáticos das disciplinas, pela sequência que o mesmo pretenda.

No perfil de instituição é possível escolas e professores comunicarem de forma simples com os alunos, criando turmas ou grupos de trabalho, atribuindo tarefas, trabalhos, testes, com controlo da sua execução, acesso a testes de correção automática a relatórios de desempenho dos alunos, permitindo fazer o diagnóstico e acompanhar a evolução dos mesmos. Neste perfil ainda é possível aceder ao banco de recursos que permite fazer pesquisas, em segurança, para trabalhos de grupo.

A plataforma “Aula digital” destina-se a todas as instituições que lecionam os níveis de 1.º ao 12.º ano de escolaridade do ensino regular e profissional, às escolas privadas, às autarquias e aos centros de estudos.

Ao recorrer à plataforma “Aula digital” são aplicadas as TIC no contexto de sala de aula, proporcionando um variado conjunto de recursos interativos, que podem ser utilizados tanto pelo professor como pelo aluno, havendo assim a possibilidade de aceder a um método de estudo mais atrativo e estimulante.

Capítulo 2- Metodologia de Projeto

A sociedade atual caracteriza-se por um rápido e grande desenvolvimento científico e tecnológico, e consequentemente há necessidade que esteja disponível cada vez mais informação e conhecimento. Os alunos vão tendo cada vez mais acesso a informação variada, de uma forma rápida e fácil. Neste sentido, é exigido às escolas e aos professores que ajudem os alunos a compreenderem, a interagirem e a mobilizarem a informação a que têm acesso, para que os alunos deem sentido e utilidade àquilo que aprendem (Abrantes *et al.*, 2002).

A escola deve criar oportunidades para que os alunos construam aprendizagens e adquiram competências diversas, estando a escola e os professores obrigados a promoverem situações de ensino e de aprendizagem de saberes úteis, do saber fazer, saber ser, saber viver juntos e com os outros. Para além disso, a escola deve estimular a capacidade dos alunos na mobilização dos diferentes saberes e competências, para que, sejam capazes de responder às exigências da vida pessoal, social e profissional (Leite *et al.*, 2001).

Face ao fenómeno de massificação que temos assistido nas nossas escolas, cada vez mais a realidade escolar é marcada pela existência de alunos com características e necessidades muito diferentes. Assim, o professor e a escola devem tentar dar resposta a toda esta diversidade de alunos e às exigências sociais, criando situações pedagógicas que permitam que os alunos sejam capazes de construir aprendizagens, sendo o currículo gerido de forma flexível, tendo em conta as necessidades e os interesses de cada aluno, apostando no recurso a estratégias pedagógicas diferenciadas que promovam um maior número possível de aprendizagens (Ferreira, 2013).

Uma vez que a escola está diretamente ligada à vida dos alunos, tem havido uma maior preocupação de integração curricular através de um processo de ensino e de aprendizagem baseado em projetos pedagógicos, resultantes dos interesses e necessidades dos alunos ou da sociedade (Mateus, 2011).

Neste contexto, é utilizada a metodologia de trabalho de projeto, com vista a que, os alunos assumam um papel mais ativo no processo de ensino e de aprendizagem e por fazerem através da mesma, aprendizagens significativas, úteis e integradas.

O ensino e aprendizagem por projetos vêm ao encontro dos interesses e necessidades dos diferentes alunos, sendo um método de ensino e aprendizagem que pode dar resposta a toda a diversidade existente nas escolas. A metodologia de trabalho de projeto pode afirmar-se como umas das respostas pedagógicas mais adequadas às necessidades dos alunos, isto porque, o trabalho de projeto tem como estrutura projetos que surgem de problemas do interesse dos alunos, normalmente manifestados por questões ou curiosidades que são elaboradas pelos alunos e sob a orientação do professor. Ao procurarem respostas para estes problemas, os alunos, agrupam-se consoante os interesses comuns, pesquisam informação das várias áreas do saber e mobilizam-nas para a elaboração de respostas às suas questões (Ferreira, 2010).

Pode afirmar-se que através da aprendizagem por projetos são desenvolvidas competências essenciais nos alunos para o seu sucesso escolar e para a vida ativa na sociedade como a cooperação, a tomada de decisões, a seleção e a análise de informações, a autonomia, a responsabilidade e o aprender a aprender (Many *et. al*, 2006).

Na atualidade já não é adequado e suficiente que o ensino se baseie na transmissão de saberes fragmentados e desligados das experiências de vida dos alunos. À educação escolar é-lhe cada vez mais exigido que dê resposta às necessidades dos alunos e da sociedade e promova condições pedagógicas para que os alunos sejam capazes de saber gerir e selecionar toda a informação, só assim a educação será significativa para os alunos. Neste contexto, o método de trabalho de projeto mostra-se fulcral, uma vez que, é utilizado como uma forma de ensino e de aprendizagem mais próxima das necessidades e interesses dos alunos (Ferreira, 2010).

2.1. História da Metodologia de Projeto

A metodologia de trabalho projeto ou também denominada de método de projeto foi sugerido por Kilpatrick, em 1918, aquando da publicação de um artigo intitulado “The Project Method”, cujo objetivo seria o de construir um método de ensino e de aprendizagem alternativo a um ensino abstrato e meramente transmissivo, sem qualquer interesse para os alunos e que não correspondia às suas necessidades (Ferreira, 2013).

Kilpatrick defendia que o ensino deveria ser centrado em dar respostas aos alunos, tentando ir ao encontro dos seus interesses, dando resposta às suas necessidades. Para que essas necessidades fossem satisfeitas, os alunos planeavam e realizavam atividades de pesquisa

em pequenos grupos, que iriam resultar em produtos com as respostas sintetizadas. Com recurso à metodologia de trabalho projeto, os alunos, são capazes de pensar e agir, tornam-se mais confiantes e conseguem mais facilmente dar respostas às suas necessidades.

Entende-se, assim, metodologia de trabalho de projeto como, (Rangel, 2003, p. 12) “um estudo aprofundado de um assunto ou problema que um grupo, mais ou menos alargado, de crianças leva a cabo a partir de um interesse forte dos seus elementos e baseado numa planificação conjunta do próprio grupo”.

O pedagogo filósofo e psicólogo John Dewey foi o fundador da pedagogia em que a metodologia de trabalho de projeto que era desenvolvida na escola e que enquadrava o processo de ensino e de aprendizagem era denominada de Pedagogia de projeto. Este pedagogo, escreveu, em 1925, um livro intitulado “Experiência e Natureza”, onde propunha um currículo centrado na criança e nas suas necessidades de pesquisa. Ele recomendava que a escola fosse um lugar onde imperava a democracia e houvesse lugar a debates, onde o aluno tinha um papel ativo no processo de ensino e de aprendizagem, sendo mais participativo na aquisição dos seus conhecimentos (Abrantes *et al.*, 2002).

Para John Dewey, um projeto implicava um processo de reflexão comum, para que o mesmo se desenvolvesse, sendo igualmente essencial a observação das condições do ambiente onde é idealizado, a aquisição do conhecimento do que se passou em situações passadas, assim como, uma abordagem sintetizante da observação do futuro e o conhecimento do passado, identificando o seu significado. Neste sentido o pedagogo defende que um projeto é um método que permite mais liberdade de ideias para a ação, tem uma dimensão social e cultural, que permite que as pessoas aprendam experimentando (Abrignani *et al.*, 2000).

Em Portugal, o trabalho de projeto foi iniciado aquando do surgimento de uma área curricular não disciplinar designada de “Área- escola”, no contexto das reformas curriculares do ensino básico e secundário nos finais da década de oitenta início da de noventa do século XX (Rangel, 2003).

Mais tarde, com a reorganização curricular do ensino básico, em 2001, e com a do ensino secundário, em 2004, a Área- escola passou a denominar-se de “Área de Projeto”, tratando-se de uma área curricular não disciplinar que, não tendo um programa definido, se concretizava através da elaboração e desenvolvimento de um projeto, resultado dos interesses dos alunos, havendo contributo de todas as áreas curriculares ou disciplinas. Independentemente da existência da área de projeto, era utilizado o trabalho de projeto em várias áreas curriculares ou disciplinas, como método de ensino e aprendizagem, através do qual eram criadas condições para os alunos construírem aprendizagens significativas dos conteúdos programáticos.

2.2. Conceito de Metodologia de Projeto

O conceito de projeto deriva do latim *projicere* que tem como significado lançar para a frente e este conceito foi utilizado pela primeira vez no século XIV, inicialmente utilizado por arquitetos e só mais tarde, no século XVII, o conceito de projeto começou a surgir associado a outros domínios, mais especificamente à evolução social. Nos séculos XIX e XX o conceito de projeto apareceu ligado a trabalhos filosóficos e foi introduzido na educação, tendo como referência o pensamento de John Dewey. Este defendia a ideia de que a educação devia consistir numa pedagogia aberta em que o aluno fosse ator da sua própria formação através de aprendizagens concretas e significativas (Abrignani, 2000).

Numa perspetiva pedagógica, o trabalho de projeto começou inicialmente a ser utilizado em contextos de formação de professores, em áreas ligadas aos trabalhos manuais, mas tudo indica que foi Kilpatrick, a referir a importância do trabalho de projeto enquanto método educativo (Abrantes *et al.*, 2002).

Segundo Abrignani (2000) os projetos têm objetivos bem determinados e pretendem solucionar um problema definido no início do mesmo, implicando análise e pesquisa. Estes devem ser realistas, uma vez que, as suas metas/objetivos devem ser alcançáveis; são limitados no tempo e no espaço porque têm início, meio e fim e são desenvolvidos num local e contexto específicos; são complexos porque têm que ser devidamente planeados e envolvem diversos indivíduos; são coletivos porque são realizados por um grupo de pessoas envolvendo diversos parceiros; são únicos porque proporcionam respostas específicas a um problema; são uma aventura, pois todos os projetos são diferentes e inovadores e podem ser avaliados.

2.3. Características da Metodologia de Projeto

A metodologia de trabalho de projeto é desenvolvida em grupo, consiste numa pesquisa no terreno, onde há uma dinamização da relação existente entre a teoria e a prática, pretendendo-se que haja produção de conhecimentos sobre os temas que estão a ser estudados. O desenvolvimento deste inicia-se com a planificação, que deve ser flexível e passível de ser alterada, consoante as necessidades do projeto (Ferreira, 2009).

A metodologia de trabalho de projeto tem como características o facto de ser uma metodologia de resolução de problemas que parte destes, procurando respostas pertinentes e relevantes para os envolvidos no trabalho. A procura de respostas e/ou soluções exige que haja uma

planificação e distribuição de tarefas, para que, a recolha de dados e de informação, feita em conjunto, seja o mais fiável possível. Posteriormente a informação e os dados recolhidos individualmente ou em pequeno grupo terão que ser tratados e organizados para retorno ao grande grupo.

Todo o trabalho desenvolvido com recurso à metodologia de trabalho projeto deve resultar num “produto final” que seja enriquecedor para todos os envolvidos, em termos de conhecimento/ compreensão/ solução do(s) problema(s) ou questão(ões) inicialmente colocados.

Logo, a metodologia de trabalho projeto, em contexto escolar, promove: uma educação motivada e aberta, onde se procura ir ao encontro dos interesses dos alunos, mantendo-os estimulados e ganhando hábito de questionamento sobre aquilo que os rodeia; uma educação participada e partilhada, em que os alunos se sentem envolvidos na planificação do trabalho a realizar, tanto a nível conceptual como funcional; uma educação cooperativa e em integração: que o grupo/classe trabalha em conjunto, em colaboração, em cooperação; uma educação integrada e integral: que se mobilizem recursos mais alargados, para a procura de respostas e para uma compreensão global do problema (Ferreira, 2009).

Assim, neste contexto, podemos concluir que a Metodologia do Trabalho de Projeto promove aprendizagens, onde os alunos aprendem pesquisando e descobrindo por si, não adquirindo conhecimentos apenas pela informação transmitida pelo professor. Os temas desenvolvidos vão ao encontro das necessidades e interesses dos alunos, antecipando a participação ativa dos mesmos.

2.4. Etapas da Metodologia de Projeto

Vários autores vêm apresentar diversas propostas para as etapas da metodologia de trabalho projeto, no entanto, todas elas preveem uma estrutura comum, com os seguintes aspetos: o diagnóstico de problemas, questões ou temas de interesse dos alunos e/ou sociais; a clarificação dos objetivos a atingir; a elaboração de um plano de ação; e o desenvolvimento do projeto que culminam com a comunicação dos resultados atingidos (Ferreira, 2010).

Tendo como referência Rangel (2003), Ferreira (2010) considera como pertinentes três etapas da metodologia de trabalho de projeto: 1.^a fase de arranque e planificação; 2.^a fase de desenvolvimento do projeto; 3.^a fase da conclusão e da avaliação final.

Numa primeira fase dá-se início ao diagnóstico do tema e das questões dos alunos, ou do (s) problema (s) que os mesmos pretendem estudar e que irão dar origem e sentido ao projeto. Assim que realizado o diagnóstico, constata-se o que os alunos já sabem sobre o

tema/ problema selecionado, ou seja, são diagnosticados os conhecimentos prévios destes, que servirão de base às questões iniciais, questões essas que irão delinear os objetivos do projeto e partindo daí é negociado com os alunos o plano de atividades que irá contribuir para atingir os objetivos e, assim, dar resposta às questões.

Na fase seguinte e após a elaboração do plano de ação, em cooperação com os alunos estes realizam as atividades previstas recorrendo a meios diversificados e previamente estabelecidos no plano, recorrendo à seleção de informações necessárias e pertinentes fazendo o tratamento e análise dessa informação. Partindo dos saberes adquiridos, faz-se uma síntese em produtos como por exemplo, cartazes, livros, relatórios, entre outros.

Aquando da realização das atividades, é essencial que os alunos vão fazendo avaliações intermédias, recorrendo a auto e heteroavaliações, que possibilitam a verificação do cumprimento do plano delineado inicialmente, constatando se as atividades até então realizadas lhes permitem encontrar as respostas para as suas questões, quais as dificuldades que estão a ter e as necessidades que surgiram. Estas avaliações possibilitam que, os alunos vão controlando e responsabilizando-se pelo desenvolvimento do projeto, reajustando, sempre que necessário, o plano de atividades.

Na fase da conclusão e da avaliação final dá-se por terminado o projeto que apenas se considera concluído com a organização e preparação da apresentação do projeto, na qual os alunos expõem e explicam os trabalhos e os produtos e verbalizam/ transmitem as aprendizagens adquiridas. Mas o projeto só é verdadeiramente considerado concluído, com a avaliação final do mesmo, momento em que, os alunos e professor fazem uma comparação das ideias prévias com as aprendizagens feitas e avaliam se os objetivos do projeto foram cumpridos, assim como a participação de cada aluno no mesmo. A avaliação irá possibilitar que os alunos constatem aspetos a melhorar em projetos futuros.

A elaboração e desenvolvimento de projetos seguindo as etapas apresentadas criam condições para que os alunos consigam abordar temas/ problemas de forma mais global, independentemente da complexidade dos mesmos, desenvolvendo competências essenciais quer para aprenderem a aprender, quer para a sua vida em sociedade (Ferreira, 2010).

Assim, a metodologia de trabalho de projeto é uma excelente possibilidade pedagógica que poderá ser utilizada no processo de ensino e de aprendizagem em todos os níveis de ensino, proporcionando aos alunos diferentes experiências e aprendizagens. É fundamental no processo de ensino e de aprendizagem dos alunos porque desenvolve a sua autonomia, o espírito de entreajuda e a capacidade de lidar com novas experiências e de trabalhar em grupo.

2.5. O papel do Professor e dos alunos na Metodologia de Projeto

O professor desde sempre desempenhou um papel essencial no processo de aprendizagem e no desenvolvimento das capacidades cognitivas dos alunos. Entretanto com o recurso à metodologia de trabalho de projeto este papel veio sofrer algumas alterações, fruto também, das mudanças significativas dos tempos atuais, em comparação com o passado, uma vez que, antigamente, os professores detinham todo o saber, sendo meros transmissores do mesmo e os alunos simplesmente retinham o que lhes era transmitido. Nos dias de hoje, com as tecnologias de informação e comunicação o professor já não é o emissor privilegiado do saber, isto porque, as tecnologias dão a possibilidade a qualquer pessoa de aceder a um enorme manancial de informação, em diferentes suportes (Ferreira, 2013).

Neste sentido cabe então ao professor o papel decisivo de orientar os seus alunos na pesquisa, recolha e seleção da informação relevante, que possam contribuir para a construção do seu próprio conhecimento. O professor assume o papel de orientador, que conduz os seus alunos no caminho para a aprendizagem.

Tendo em conta esta realidade, podemos afirmar que existem dois tipos de ensino, aquele que é centrado no professor, onde este apresenta os objetivos e conteúdos da aula e os relaciona com os conhecimentos prévios dos alunos, sendo o professor a decidir os passos e as estratégias a realizar, com vista às aprendizagens dos seus alunos.

Assim o professor encontra-se no centro da sala de aula e dá todas as instruções, sendo a participação dos alunos quase nula, isto porque, é o professor que toma todas as decisões, o aluno é um elemento passivo na sala de aula porque o professor controla o processo de aprendizagem dos seus alunos caracterizando-se como sendo um ensino tradicional.

Por sua vez, o ensino centrado no aluno, este é encorajado pelo professor a participar ativamente nas aulas e na sua aprendizagem, em vez de ser um elemento passivo. Os alunos estão implicados na sua própria aprendizagem, desenvolvendo atividades que os ajudam a construir o seu próprio conhecimento. O professor não assume o papel de transmissor de conhecimentos, mas antes propõe estratégias e atividades que envolvem o aluno na aprendizagem.

Com o aparecimento e evolução das novas tecnologias, que virão a revolucionar ainda mais o processo de ensino e de aprendizagem, prevê-se que a educação será baseada na capacidade do aluno construir os seus próprios conhecimentos, uma vez que, estes ao recorrerem ao computador e à internet conseguem ser mais autónomos na sua aprendizagem, realizando, por exemplo, diversas pesquisas sobre conteúdos que estejam a aprender. No entanto, para que tal aconteça, o professor tem o papel mais importante porque tem que orientar os seus alunos nesse sentido, isto porque, para que haja promoção

de aprendizagem dos alunos é importante o professor desenvolver continuamente um acompanhamento da trajetória destes, tentando perceber o que ainda falta aprender e assumir o desafio de ser melhor cada dia.

O professor assume na educação um papel fundamental, porque sem ele não é possível adquirir conhecimentos, este é capaz de mudar a vida de uma criança ou adulto. Esta construção de conhecimento só será totalmente possível se existir a escola, pois é o lugar socialmente favorável a que tal se concretize, sendo lá que a ação do professor se representa como transformadora.

Na educação os pais também têm um papel importante, uma vez que, ajudam na construção e no desenvolvimento da personalidade dos seus filhos, no entanto, os professores também têm um papel importante nesse sentido, isto porque, a escola é o primeiro ambiente que a criança encontra fora da sua família, sendo inevitável que os colegas substituam os professores e a família. Neste contexto o professor deve ter consciência que não tem como tarefa apenas orientar os alunos na construção de conhecimento, mas também de exercer uma determinada influência na construção da personalidade das suas crianças, pois estes são a ponte mais importante da passagem do mundo infantil para o mundo adulto (Ferreira, 2013).

Ao professor também lhe cabe a função de mediador, pois este deve estabelecer uma ligação entre o conhecimento e o aluno para que este aprenda a pensar, a ser autônomo, a questionar-se por si próprio, deixando de ser um sujeito passivo que recebe as informações do professor como se fosse um depósito, tendo assim o aluno a oportunidade de atuar e de ser protagonista numa aula, ou seja de expor os seus conhecimentos (Abrantes *et al.*, 2002).

Mais especificamente no contexto da metodologia de trabalho de projeto, o professor tem o papel de orientador nos projetos pedagógicos, devendo orientar os seus alunos na pesquisa e descoberta, proporcionando a autonomia dos alunos para estes construírem a aprendizagem (Ferreira, 2013).

Aquando do trabalho de projeto, o professor deve estar muito atento às necessidades dos diferentes grupos, orientá-los, disponibilizando-se para apoiar o trabalho de cada grupo. Já o aluno quando desenvolve um projeto deve aprender fazendo, criar questões/problemas de investigação, ser capaz de contextualizar conceitos já aprendidos e descobrir novos conceitos que vão surgindo ao longo do desenvolvimento do projeto. Para que tal aconteça, o aluno tem que saber pesquisar e selecionar toda a informação que encontra, deve também tomar decisões, trabalhar em grupo, aceitar as decisões dos outros, ou seja desenvolver competências interpessoais.

Neste contexto a orientação de um professor é essencial, porque o aluno precisa de alguém para questionar, para o ouvir, para guiar o seu trabalho, construindo assim o seu conhecimento (Ferreira, 2013).

Em conclusão, podemos afirmar que num projeto existe uma meta que pretende ser atingida, meta esta partilhada entre professor e alunos. De salientar a importância de que um trabalho projeto é utilizado como uma resposta a um problema que foi definido por professor e alunos conjuntamente.

2.6. A avaliação de Metodologia de trabalho de projeto

A avaliação desde sempre fez parte da prática da educação escolar, variando ao nível do entendimento e da sua prática, ao longo dos tempos, consoante os contextos e as perspetivas.

Atualmente a avaliação é tida como um processo de recolha e de análise de informações, partindo de um referente, que é expressado em critérios ou em normas de avaliação, resultando de todo este processo, juízos de valor, que são manifestados em diferentes formas, tendo em conta as funções e finalidades com que a avaliação é feita (Ferreira, 2009).

No contexto da metodologia de trabalho de projeto, a avaliação surge ao longo de todo o processo, ou seja, no início do projeto, no desenvolvimento e no final (Abrignani, 2000).

Na avaliação na fase inicial do projeto é feito um diagnóstico dos interesses dos alunos, que são manifestados na forma de questões ou de temas que gostavam de explorar, seguindo-se o levantamento dos conhecimentos prévios dos alunos, em relação às questões ou temas. Depois deste levantamento o professor deve fazer um registo em instrumentos adequados para o efeito, criando condições para a elaboração da planificação das atividades a realizar, que irão dar respostas às questões, permitindo o desenvolvimento do projeto (Ferreira, 2009).

Ao longo do desenvolvimento do projeto, em que os alunos realizam as atividades sob a observação do professor, este vai avaliando as informações recolhidas e a sua pertinência, recolhendo o feedback sobre os êxitos conseguidos e as dificuldades sentidas pelos alunos, intervindo de forma atempada para que possa encaminhar os alunos no melhor sentido para a conclusão do projeto. Nesta fase da realização o professor verifica as aprendizagens e as dificuldades que os alunos podem sentir, verifica as aprendizagens feitas e a participação no trabalho de grupo, sendo esta avaliação essencial, uma vez que o professor se apercebe se é necessário fazer alguma alteração nos objetivos.

A avaliação que é feita no final do projeto, é desenvolvida logo que os alunos tenham cumprido a planificação, ou seja, respondido a todos os objetivos. Esta avaliação avalia as aprendizagens dos alunos e o próprio projeto (Abrignani, 2000).

A avaliação das aprendizagens dos alunos é feita tendo como base a análise e síntese das informações presentes nos vários produtos elaborados, sendo desenvolvida através do diálogo entre professor e alunos. Os alunos comparam as suas ideias iniciais com as aprendizagens feitas, tendo como objetivo a consciencialização das mesmas e, em consequência, as mudanças conseguidas.

A avaliação final é realizada com o intuito de ser gerado um juízo final global acerca das aprendizagens feitas pelos alunos, sobre o cumprimento, ou não, dos objetivos do projeto e sobre o funcionamento do grupo, recolhendo informações que ajudam os alunos na aprendizagem e permitindo a estes melhorar em futuros projetos que possam ainda realizar. A avaliação ao longo de todo o processo da metodologia de trabalho de projeto é imprescindível, uma vez que, se trata de um momento de aprendizagem por parte dos alunos, sendo fundamental que todo o processo se desenvolva de forma positiva, sem ou com o mínimo de falhas possíveis.

PARTE 2- Parte prática

Capítulo 3- Caracterização do contexto da Prática de Ensino Supervisionado

Por forma a contextualizar o contexto da Prática de Ensino Supervisionada é importante fazer uma caracterização desse mesmo contexto, fazendo referência ao meio envolvente, à escola, à sala de aula e à turma.

Importante referir que, a Prática de Ensino Supervisionada foi desenvolvida nas disciplinas de Português e História e Geografia de Portugal, no 2.º Ciclo do Ensino Básico, tendo o presente relatório sido desenvolvido somente no âmbito da disciplina de História e Geografia de Portugal, no 2.º Ciclo do Ensino Básico, uma vez que estava já implementada a Metodologia de Trabalho de Projeto, metodologia esta de interesse relevante para reflexão.

3.1. Caracterização do meio envolvente

A Prática de Ensino Supervisionada (PES) em História e Geografia de Portugal do 2.º Ciclo do Ensino Básico foi desenvolvida numa turma de 6.º ano, no Agrupamento de Escolas Diogo Cão, situado na cidade de Vila Real.

Esta cidade conta com cerca de 30 000 habitantes e com 378,80 km² de área.

Crescida num planalto, a cidade está enquadrada numa bela paisagem natural (Escarpas do Corgo).

A localização privilegiada permite um crescimento sustentado.

Nos últimos anos, foram criados em Vila Real vários equipamentos culturais, que trouxeram novo dinamismo à cidade e foram também valorizadas várias áreas da cidade.

Atualmente, Vila Real vive uma fase de crescente desenvolvimento, a nível industrial, comercial e dos serviços, com relevo para a saúde, o ensino, o turismo, entre outros.

3.2. Caracterização da sala de aula

A PES desenvolveu-se em duas salas de aulas distintas.

À segunda-feira a aula decorria numa sala de aula onde as mesas se dispunham em fila, com mesas para dois alunos, já na quarta-feira a sala de aula apresentava uma disposição diferente, uma vez que, mesas e cadeiras estavam dispostas em U, como se pode constatar no mapa do apêndice 2, em ambas as disposições era possível circular pelos alunos de uma boa forma.

Nas duas salas tanto as cadeiras como as mesas apresentam um bom estado de conservação, as mesas têm uma prateleira por baixo, onde os alunos podem guardar o seu material.

Ambas as salas têm boa luminosidade natural, uma vez que, possuem grandes janelas viradas para um espaço exterior, assim como uma boa iluminação artificial.

Estas dispõem de duas portas, uma delas de acesso ao exterior e outra ao interior, dando para outras salas. Possuem aquecimento central, essencial a um ambiente confortável.

As salas estão equipadas com computador com colunas e ligação à internet, um quadro interativo, um quadro branco e um projetor.

As duas salas dispõem de espaços verticais, que são quadros afixados na parede e são cobertos de cortiça. Numa das salas os quadros encontram-se no fundo da sala e na outra ao lado da secretária do professor (apêndice 2). Estes quadros têm expostos trabalhos realizados pelos alunos nomeadamente os desenvolvidos no âmbito do projeto dos direitos humanos.

3.3. Caracterização da turma

A minha Prática de Ensino Supervisionada na área de História foi desenvolvida numa turma do 6.º ano de escolaridade.

A turma era constituída por vinte e quatro alunos, catorze deles do sexo masculino e dez do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 11 e os 12 anos e todos de nacionalidade portuguesa.

A turma apresenta características, ritmos e comportamentos diferentes, é uma turma heterogénea havendo quatro alunos identificados com Necessidades Educativas (NE).

Nesta turma, os alunos demonstraram sempre empenho e motivação perante as atividades propostas. Eram alunos observadores, que questionavam com alguma frequência, mostrando interesse, envolvimento e curiosidade pelas atividades.

Denotou-se que esta turma apresentava diferentes ritmos de trabalho, diferentes níveis de maturidade, atenção e concentração, havendo uma pequena minoria que não progrediam como desejado, mostrando um menor interesse nas atividades de sala de aula e, conseqüentemente um ritmo de trabalho mais lento. No entanto esta situação não se verificava em todas as aulas, uma vez que, em determinadas atividades conseguiram estar mais interessados e empenhados.

Os alunos desta turma, de uma forma geral, eram assíduos e pontuais, faltando apenas por motivos de saúde, justificando devidamente as faltas. No que concerne ao comportamento, em contexto de sala de aula, os alunos mostraram sempre um bom comportamento, havendo momentos em que era necessário chamá-los à atenção por estarem a falar um pouco mais, mas depressa acatavam as indicações dadas. Entre os alunos da turma a relação era muito boa, verificando-se espírito de entreajuda, amizade e compreensão.

Esta turma tem como projeto interdisciplinar os Direitos Humanos, projeto este onde são desenvolvidos temas de Cidadania como os Direitos Humanos, a Interculturalidade, a segurança rodoviária, a Literacia Financeira e a Educação de consumo, as Instituições e a participação

democrática e do Não Fumador.

Esta turma, como as restantes da escola, cumpriam a horária estipulada como referência a

Componentes de currículo (b)	Carga horária semanal (a)		
	(minutos)		
	5.º ano	6.º ano	Total de ciclo
Áreas disciplinares/Disciplinas:			
Línguas e Estudos Sociais	525	525	1050
Português			
Inglês			
História e Geografia de Portugal			
Cidadania e Desenvolvimento			
Matemática e Ciências	350	350	700
Matemática			
Ciências Naturais			
Educação Artística e Tecnológica	325	325	650
Educação Visual			
Educação Tecnológica			
Educação Musical			
Tecnologias de Informação e Comunicação			
Educação Física	150	150	300
Educação Moral e Religiosa (c)	(c)	(c)	
Total	1350	1350	2700
Oferta Complementar	(d)	(d)	
Apoio ao Estudo (e)	100	100	200
Complemento à Educação Artística (f)	100	100	200

o Dia

tal

carga

tendo

matriz

curricular- base, que seguem as opções relativas à autonomia e flexibilidade curricular, este trabalho era feito com vista ao desenvolvimento do Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória. Esta escola, tal como outras organizam os tempos letivos na unidade que pensam ser a mais adequada. Neste contexto surge em seguida a matriz curricular- base.

Figura 1- Matriz curricular- base, 2.º Ciclo.

Fonte: Decreto- Lei 55/2018

Neste seguimento, impera fazer referência ao horário da turma, apresentado em anexo (anexo 1), como essencial a uma boa organização escolar.

A disciplina de História e Geografia de Portugal era lecionada às segundas das 8h55 às 9h 40 (45 minutos) na sala 1 e às quartas- feiras das 8h10 às 9h40 (90 minutos) na sala 12, como se pode constatar no horário.

3.5. Observação de aulas

3.5.1. Como observar e para quê

“O professor, para poder intervir no real de modo fundamentado, terá de saber observar e problematizar (ou seja, interrogar a realidade e construir hipóteses explicativas). Intervir e avaliar serão acções consequentes das etapas precedentes.” (Estrela, 1994, p. 26)

Iniciei a minha Prática de Ensino Supervisionada com a observação de aulas da disciplina de História e Geografia de Portugal no 2.º Ciclo, durante uma semana de aulas. Estas observações tinham como principal objetivo compreender as especificidades da lecionação em História e Geografia de Portugal no 2º ciclo do ensino básico, já que iria lecionar esta disciplina e refletir criticamente e de forma fundamentada teoricamente sobre a intervenção pedagógica no 2º ciclo.

Com esta observação das aulas, pretendia-se ainda facilitar a experiência educativa enquanto estagiária, permitindo-me conhecer melhor o contexto turma, os alunos, a forma de interação professor/ aluno, e a dinâmica da aula, como as rotinas sendo possível ficar a conhecer melhor a dinâmica da turma e do professor e assim delinear as minhas práticas com vista à melhoria das aprendizagens dos alunos.

A observação de uma aula em parceria com outro Professor, de outro ciclo, partiu da necessidade de aprender com outros por forma a melhorar a minha prática. Nesta linha, e seguindo este princípio de observação em parceria, procurou-se a construção de sentido de uma nova prática, observando o outro sem julgamentos externos, mas antes com intenção de aprender, refletir sobre a prática docente e sobre as boas práticas que desenvolvemos.

Ao recorrer à observação pretendia que houvesse partilha da prática docente, com vista ao desenvolvimento profissional, queria saber se o Professor Orientador Cooperante enfrentava as mesmas dificuldades e como as resolvia, se as suas práticas são comuns às minhas e se resultam da mesma forma, havendo possibilidade de partilha de informação.

Realizar uma observação da atividade de outro Professor é essencial para a formação de um Professor reflexivo, isto porque, a observação pode ser utilizada como um instrumento de análise crítica sobre determinada realidade.

A prática de observação conduz a uma perceção mais profunda acerca das complexidades existentes nas diferentes disciplinas e na própria prática docente, criando um espaço de reflexão em volta dos principais temas que norteiam a educação, sendo assim, algo indispensável na formação de um professor.

Por meio da observação de outros professores, quem observa sente-se mais contextualizado, e conseqüentemente com plenas habilidades e capacidades de estar constantemente a melhorar a sua prática (Estrela, 1994).

A observação de aulas é algo fundamental na promoção de reflexão sobre a prática, no desenvolvimento profissional e, conseqüentemente, na melhoria da ação educativa (Reis, 2011).

As informações provenientes da observação ocasionam uma imagem mais completa e real do desempenho mais adequado dos professores, assim como, a possibilidade da criação de planos de desenvolvimento mais adequados às necessidades dos professores e alunos (Reis, 2011).

3.5.2. Tipo de observação

A observação de aulas avoca diferentes tipologias, esta pode desenvolver-se de forma formal ou informal, dependendo da situação de observação de *feedback*, com caracter formal ou informal (Reis, 2011).

No caso do presente trabalho desenvolveu-se uma observação informal, pois esta teve uma curta duração (uma semana), tendo como foco aspetos específicos como as metodologias de ensino, gestão do tempo, transição entre atividades educativas, interação com os alunos, tipo de questionamento, recursos e atividades de avaliação.

Relativamente aos processos de observação esta pode caracterizar-se como sendo ocasional, sistemática ou naturalista (Estrela, 1994).

Quando se realiza uma observação sistemática são utilizadas técnicas bastante rigorosas e planeadas detalhadamente, implicando a determinação do local, da amostra, do tempo e demais condições. Os objetivos e as metas são previamente determinados em função das finalidades da pesquisa.

Através da observação naturalista há a possibilidade de se observar comportamentos nas circunstâncias da vida do quotidiano dos indivíduos observados. A observação naturalista é uma forma de observação metodizada, desenvolvida no meio natural.

No que concerne à observação ocasional, esta caracteriza-se por ser uma observação que possibilita um trabalho rigoroso, desenvolvida por alguém que não está envolvida diretamente nos acontecimentos e é utilizada consoante os objetivos de quem observa.

No caso das observações deste trabalho, as mesmas foram de caráter informal, sendo ocasional e participante, uma vez que, de qualquer forma participei na vida do grupo

estudado, pois observei o comportamento e as interações à medida que iam acontecendo, presenciadas por mim.

Nesta observação não houve qualquer tentativa de participar como membro do grupo ou do contexto em que se enquadra, apesar de ter negociado o acesso ao contexto observado e os termos da atividade. A minha intenção foi “passar despercebida”, para que a minha presença não exercesse qualquer influência. Tentando observar e compreender a situação e realidade do 2.º Ciclo do Ensino Básico, nomeadamente na disciplina observada.

A minha observação permitiu fazer um levantamento naturalista, uma vez que, observei fenómenos nos seus contextos de ocorrência natural, observação na qual participei pois fui inserida na turma observada para registar comportamentos, interações e acontecimentos (Estrela, 1994).

Ao participar indiretamente na observação pude aproximar-me da ação e obter pontos de vista adicionais através da experiência direta dos fenómenos. Permaneci o tempo necessário para me integrar no ambiente e ganhar a aceitação e confiança de quem estava a ser observado.

3.5.3. Metodologia das observações

Para realizar as observações em causa houve uma preparação prévia cuidada, por forma a obter resultados o mais eficiente possíveis. Assim, baseei-me no quadro que se segue, presente no caderno de observação de aulas e avaliação do desempenho docente, de Reis, 2011, p.46.

Questão	Objetivo
1. Quais são os objetivos que definiu para a aula que irei observar? O que se pretende que os alunos aprendam? Como conseguirá saber se os alunos aprenderam?	- Identificar os conhecimentos, as capacidades e as atitudes que serão trabalhados. - Identificar os tipos de avaliação previstos e de que forma permitem obter informações sobre os conhecimentos, as capacidades e as atitudes trabalhados.

2. Como é que esta aula se relaciona com as aulas anteriores e as seguintes? Como se integra esta aula no currículo? Quais são os conhecimentos prévios dos alunos acerca deste tema?	- Identificar como é que os conhecimentos, as capacidades e as atitudes a abordar se relacionam com as aprendizagens prévias e as posteriores. - Verificar os conhecimentos do professor acerca do currículo.
3. Que estratégia irá implementar para alcançar os objetivos propostos? Que abordagens e atividades irá propor? Porque escolheu essas atividades? Como se articulam essas atividades? Que recursos irá utilizar?	- Verificar se as atividades propostas são diversificadas, complementares, exequíveis e adequadas à concretização dos objetivos propostos. - Verificar se os recursos: - são suficientes, diversificados e adequados a todos os alunos; - estão organizados de forma a poderem ser distribuídos com a menor perturbação possível; - Facilitam a integração curricular das tecnologias de informação e comunicação.
4. Que tipos de interação professor- -aluno e aluno-aluno pretende promover nesta aula? De que maneira o pretende fazer?	- Verificar se o professor irá: - estimular a interação entre os alunos; - gerir mas não dominar as discussões; - Atribuir tempo suficiente para os alunos refletirem.
5. Como tenciona responder às características e necessidades específicas de cada um dos alunos da turma?	- Verificar como é que o professor: - Dará resposta aos diferentes estilos de aprendizagem dos alunos através da diversificação de atividades; - tornará as atividades acessíveis para todos; - promoverá a participação de todos;

	- Desafiara os alunos mais competentes.
6. Como irá terminar a aula?	- Verificar se o professor: - planeou formas de avaliar o nível de concretização dos objetivos propostos; - Dar oportunidade aos alunos de explicitarem o que aprenderam (oralmente ou por escrito).
7. Que aspetos do ensino ou da aprendizagem dos alunos espera melhorar?	- Promover a reflexão do professor sobre: - dimensões do seu conhecimento profissional e da sua prática que pretende melhorar; - Formas de promover a superação de problemas/dificuldades de aprendizagem dos seus alunos.

Quadro 1- Questões de Observação

Fonte: adaptado de Reis, 2011, p.46.

Para as observações defini focos específicos para uma análise mais clara e precisa, permitindo desta forma que identificasse os aspetos essenciais a serem observados, para que, a observação fosse o mais coerente possível, uma vez que, quem observa deve centrar-se num número restrito de aspetos, previamente definidos, a serem observados.

A minha observação centrou-se em aspetos específicos como a sala de aula e os recursos humanos e materiais, o processo de ensino e de aprendizagem que, por sua vez, dividi em subdomínios como a gestão de sala de aula, a adequação do discurso ao tipo de alunos, o início e conclusão da aula, o clima de sala de aula, a gestão do trabalho, a utilização de recursos, a forma de questionamento aos alunos, a interação professor-aluno, a gestão dos comportamentos em sala de aula e o envolvimento nas atividades (Reis, 2011).

Para orientar a minha observação, utilizei como instrumento de observação uma lista de verificação (apêndice 1), onde apresento uma lista pormenorizada de comportamentos e acontecimentos organizados por dimensões, onde registei os acontecimentos observados durante a aula. A escolha deste instrumento deveu-se ao facto de tornar a observação mais objetiva, focada em aspetos específicos à partida, tornando mais fácil o registo dos dados observados.

Ainda, como forma de facilitar a minha observação, propus-me elaborar um mapa da sala (apêndice 2), onde assinalei a posição dos alunos e dos objetos da sala de aula, sendo essencial para uma melhor reflexão sobre a adequação da utilização do espaço da sala de aula às atividades educativas e desenvolvimento da aula.

3.5.4. Reflexão sobre os dados observados

A primeira observação realizou-se em janeiro de dois mil e dezanove, nas turmas do 6.º ano X, Y e Z.

A primeira turma a ser observada foi a do 6.º ano X, esta aula teve a duração de quarenta e cinco minutos onde os alunos realizaram uma ficha de avaliação sumativa. Estes entraram na sala de aula de forma ordeira e sem confusões, o Professor foi sugerindo onde se deviam sentar e como o deviam fazer, para realizarem a ficha de avaliação.

Logo que todos os alunos estavam devidamente sentados e em silêncio, o Professor distribuiu as fichas de avaliação e fez uma breve leitura da mesma, por forma a explicar algumas questões que pudessem suscitar mais dúvidas.

Após esta breve explicação, os alunos iniciaram a ficha de avaliação e enquanto isso o Professor foi circulando pela sala, mantendo um contacto direto com os alunos permitindo aperceber-se da evolução e dificuldades que iam surgindo.

Alguns alunos terminaram a ficha de avaliação antes dos quarenta e cinco minutos de aula, sendo proposto pelo Professor que fizessem uma leitura cuidada das respostas às questões da ficha.

Terminados os quarenta e cinco minutos, o Professor solicitou ao delegado de turma que recolhesse as fichas por ordem alfabética para posteriormente lhas entregar devidamente ordenadas. Dois dos alunos da turma ainda não tinham terminado a ficha, assim o Professor disse-lhes que dispunham ainda de alguns minutos, enquanto o colega recolhia as fichas, permitindo desta forma que todos os alunos concluíssem as fichas de avaliação.

Assim que recolhidas todas as fichas, o Professor disse aos alunos que arrumassem o material e a sala de aula e que saíssem ordeiramente, uma vez que, a aula já tinha terminado.

Em seguida, foi a vez de observar a aula da turma Y do 6.º ano. Esta aula teve a duração de noventa minutos, onde foi realizada a ficha de avaliação sumativa, nos primeiros quarenta e cinco minutos e a formação de grupos e distribuição de temas pelos mesmos, nos restantes quarenta e cinco minutos.

Os alunos entraram na sala de aula, um pouco mais agitados, tendo sido recomendado aos mesmos, pelo Professor que se sentassem nos lugares e fizessem silêncio para que a aula se iniciasse e rapidamente os alunos acataram as recomendações do Professor e sentaram-se nos seus lugares.

Tal como na turma observada anteriormente, logo que houve silêncio na sala e ambiente propício ao início da aula, o Professor distribuiu as fichas de avaliação e uma vez mais, fez uma leitura e breve explicação de algumas questões suscetíveis de causar algumas dúvidas.

Depois o Professor foi circulando pela sala enquanto os alunos realizavam as mesmas, por forma a manter contacto direto como os alunos.

Findos os primeiros quarenta e cinco minutos de aula, o Professor pediu ao delegado de turma que recolhesse as fichas de avaliação por ordem alfabética e lhas entregasse, havendo ainda quatro alunos que não tinham terminado a mesma, assim o Professor disse-lhes que teriam alguns minutos, que poderiam terminar enquanto o delegado de turma recolhia as restantes fichas.

Na segunda parte da aula, procedeu-se à formação dos grupos de trabalho e distribuíram-se os temas pelos mesmos. O Professor começou por questionar os alunos acerca dos últimos temas trabalhados, como forma de rever os conteúdos abordados anteriormente, e solicitou a um aluno que fosse ao quadro escrever o nome de quatro alunos, que seriam os representantes de cada um dos grupos.

Escolhidos os representantes dos quatros grupos, os mesmos elegeram os elementos que pretendiam que integrassem o seu grupo de trabalho, sendo um momento tranquilo e sem grandes confusões, havendo entendimento entre os alunos, sendo necessária a intervenção do Professor apenas para propor um ou outro elemento do grupo.

Uma vez que ainda restavam cerca de dez minutos de aula, o Professor sugeriu aos alunos que se juntassem por grupos e comesçassem por ler os conteúdos do seu grupo, presentes no manual.

Finalizada a aula, os alunos arrumaram o material e a sala de aula, saindo da sala sem confusão.

Ainda neste mesmo dia foi a vez de observar a aula da turma Z do 6.º ano. Esta aula teve a duração de quarenta e cinco minutos.

Os alunos entraram na sala de aula e rapidamente se sentaram nos seus lugares, sem haver confusão.

Nesta aula a turma fez ficha de avaliação e logo que houve o silêncio essencial, o Professor distribuiu-as. Depois de todas distribuídas fez uma breve leitura e explicação de algumas questões, por forma a não haver dúvidas e perguntas durante a realização da mesma.

Enquanto os alunos realizavam a ficha de avaliação o Professor foi circulando pela sala, mantendo contacto direto com os alunos. Durante este momento alguns alunos solicitaram o apoio do Professor para o esclarecimento de algumas dúvidas.

Cerca de cinco minutos antes de terminar a aula, o Professor pediu ao delegado de turma que recolhesse as fichas de avaliação por ordem alfabética. A alguns alunos, cerca de quatro, foram dados mais alguns minutos para terminarem a ficha, enquanto o delegado de turma recolhia a dos colegas.

Terminada a aula o professor recolheu as quatro fichas de avaliação em falta, informou os alunos do término da aula e estes de imediato arrumaram o material e a sala e saíram com normalidade.

O segundo dia de observação realizou-se na sala doze, na turma do 6.º ano X e posteriormente na turma Y do 6.º ano.

Na aula do 6.º ano X, os alunos entraram na sala de aula de forma ordeira e sem grande agitação, dirigiram-se aos seus lugares, sentaram-se e retiraram o material das mochilas, colocando-o em cima da mesa.

Assim que a turma estava calma, o Professor disse aos alunos para escreverem o sumário da aula anterior que tinha sido uma ficha de avaliação e abrissem a aula do dia, enquanto isso o Professor ia circulando pela sala, por forma a assegurar que todos tinham os sumários em dia.

De seguida, o Professor faz uma contextualização da aula, explicando aos alunos aquilo que iria ser feito naquela aula, nomeadamente a leitura dos temas, individualmente, assim como a distribuição pelos alunos da respetiva parte de cada tema a ser trabalhado em grupo e a entrega e correção da ficha de avaliação realizado na aula anterior.

A primeira atividade a ser desenvolvida foi a entrega e correção da ficha de avaliação, onde o Professor começou por distribuir as mesmas aos alunos e ao mesmo tempo explicava e tentava perceber o porquê de algumas notas. O Professor deu cerca de dois minutos para que os alunos vissem a ficha de avaliação, onde erraram e onde acertaram, para terem uma melhor perceção dos aspetos a melhorar.

Depois destes breves minutos foi a vez de dar início à correção da ficha de avaliação. Assim, o Professor solicitou a um aluno que fosse ao quadro para registar as respostas às questões da ficha de avaliação. Neste sentido, o Professor lê a questão, posteriormente solicita a resposta à mesma, por parte dos alunos, aleatoriamente escolhe quem responde e

depois diz qual a resposta correta, resposta esta que o aluno que está no quadro regista, para que os colegas possam fazer esse registo nos seus cadernos.

Durante a correção da ficha de avaliação o Professor vai dando dicas de como deveriam ter respondido às questões, o mesmo dá sempre uma explicação mais completa das respostas, muitas vezes indo além daquilo que era pedido na questão, para que os alunos tenham um conhecimento mais diversificado e completo dos conteúdos.

Na correção da ficha de avaliação, o Professor aproveitou para indicar algumas estratégias para a resolução de questões de completar com espaços, para que a realização da mesma fosse um sucesso.

Posteriormente, o Professor pediu aos alunos que se juntassem por grupos, cada um, individualmente lesse os conteúdos respeitantes a cada grupo, respondessem às perguntas do manual e só depois distribuíssem as partes de cada tema, pelos elementos do grupo.

À medida que esta atividade é feita o Professor vai circulando pela sala, dando apoio aos alunos, esclarecendo dúvidas, mantendo assim uma maior proximidade com eles.

As respostas às questões do manual são dadas no caderno diário, sempre com a supervisão do Professor que vai verificando individualmente as respostas.

Esta atividade prolongou-se até ao final da aula e terminada a mesma o Professor pediu aos alunos que arrumassem o material e a sala e saíssem de forma ordeira da sala de aula.

Ainda no mesmo dia foi a vez de observar a aula do 6.º ano Y. Esta teve a duração de quarenta e cinco minutos, onde foi realizada a correção da ficha de avaliação.

No último dia de observação foi a vez de assistir à aula do 6.º ano Z, esta teve a duração de noventa minutos onde foi entregue e corrigida a ficha de avaliação e apresentado um trabalho de grupo.

Os alunos entraram na sala um pouco agitados, sendo necessário o Professor chamá-los à atenção para o barulho e confusão que estava na sala, algo que os alunos rapidamente acataram, sentando-se nos respetivos lugares.

Depois de haver silêncio na sala e um ambiente propício iniciou-se a aula, o Professor pediu aos alunos que abrissem os cadernos diários e escrevessem os sumários da aula anterior (ficha de avaliação) e da presente aula (entrega e correção da ficha de avaliação e apresentação do trabalho de grupo).

Escritos os sumários o Professor entregou as fichas de avaliação e à medida que o fazia ia explicando aos alunos alguns aspetos da correção das mesmas, assim como os questionava sobre algumas respostas dadas, de imediato foi dando o seu feedback, sobre as fichas de avaliação a cada aluno.

Logo que tudo organizado o Professor sugeriu aos alunos do grupo que iriam apresentar os seus trabalhos que se organizassem e fossem apresentar o mesmo.

Os alunos prepararam a apresentação e iniciaram a mesma. Este grupo já tinha iniciado a apresentação numa aula anterior, de maneira que, apenas teriam de terminá-la e dar início à correção das questões do manual, respeitantes ao tema que tinham apresentado.

Passados cerca de dois minutos o grupo que estava a apresentar o seu trabalho iniciou a correção das perguntas. Um dos elementos do grupo colocava a questão à turma e escolhia, aleatoriamente, o colega que iria responder à mesma. Depois de dada a resposta à questão, o elemento do grupo que colocou a questão projeta a resposta à mesma no quadro e a restante turma confronta a resposta projetada com a dada por cada um.

Em seguida, outro elemento do grupo faz outra questão à turma e escolhe o colega que irá responder e assim sucessivamente, sempre nestes moldes até à conclusão da correção de todas as questões do manual.

Durante a correção das questões o Professor vai intervindo, acrescentando, sempre que necessário, alguma informação.

Terminada a correção das questões, os elementos do grupo procedem à sua autoavaliação, conversando uns com os outros e posteriormente transmitindo à restante turma. Depois de feita a autoavaliação é a vez de a turma avaliar o trabalho do grupo, avaliação esta em que o Professor vai questionado qual a classificação dada ao grupo e ao mesmo tempo os alunos vão levantando o dedo para votarem nessa classificação.

Avaliado o grupo por parte da turma, o Professor dá a oportunidade aos alunos de justificarem a sua avaliação, caso o pretendam fazer e posteriormente procede ele próprio à avaliação do trabalho de grupo e ao mesmo tempo vai questionando o grupo sobre alguns aspetos, nomeadamente, se todos participaram com igual empenho na realização do trabalho, se o trabalho foi feito na escola ou em casa. O Professor dá a sua opinião sobre o trabalho mostrando alguma surpresa da forma como um dos elementos do grupo, que obtém classificações baixas nas fichas de avaliação, conseguiu apresentar muito bem o trabalho de grupo.

O Professor fala da prestação de cada um dos elementos do grupo dizendo que a apresentação correu bem, que os três elementos do grupo estiveram ao mesmo nível, a apresentação estava bem organizada e foram claros na apresentação. Para concluir a sua avaliação, o Professor transmitiu aos alunos que a sua avaliação seria de bom.

Uma vez que ainda restavam alguns minutos, cerca de dez, para terminar a aula, o Professor aproveitou para solicitar a outro grupo que fosse apresentar o seu trabalho, os mesmos de imediato se organizaram e iniciaram a sua apresentação.

A faltar cerca de dois minutos para o término da aula o Professor informou os alunos que, uma vez que, a aula estava a terminar o grupo iria continuar a sua apresentação na próxima aula e ainda sugeriu à turma que realizassem as questões respeitantes aos conteúdos daquele grupo como trabalho de casa.

A aula termina, o Professor pede aos alunos que arrumem o seu material e saiam de forma ordeira da sala, algo que os mesmos respeitaram saindo da sala de aula sem confusão.

Estas aulas observadas foram sem dúvida essenciais para a minha prática, pois é em sala de aula que começa toda a aprendizagem, não só dos alunos como do professor em relação aos mesmos. Sendo o professor o orientador, o guia dos seus alunos no processo de aprendizagem, importa que o mesmo conheça toda a realidade envolvente para ser capaz de atuar de forma mais eficaz, neste contexto a observação assume um papel essencial para a aprendizagem.

3.6. Descrição e reflexão das atividades desenvolvidas

Todas as planificações foram elaboradas tendo como base o “Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória” (2017) e as “Aprendizagens Essenciais de História e Geografia de Portugal do 2.º Ciclo do Ensino Básico” (2018).

3.6.1. Responsabilização nº1

3.6.1.1. Planificação nº1

Domínio: Portugal do século XVIII ao século XIX.

Portugal do século XX.

Subdomínio: Portugal na segunda metade do século XIX.

Da Revolução Republicana de 1910 à Ditadura Militar de 1926.

METAS E DESCRITORES DAS APRENDIZAGENS

Subdomínio: Portugal na segunda metade do século XIX.

1. Conhecer e compreender o processo de modernização das atividades produtivas portuguesas na segunda metade do século XIX.

- 1.1. Relacionar a dependência de Portugal face ao exterior e a estabilidade política conseguida em meados do século XIX com as tentativas de modernização da economia portuguesa.
- 1.2. Referir as principais medidas tomadas pelos liberais para a modernização da agricultura portuguesa.
- 1.3. Referir o alcance limitado do desenvolvimento industrial do país, verificado neste período, destacando as principais zonas industriais na segunda metade do século XIX num país maioritariamente rural.

2. Conhecer o desenvolvimento das vias de comunicação e dos modos de

transporte operado pela Regeneração e os seus efeitos.

- 2.1. Referir a ausência de uma rede de transportes e comunicação como um entrave ao desenvolvimento do país até meados do século XIX.
- 2.2. Reconhecer a expansão da rede ferroviária, viária e o desenvolvimento dos meios de comunicação na segunda metade do século XIX.
- 2.3. Apontar o Estado como o grande impulsionador da rede de transportes e comunicação da segunda metade do século XIX, destacando a ação de Fontes Pereira de Melo.
- 2.4. Referir as consequências económicas e sociais do desenvolvimento das vias de comunicação, dos transportes e dos meios de comunicação.
- 2.5. Estabelecer uma relação entre os investimentos realizados com recurso aos mercados internacionais com a grave crise financeira de 1890-92.

3. Conhecer e compreender o alcance das medidas tomadas pelos liberais na educação e na justiça.

- 3.1. Enumerar medidas tomadas ao nível do ensino, destacando os seus objetivos e limites.
- 3.2. Indicar o pioneirismo português na abolição da pena de morte, destacando a existência da pena capital em vários países do mundo na atualidade.
- 3.3. Relacionar as ideias liberais com a abolição da pena de morte, da escravatura nas colónias e das penas corporais.

4. Conhecer e compreender o aumento da população e o êxodo rural verificado na segunda metade do século XIX.

- 4.1. Apontar as razões da diminuição da mortalidade e do consequente aumento da população verificado neste período.
- 4.2. Relacionar a mecanização da agricultura, o crescimento da população e a melhoria dos transportes com o êxodo rural e emigração verificados neste período.
- 4.3. Localizar os destinos do êxodo rural e da emigração neste período.

5. Conhecer e compreender as características da sociedade e a vida quotidiana nas cidades e nos campos na segunda metade do século XIX.

- 5.1. Conhecer a organização social liberal, por oposição à sociedade do século XVIII.
- 5.2. Reconhecer o caráter eminentemente rural da economia e sociedade portuguesa.
- 5.3. Caracterizar a modernização das cidades ocorrida neste período, salientando preocupações que continuam a existir no urbanismo atual.
- 5.4. Referir o surgimento do proletariado como novo grupo social, destacando as suas duras condições de vida e de trabalho.
- 5.5. Relacionar as difíceis condições de vida do proletariado com a criação das primeiras associações de operários e as primeiras formas de luta.

6. Conhecer as características da arte da segunda metade do século XIX.

- 6.1. Reconhecer a “arquitetura do ferro” como a grande novidade da arquitetura do século XIX.
- 6.2. Identificar as principais construções da “arquitetura do ferro” em Portugal.
- 6.3. Identificar exemplos marcantes da arquitetura de inspiração em estilos do passado (revivalista).
- 6.4. Enumerar algumas figuras da literatura do século XIX.

Subdomínio: Da Revolução Republicana de 1910 à Ditadura Militar de 1926.

1. Conhecer e compreender as razões da queda da Monarquia Constitucional.

- 1.1. Indicar os motivos do crescente descrédito da instituição monárquica.
- 1.2. Relacionar os interesses das potências industriais europeias em África com a Conferência de Berlim e com o projeto português do Mapa Cor-de-Rosa.
- 1.3. Relacionar o projeto do Mapa Cor-de-Rosa com o Ultimato Inglês.
- 1.4. Relacionar a humilhação sentida pelo povo português face à cedência ao Ultimato Inglês com o aumento dos apoiantes da causa republicana.
- 1.5. Referir o regicídio de 1908 como fator para a queda da Monarquia.
- 1.6. Descrever os principais episódios do 5 de outubro de 1910, salientando o apoio popular à insurreição militar republicana.
- 1.7. Localizar no tempo o período da I República.

2. Conhecer e compreender o funcionamento do regime da I República e os seus símbolos.

- 2.1. Diferenciar Monarquia e República quanto ao chefe de Estado, à legitimidade do seu mandato e à duração do mesmo.
- 2.2. Conhecer os símbolos da República Portuguesa.
- 2.3. Caracterizar o regime republicano a partir da Constituição de 1911, salientando semelhanças e diferenças relativamente à Constituição da Monarquia Constitucional.
- 2.4. Indicar o Parlamento como o órgão político mais importante na I República.
- 2.5. Reconhecer a manutenção de limitações no sufrágio durante a I República, por comparação à situação atual.

3. Conhecer as principais realizações da I República.

- 3.1. Indicar as principais medidas de caráter social tomadas durante a I República.
- 3.2. Referir medidas tomadas pela I República no sentido de diminuir a influência da Igreja junto da população.
- 3.3. Salientar o alcance das medidas sociais e educativas tomadas durante a I República.

4. Conhecer e compreender os motivos do fim da I República e a instauração da Ditadura Militar em 1926.

- 4.1. Referir a instabilidade governativa e a crise económica e social como fatores decisivos para o fim da I República.
- 4.2. Indicar os motivos da entrada de Portugal na I Guerra Mundial.
- 4.3. Indicar os efeitos da participação de Portugal na I Guerra Mundial e sua relação com o golpe militar de 28 de maio de 1926.
- 4.4. Justificar a grande adesão dos militares e da população de Lisboa ao movimento antidemocrático chefiado pelo general Gomes da Costa.
- 4.5. Localizar no tempo o período da Ditadura Militar.
- 4.6. Reconhecer nas medidas da Ditadura Militar o fim da liberdade política e o cercear de liberdades individuais.

MATERIAIS / RECURSOS

- Manual, páginas 52 à 93 (anexo 2).
- *Tablet*.

• Aula Digital. • <i>YouTube</i>. • <i>Google</i>. • Telemóveis. • Caderno diário. • Word. • <i>PowerPoint</i>. • Projetor. • Computador.
Atividades/ Estratégias
1. Saudação aos alunos. 2. Elaboração do plano de aula e registo no caderno diário (sumário). 3. Revisão do trabalho desenvolvido na aula anterior e ponto de situação. 4. Trabalho de grupo. 5. Delineação, organização e iniciação ao desenvolvimento dos trabalhos de grupo, segundo os temas propostos, com base no Guião Síntese (apêndice 5) e no Guião de Orientação de Pesquisa (apêndice 3). 6. Levantamento dos grupos, elementos que os constituem, respetivos temas e uma avaliação do trabalho que está a ser desenvolvido, tendo como apoio a Grelha de Observação (apêndice 3).
Avaliação
• Observação direta das atividades propostas e do interesse e empenho dos alunos. • Comportamento adequado e respeito pelas normas da sala. • Nível de desempenho individual de cada aluno. • Respostas dadas pelos alunos às questões do manual. • Envolvimento/ participação dos alunos no trabalho de grupo. • Desenvolvimento do trabalho de grupo. • Progressão de ideias e conhecimentos. • Adequação do trabalho aos objetivos. • Qualidade da informação e rigor na forma de pesquisa e recolha. • A cooperação, responsabilidade, atitudes e partilha entre elementos de cada grupo.
Consolidação
• Nos últimos cinco minutos é feita uma reflexão crítica, oralmente, da aula, assim como um balanço/ ponto de situação do trabalho de cada grupo.

3.6.1.2. Descrição da responsabilização n.º 1

A aula iniciou-se com uma breve explicação do trabalho que iria ser desenvolvido, especificamente a introdução de um Guião Síntese (apêndice 5), que foi distribuído, um por cada grupo de trabalho.

De seguida foi feito o ponto de situação com os alunos sobre o trabalho que estavam a desenvolver, sendo posteriormente sugerido a estes que se organizassem por grupos.

Dispostos por grupos, os alunos iniciaram o trabalho desta aula, havendo possibilidade para recolherem algumas informações, utilizando a Grelha de Observação (apêndice 4),

circulando pelos sete grupos e após esta recolha deu-se início ao acompanhamento dos grupos.

No final da aula houve um momento de reflexão sobre o trabalho desenvolvido, fazendo um ponto de situação e resumo da aula, sendo sugerido aos alunos que terminassem em casa as respostas às questões do manual.

3.6.1.3. Análise reflexiva da responsabilização n.º 1

Esta aula iniciou-se de forma organizada, os alunos entraram na sala e sentaram-se ordeiramente nos seus lugares.

Após uma breve apresentação, pois era a primeira aula da minha responsabilidade e antes que os alunos se juntassem por grupo, expliquei-lhes como iria ser desenvolvido o trabalho desta aula, especificamente a introdução de um Guião Síntese (apêndice 5), que iria distribuir, um por cada grupo de trabalho, explicitando que seria um instrumento que elaborei para ajudar os alunos na organização do trabalho (o que sabiam sobre o tema, o que pretendiam saber, que aspetos importantes, onde iriam pesquisar e o que seria mais importante para os seus trabalhos), sendo notória a importância do papel do professor em contexto de metodologia de trabalho de projeto na orientação dos alunos na seleção e análise de informações, para que os mesmos de forma autónoma procurem respostas às suas questões.

Antes de iniciarmos o trabalho e os alunos se juntarem em grupos, foi feito o ponto de situação, algo essencial para uma melhor perceção daquilo que os alunos sabiam, as suas dificuldades, o trabalho até então desenvolvido, no sentido de os ajudar a ultrapassar as suas dificuldades e aprofundar conhecimentos. Entretanto, sugeri aos alunos que se organizassem por grupos de forma rápida e organizada, algo que os mesmos respeitaram e rapidamente cumpriram.

Distribuídos por grupos fui circulando pelos mesmos, como forma de recolher algumas informações, que registei na Grelha de Observação como, o tema e o nome dos elementos de cada grupo.

Em grupo, os alunos de forma autónoma e responsável foram pesquisando, planificando e realizando atividades que lhes permitissem encontrar as respostas para as suas questões, recorrendo aos recursos educativos digitais, mais especificamente ao *tablet*, *Smartphone* e ferramentas de pesquisa, como o *Google* e o *YouTube*, e a plataforma “*Aula Digital*”, integrando-os de forma positiva no processo de aprendizagem.

O acompanhamento permitiu-me ter uma melhor perceção do trabalho desenvolvido até esta aula, assim como esclarecer dúvidas e uma melhor noção dos conhecimentos adquiridos.

No final da aula questionei os alunos sobre o trabalho desenvolvido, fazendo um ponto de situação e resumo da aula.

Ao toque de saída os alunos foram alertados para o término da aula, tendo estes de imediato arrumado tudo, deixando a sala limpa e organizada.

Os alunos saíram da sala de forma ordenada e sem confusão.

Manteve-se uma boa interação entre todos os alunos e a professora, houve uma boa gestão das intervenções dos alunos, tentámos sempre questioná-los para aferir se estavam a aprender e conseguimos controlar o comportamento na turma.

3.6.2. Responsabilização n.º2

3.6.2.1. Planificação n.º2

Domínio: Portugal do século XVIII ao século XIX.

Portugal do século XX.

Subdomínio: Portugal na segunda metade do século XIX.

Da Revolução Republicana de 1910 à Ditadura Militar de 1926.

METAS E DESCRITORES DAS APRENDIZAGENS

Subdomínio: Portugal na segunda metade do século XIX.

2. Conhecer e compreender o processo de modernização das atividades produtivas portuguesas na segunda metade do século XIX.

- 1.1. Relacionar a dependência de Portugal face ao exterior e a estabilidade política conseguida em meados do século XIX com as tentativas de modernização da economia portuguesa.
- 1.2. Referir as principais medidas tomadas pelos liberais para a modernização da agricultura portuguesa.
- 1.3. Referir o alcance limitado do desenvolvimento industrial do país, verificado neste período, destacando as principais zonas industriais na segunda metade do século XIX num país maioritariamente rural.

2. Conhecer o desenvolvimento das vias de comunicação e dos modos de transporte operado pela Regeneração e os seus efeitos.

- 2.1. Referir a ausência de uma rede de transportes e comunicação como um entrave ao desenvolvimento do país até meados do século XIX.
- 2.2. Reconhecer a expansão da rede ferroviária, viária e o desenvolvimento dos meios de comunicação na segunda metade do século XIX.
- 2.3. Apontar o Estado como o grande impulsionador da rede de transportes e comunicação da segunda metade do século XIX, destacando a ação de Fontes Pereira de Melo.
- 2.4. Referir as consequências económicas e sociais do desenvolvimento das vias de comunicação, dos transportes e dos meios de comunicação.

2.5. Estabelecer uma relação entre os investimentos realizados com recurso aos mercados internacionais com a grave crise financeira de 1890-92.

3. Conhecer e compreender o alcance das medidas tomadas pelos liberais na educação e na justiça.

3.1. Enumerar medidas tomadas ao nível do ensino, destacando os seus objetivos e limites.

3.2. Indicar o pioneirismo português na abolição da pena de morte, destacando a existência da pena capital em vários países do mundo na atualidade.

3.3. Relacionar as ideias liberais com a abolição da pena de morte, da escravatura nas colónias e das penas corporais.

4. Conhecer e compreender o aumento da população e o êxodo rural verificado na segunda metade do século XIX.

4.1. Apontar as razões da diminuição da mortalidade e do consequente aumento da população verificado neste período.

4.2. Relacionar a mecanização da agricultura, o crescimento da população e a melhoria dos transportes com o êxodo rural e emigração verificados neste período.

4.3. Localizar os destinos do êxodo rural e da emigração neste período.

5. Conhecer e compreender as características da sociedade e a vida quotidiana nas cidades e nos campos na segunda metade do século XIX.

5.1. Conhecer a organização social liberal, por oposição à sociedade do século XVIII.

5.2. Reconhecer o caráter eminentemente rural da economia e sociedade portuguesa.

5.3. Caracterizar a modernização das cidades ocorrida neste período, salientando preocupações que continuam a existir no urbanismo atual.

5.4. Referir o surgimento do proletariado como novo grupo social, destacando as suas duras condições de vida e de trabalho.

5.5. Relacionar as difíceis condições de vida do proletariado com a criação das primeiras associações de operários e as primeiras formas de luta.

6. Conhecer as características da arte da segunda metade do século XIX.

6.1. Reconhecer a “arquitetura do ferro” como a grande novidade da arquitetura do século XIX.

6.2. Identificar as principais construções da “arquitetura do ferro” em Portugal.

6.3. Identificar exemplos marcantes da arquitetura de inspiração em estilos do passado (revivalista).

6.4. Enumerar algumas figuras da literatura do século XIX.

Subdomínio: Da Revolução Republicana de 1910 à Ditadura Militar de 1926.

1. Conhecer e compreender as razões da queda da Monarquia Constitucional.

1.1. Indicar os motivos do crescente descrédito da instituição monárquica.

1.2. Relacionar os interesses das potências industriais europeias em África com a Conferência de Berlim e com o projeto português do Mapa Cor-de-Rosa.

1.3. Relacionar o projeto do Mapa Cor-de-Rosa com o Ultimato Inglês.

1.4. Relacionar a humilhação sentida pelo povo português face à cedência ao Ultimato Inglês com o aumento dos apoiantes da causa republicana.

- 1.5. Referir o regicídio de 1908 como fator para a queda da Monarquia.
- 1.6. Descrever os principais episódios do 5 de outubro de 1910, salientando o apoio popular à insurreição militar republicana.
- 1.7. Localizar no tempo o período da I República.

2. Conhecer e compreender o funcionamento do regime da I República e os seus símbolos.

- 2.1. Diferenciar Monarquia e República quanto ao chefe de Estado, à legitimidade do seu mandato e à duração do mesmo.
- 2.2. Conhecer os símbolos da República Portuguesa.
- 2.3. Caracterizar o regime republicano a partir da Constituição de 1911, salientando semelhanças e diferenças relativamente à Constituição da Monarquia Constitucional.
- 2.4. Indicar o Parlamento como o órgão político mais importante na I República.
- 2.5. Reconhecer a manutenção de limitações no sufrágio durante a I República, por comparação à situação atual.

3. Conhecer as principais realizações da I República.

- 3.1. Indicar as principais medidas de carácter social tomadas durante a I República.
- 3.2. Referir medidas tomadas pela I República no sentido de diminuir a influência da Igreja junto da população.
- 3.3. Salientar o alcance das medidas sociais e educativas tomadas durante a I República.

4. Conhecer e compreender os motivos do fim da I República e a instauração da Ditadura Militar em 1926.

- 4.1. Referir a instabilidade governativa e a crise económica e social como fatores decisivos para o fim da I República.
- 4.2. Indicar os motivos da entrada de Portugal na I Guerra Mundial.
- 4.3. Indicar os efeitos da participação de Portugal na I Guerra Mundial e sua relação com o golpe militar de 28 de maio de 1926.
- 4.4. Justificar a grande adesão dos militares e da população de Lisboa ao movimento antidemocrático chefiado pelo general Gomes da Costa.
- 4.5. Localizar no tempo o período da Ditadura Militar.
- 4.6. Reconhecer nas medidas da Ditadura Militar o fim da liberdade política e o cercear de liberdades individuais.

Atividades/ Estratégias

1. Saudação aos alunos.
2. Elaboração do plano de aula, em conjunto com os alunos, e registo no caderno diário (sumário).
3. Relembrar o trabalho desenvolvido na aula anterior e fazer ponto de situação.
4. Distribuição dos alunos pelos grupos para conclusão dos trabalhos e preparação das apresentações.
5. Conclusão dos trabalhos de grupo.

MATERIAIS / RECURSOS

- Manual, páginas 52 à 93 (anexo 2).
- *Tablet*.
- Aula Digital.
- *YouTube*.
- *Google*.
- Telemóveis.
- Caderno diário.

• Word. • PowerPoint. • Projetor. • Computador.
Avaliação
• Observação direta das atividades propostas e do interesse e empenho dos alunos. • Comportamento adequado e respeito pelas normas da sala. • Nível de desempenho individual de cada aluno. • Conclusão do trabalho e apresentações. • Envolvimento/ participação dos alunos no trabalho de grupo. • Adequação do trabalho aos objetivos. • Qualidade da informação presente no trabalho e na apresentação do mesmo. • A cooperação, responsabilidade, atitudes e partilha entre elementos de cada grupo.
Consolidação
• Nos últimos cinco minutos é feita uma reflexão crítica, oralmente da aula, ficando já delineado quais os grupos que irão apresentar os seus trabalhos na aula seguinte.

3.6.2.2. Descrição da responsabilização n.º2

Nesta aula, deram continuidade aos trabalhos de projeto. Começámos por escrever o sumário da aula anterior e abrir as lições do dia. Foi feito o ponto de situação do trabalho desenvolvido na aula anterior e distribuído pelos alunos o Guião Síntese (apêndice 5) e o Guião de Orientação (apêndice 3).

Uma vez que na aula anterior já havia corrigido as respostas de dois grupos de trabalho, entreguei aos mesmos o *Tablet* para que pudessem dar continuidade à sua pesquisa e iniciassem a elaboração da apresentação do trabalho, enquanto, os restantes grupos finalizavam as respostas às questões do manual, para que, posteriormente lhes fossem entregues os *tablet's*.

Os alunos realizaram as suas pesquisas para o desenvolvimento dos seus projetos e no decorrer das atividades, os alunos foram preenchendo o Guião de Orientação (apêndice 3) e recorrendo ao Guião Síntese (apêndice 5).

Durante esta aula os grupos também formataram as suas apresentações em PowerPoint.

Dez minutos antes de terminar a aula foi, feito o ponto de situação, por forma a perceber o trabalho desenvolvido durante a mesma e facilitar a preparação da aula seguinte, sendo os alunos alertados para a importância de guardarem e enviarem para os seus *emails* o trabalho desenvolvido na aula, para que pudessem finalizá-los fora da sala de aula.

3.6.2.3. Análise reflexiva da responsabilização n.º 2

De uma forma geral a aula correu bem, os alunos mantiveram-se atentos e participativos, revelando um bom comportamento.

No decorrer da pesquisa e elaboração das apresentações, os alunos foram preenchendo o Guião de Orientação (apêndice 3) e recorrendo ao Guião Síntese (apêndice 5), permitindo-me concluir que ambos os instrumentos de trabalho foram importantes para esta fase de pesquisa e elaboração do trabalho, isto porque estes permitiram que os alunos mais facilmente organizassem a informação que recolheram durante as pesquisas.

O acompanhamento feito aos diferentes grupos deu-me a possibilidade de, de igual forma, os orientar na escolha do tipo de letra e fundos das suas apresentações em *PowerPoint*, sendo essencial este acompanhamento para o desenvolvimento de todo o trabalho, isto porque “a organização de ensino e de aprendizagem por projetos implica (...) o exercício de funções de observação e orientação dos grupos de alunos no decorrer dos projetos” (Ferreira, 2003, p. 313).

A aula decorreu com normalidade havendo tranquilidade na maioria dos grupos, apenas verificando alguns confrontos de ideias e método de trabalho em um dos sete grupos, situação que se resolveu com bastante facilidade através do diálogo com os alunos, levando-os a um melhor entendimento entre eles, verificando-se uma das características da metodologia de trabalho de projeto, a importância de negociação e tomadas de decisões por parte dos alunos, sendo estes o centro na metodologia de ensino e aprendizagem e o professor assumindo o papel de ajudante dos alunos no estabelecimento de consensos.

Uma vez mais os alunos recorreram aos recursos educativos digitais para desenvolverem os seus trabalhos, como o *PowerPoint* para prepararem a exposição e comunicação dos seus projetos.

Antes de terminar a aula, e como habitual foi feito um ponto de situação, por forma a perceber o trabalho desenvolvido, as aprendizagens e as questões ainda existentes durante a mesma e facilitar a preparação da aula seguinte.

Terminada a aula, os alunos arrumaram o seu material e sala de aula e uma vez mais saíram da sala de forma ordenada e sem confusão.

3.6.3. Responsabilização n.º3

3.6.3.1. Planificação n.º3

Domínio: Portugal do século XVIII ao século XIX.

Portugal do século XX.

Subdomínio: Portugal na segunda metade do século XIX.

Da Revolução Republicana de 1910 à Ditadura Militar de 1926.

METAS E DESCRITORES DAS APRENDIZAGENS

Subdomínio: Portugal na segunda metade do século XIX.

3. Conhecer e compreender o processo de modernização das atividades produtivas portuguesas na segunda metade do século XIX.

- 1.1. Relacionar a dependência de Portugal face ao exterior e a estabilidade política conseguida em meados do século XIX com as tentativas de modernização da economia portuguesa.
- 1.2. Referir as principais medidas tomadas pelos liberais para a modernização da agricultura portuguesa.
- 1.3. Referir o alcance limitado do desenvolvimento industrial do país, verificado neste período, destacando as principais zonas industriais na segunda metade do século XIX num país maioritariamente rural.

2. Conhecer o desenvolvimento das vias de comunicação e dos modos de transporte operado pela Regeneração e os seus efeitos.

- 2.1. Referir a ausência de uma rede de transportes e comunicação como um entrave ao desenvolvimento do país até meados do século XIX.
- 2.2. Reconhecer a expansão da rede ferroviária, viária e o desenvolvimento dos meios de comunicação na segunda metade do século XIX.
- 2.3. Apontar o Estado como o grande impulsionador da rede de transportes e comunicação da segunda metade do século XIX, destacando a ação de Fontes Pereira de Melo.
- 2.4. Referir as consequências económicas e sociais do desenvolvimento das vias de comunicação, dos transportes e dos meios de comunicação.
- 2.5. Estabelecer uma relação entre os investimentos realizados com recurso aos mercados internacionais com a grave crise financeira de 1890-92.

3. Conhecer e compreender o alcance das medidas tomadas pelos liberais na educação e na justiça.

- 3.1. Enumerar medidas tomadas ao nível do ensino, destacando os seus objetivos e limites.
- 3.2. Indicar o pioneirismo português na abolição da pena de morte, destacando a existência da pena capital em vários países do mundo na atualidade.
- 3.3. Relacionar as ideias liberais com a abolição da pena de morte, da escravatura nas colónias e das penas corporais.

4. Conhecer e compreender o aumento da população e o êxodo rural verificado na segunda metade do século XIX.

- 4.1. Apontar as razões da diminuição da mortalidade e do consequente aumento da população verificado neste período.
- 4.2. Relacionar a mecanização da agricultura, o crescimento da população e a melhoria dos transportes com o êxodo rural e emigração verificados neste período.
- 4.3. Localizar os destinos do êxodo rural e da emigração neste período.

5. Conhecer e compreender as características da sociedade e a vida quotidiana nas cidades e nos campos na segunda metade do século XIX.

- 5.1. Conhecer a organização social liberal, por oposição à sociedade do século XVIII.
- 5.2. Reconhecer o caráter eminentemente rural da economia e sociedade portuguesa.
- 5.3. Caracterizar a modernização das cidades ocorrida neste período, salientando preocupações que continuam a existir no urbanismo atual.
- 5.4. Referir o surgimento do proletariado como novo grupo social, destacando as suas duras condições de vida e de trabalho.
- 5.5. Relacionar as difíceis condições de vida do proletariado com a criação das primeiras associações de operários e as primeiras formas de luta.

6. Conhecer as características da arte da segunda metade do século XIX.

- 6.1. Reconhecer a “arquitetura do ferro” como a grande novidade da arquitetura do século XIX.
- 6.2. Identificar as principais construções da “arquitetura do ferro” em Portugal.
- 6.3. Identificar exemplos marcantes da arquitetura de inspiração em estilos do passado (revivalista).
- 6.4. Enumerar algumas figuras da literatura do século XIX.

Subdomínio: Da Revolução Republicana de 1910 à Ditadura Militar de 1926.

1. Conhecer e compreender as razões da queda da Monarquia Constitucional.

- 1.1. Indicar os motivos do crescente descrédito da instituição monárquica.
- 1.2. Relacionar os interesses das potências industriais europeias em África com a Conferência de Berlim e com o projeto português do Mapa Cor-de-Rosa.
- 1.3. Relacionar o projeto do Mapa Cor-de-Rosa com o Ultimato Inglês.
- 1.4. Relacionar a humilhação sentida pelo povo português face à cedência ao Ultimato Inglês com o aumento dos apoiantes da causa republicana.
- 1.5. Referir o regicídio de 1908 como fator para a queda da Monarquia.
- 1.6. Descrever os principais episódios do 5 de outubro de 1910, salientando o apoio popular à insurreição militar republicana.
- 1.7. Localizar no tempo o período da I República.

2. Conhecer e compreender o funcionamento do regime da I República e os seus símbolos.

- 2.1. Diferenciar Monarquia e República quanto ao chefe de Estado, à legitimidade do seu mandato e à duração do mesmo.
- 2.2. Conhecer os símbolos da República Portuguesa.
- 2.3. Caracterizar o regime republicano a partir da Constituição de 1911, salientando semelhanças e diferenças relativamente à Constituição da Monarquia Constitucional.
- 2.4. Indicar o Parlamento como o órgão político mais importante na I República.
- 2.5. Reconhecer a manutenção de limitações no sufrágio durante a I República, por comparação à situação atual.

3. Conhecer as principais realizações da I República.

- 3.1. Indicar as principais medidas de caráter social tomadas durante a I República.
- 3.2. Referir medidas tomadas pela I República no sentido de diminuir a influência da Igreja junto da população.
- 3.3. Salientar o alcance das medidas sociais e educativas tomadas durante a I República.

4. Conhecer e compreender os motivos do fim da I República e a instauração da Ditadura Militar em 1926.

- 4.1. Referir a instabilidade governativa e a crise económica e social como fatores decisivos para o fim da I República.
- 4.2. Indicar os motivos da entrada de Portugal na I Guerra Mundial.
- 4.3. Indicar os efeitos da participação de Portugal na I Guerra Mundial e sua relação com o golpe militar de 28 de maio de 1926.
- 4.4. Justificar a grande adesão dos militares e da população de Lisboa ao movimento antidemocrático chefiado pelo general Gomes da Costa.
- 4.5. Localizar no tempo o período da Ditadura Militar.
- 4.6. Reconhecer nas medidas da Ditadura Militar o fim da liberdade política e o cercear de liberdades individuais.

Atividades/ Estratégias

1. Saudação aos alunos.
2. Elaboração do plano de aula, em conjunto com os alunos, e registo no caderno diário (sumário).
3. Relembrar o trabalho desenvolvido na aula anterior e fazer ponto de situação.
4. Distribuição dos alunos pelos grupos para mostrarem as suas apresentações ao professor, antes destas serem apresentadas aos colegas da turma.
5. Nos primeiros quarenta e cinco minutos pretende-se que todos os sete grupos mostrem as apresentações ao professor e nos restantes quarenta e cinco minutos o grupo um apresente a mesma aos seus colegas.
6. Após a apresentação os alunos devem preencher o instrumento Grelha de Avaliação (grupo) (apêndice 7) e aqueles que apresentaram preenchem o instrumento Grelha de Avaliação (autoavaliação) (apêndice 6).
7. Comunicação oral da avaliação feita pelos alunos e pelos professores.
8. No final da aula os alunos irão responder às questões do manual (anexo 2), respeitantes ao tema que foi apresentado, neste caso as páginas 58 à 61 e atividade 6 da página 176 (anexo 3).

MATERIAIS / RECURSOS

- Manual, páginas 52 à 93 (anexo 2) e página 176 (anexo 3).
- *Tablet*.
- Aula Digital.
- *YouTube*.
- *Google*.
- Telemóveis.
- Caderno diário.
- Word.
- PowerPoint.
- Projetor.
- Computador.

Avaliação

- Observação direta das atividades propostas e do interesse e empenho dos alunos.
- Comportamento adequado e respeito pelas normas da sala.
- Nível de desempenho individual de cada aluno.
- Apresentações dos trabalhos.
- Envolvimento/ participação dos alunos.
- Adequação do trabalho aos objetivos.
- Qualidade da informação presente no trabalho e na apresentação do mesmo.
- A cooperação, responsabilidade, atitudes e partilha entre elementos de cada grupo.

Consolidação

- Nos últimos cinco minutos é feita oralmente uma reflexão crítica da aula.

3.6.3.2. Descrição da responsabilização n.º 3

A aula iniciou-se com a escrita do sumário da aula anterior e abertura das lições do dia presente.

Nesta aula, nos primeiros quarenta e cinco minutos, os alunos terminaram as apresentações dos seus trabalhos, sendo momento de verificar as apresentações já concluídas ou o trabalho até então desenvolvido, por forma a verificarmos os conteúdos presentes, correção ortográfica e rigor científico, organização e cuidado da apresentação (fundo dos diapositivos, tipo e cor de letra).

Finalizados os primeiros quarenta e cinco minutos da aula, sugeri a todos os alunos que guardassem e enviassem para os seus *emails* o trabalho que tinham estado a desenvolver até então e demos início à apresentação do trabalho do grupo um.

Antes que estes iniciassem a sua apresentação, foi explicado aos alunos que iria distribuir-lhes dois instrumentos de avaliação, um deles de autoavaliação (apêndice 6) a ser entregue apenas aos membros do grupo um e um outro para os restantes alunos da turma (apêndice 7), para que, pudessem fazer uma avaliação da apresentação.

Após a distribuição destes instrumentos pelos alunos explorámos, com mais cuidado, alguns dos itens presentes, que eventualmente pudessem suscitar algumas dúvidas.

Antes de se iniciar a apresentação, foi pedido aos alunos que, abrissem o manual na página 58 (anexo 2) para acompanharem o tema que estava a ser apresentado por aquele grupo.

Logo que terminada a apresentação, e para finalizar a aula, os alunos procederam ao preenchimento dos instrumentos de avaliação, e posterior apreciação global da apresentação, onde foi dada a oportunidade de, àqueles que o pretendessem, justificarem a sua avaliação.

3.6.3.3. Análise reflexiva da responsabilização n.º 3

A aula iniciou-se com normalidade, todos os alunos entraram na sala ordenadamente e sem grande confusão, sentaram-se por grupos e de imediato se organizaram para trabalharem nos seus projetos.

Na primeira parte da aula fui circulando pelos grupos por forma a verificar o trabalho desenvolvido, ajudar a responder a alguma dúvida e orientá-los. Os alunos mostraram bastante autonomia e responsabilidade na execução do seu trabalho, tal como é objetivo, ao recorrer-se à metodologia de trabalho de projeto.

Na segunda parte da aula distribuí pelos alunos dois instrumentos de avaliação e explorámos com mais cuidado alguns dos itens presentes, que eventualmente pudessem suscitar algumas dúvidas. Neste momento de avaliação final alunos e professor comparam as ideias prévias dos alunos com as aprendizagens feitas por estes e avaliaram o cumprimento dos objetivos do projeto, assim como a participação de cada aluno no mesmo. A apresentação foi feita com recurso ao Quadro Interativo para projetar o *PowerPoint* que serviu de base à comunicação, sendo ainda explorado um vídeo disponibilizado na plataforma “*Aula Digital*”, recursos que foram essenciais para enriquecer o trabalho desenvolvido.

O momento de apresentação decorreu com normalidade, sendo dada a oportunidade aos alunos de socializarem e exporem à turma os conhecimentos adquiridos.

Logo que terminada a apresentação, os alunos procederam ao preenchimento dos instrumentos de avaliação, sendo estes levados a refletir e analisar o seu desempenho e o desempenho dos outros e aprendizagens adquiridas, com o intuito de compreenderem o trabalho realizado e direcionarem outros a serem desenvolvidos posteriormente.

No final da aula, houve um pequeno momento de partilha e reflexão, em que os alunos transmitiram oralmente a avaliação feita à apresentação dos grupos e respetiva justificação, por parte daqueles que achassem pertinente fazê-lo, importante para melhoramento de trabalhos desenvolvidos no futuro.

O momento de avaliação possibilita que haja diálogo, debate de ideias e opiniões, essencial ao desenvolvimento de competências de retórica, argumentação e respeito, entre todos os implicados.

Esta aula correu bem, a planificação prevista foi cumprida e a mesma decorreu com normalidade, as atividades desenvolvidas foram ao encontro dos interesses dos alunos e adequadas à superação de dificuldades.

3.6.4. Responsabilização n.º 4

3.6.4.1. Planificação n.º4

Domínio: Portugal do século XVIII ao século XIX. Portugal do século XX. Subdomínio: Portugal na segunda metade do século XIX. Da Revolução Republicana de 1910 à Ditadura Militar de 1926.
METAS E DESCRITORES DAS APRENDIZAGENS
Subdomínio: Portugal na segunda metade do século XIX.
4. Conhecer e compreender o processo de modernização das atividades

produtivas portuguesas na segunda metade do século XIX.

- 1.1. Relacionar a dependência de Portugal face ao exterior e a estabilidade política conseguida em meados do século XIX com as tentativas de modernização da economia portuguesa.
- 1.2. Referir as principais medidas tomadas pelos liberais para a modernização da agricultura portuguesa.
- 1.3. Referir o alcance limitado do desenvolvimento industrial do país, verificado neste período, destacando as principais zonas industriais na segunda metade do século XIX num país maioritariamente rural.

2. Conhecer o desenvolvimento das vias de comunicação e dos modos de transporte operado pela Regeneração e os seus efeitos.

- 2.1. Referir a ausência de uma rede de transportes e comunicação como um entrave ao desenvolvimento do país até meados do século XIX.
- 2.2. Reconhecer a expansão da rede ferroviária, viária e o desenvolvimento dos meios de comunicação na segunda metade do século XIX.
- 2.3. Apontar o Estado como o grande impulsionador da rede de transportes e comunicação da segunda metade do século XIX, destacando a ação de Fontes Pereira de Melo.
- 2.4. Referir as consequências económicas e sociais do desenvolvimento das vias de comunicação, dos transportes e dos meios de comunicação.
- 2.5. Estabelecer uma relação entre os investimentos realizados com recurso aos mercados internacionais com a grave crise financeira de 1890-92.

3. Conhecer e compreender o alcance das medidas tomadas pelos liberais na educação e na justiça.

- 3.1. Enumerar medidas tomadas ao nível do ensino, destacando os seus objetivos e limites.
- 3.2. Indicar o pioneirismo português na abolição da pena de morte, destacando a existência da pena capital em vários países do mundo na atualidade.
- 3.3. Relacionar as ideias liberais com a abolição da pena de morte, da escravatura nas colónias e das penas corporais.

4. Conhecer e compreender o aumento da população e o êxodo rural verificado na segunda metade do século XIX.

- 4.1. Apontar as razões da diminuição da mortalidade e do consequente aumento da população verificado neste período.
- 4.2. Relacionar a mecanização da agricultura, o crescimento da população e a melhoria dos transportes com o êxodo rural e emigração verificados neste período.
- 4.3. Localizar os destinos do êxodo rural e da emigração neste período.

5. Conhecer e compreender as características da sociedade e a vida quotidiana nas cidades e nos campos na segunda metade do século XIX.

- 5.1. Conhecer a organização social liberal, por oposição à sociedade do século XVIII.
- 5.2. Reconhecer o caráter eminentemente rural da economia e sociedade portuguesa.
- 5.3. Caracterizar a modernização das cidades ocorrida neste período, salientando preocupações que continuam a existir no urbanismo atual.
- 5.4. Referir o surgimento do proletariado como novo grupo social, destacando as suas

duras condições de vida e de trabalho.

5.5. Relacionar as difíceis condições de vida do proletariado com a criação das primeiras associações de operários e as primeiras formas de luta.

6. Conhecer as características da arte da segunda metade do século XIX.

6.1. Reconhecer a “arquitetura do ferro” como a grande novidade da arquitetura do século XIX.

6.2. Identificar as principais construções da “arquitetura do ferro” em Portugal.

6.3. Identificar exemplos marcantes da arquitetura de inspiração em estilos do passado (revivalista).

6.4. Enumerar algumas figuras da literatura do século XIX.

Subdomínio: Da Revolução Republicana de 1910 à Ditadura Militar de 1926.

1. Conhecer e compreender as razões da queda da Monarquia Constitucional.

1.1. Indicar os motivos do crescente descrédito da instituição monárquica.

1.2. Relacionar os interesses das potências industriais europeias em África com a Conferência de Berlim e com o projeto português do Mapa Cor-de-Rosa.

1.3. Relacionar o projeto do Mapa Cor-de-Rosa com o Ultimato Inglês.

1.4. Relacionar a humilhação sentida pelo povo português face à cedência ao Ultimato Inglês com o aumento dos apoiantes da causa republicana.

1.5. Referir o regicídio de 1908 como fator para a queda da Monarquia.

1.6. Descrever os principais episódios do 5 de outubro de 1910, salientando o apoio popular à insurreição militar republicana.

1.7. Localizar no tempo o período da I República.

2. Conhecer e compreender o funcionamento do regime da I República e os seus símbolos.

2.1. Diferenciar Monarquia e República quanto ao chefe de Estado, à legitimidade do seu mandato e à duração do mesmo.

2.2. Conhecer os símbolos da República Portuguesa.

2.3. Caracterizar o regime republicano a partir da Constituição de 1911, salientando semelhanças e diferenças relativamente à Constituição da Monarquia Constitucional.

2.4. Indicar o Parlamento como o órgão político mais importante na I República.

2.5. Reconhecer a manutenção de limitações no sufrágio durante a I República, por comparação à situação atual.

3. Conhecer as principais realizações da I República.

3.1. Indicar as principais medidas de caráter social tomadas durante a I República.

3.2. Referir medidas tomadas pela I República no sentido de diminuir a influência da Igreja junto da população.

3.3. Salientar o alcance das medidas sociais e educativas tomadas durante a I República.

4. Conhecer e compreender os motivos do fim da I República e a instauração da Ditadura Militar em 1926.

4.1. Referir a instabilidade governativa e a crise económica e social como fatores decisivos para o fim da I República.

4.2. Indicar os motivos da entrada de Portugal na I Guerra Mundial.

4.3. Indicar os efeitos da participação de Portugal na I Guerra Mundial e sua relação com o golpe militar de 28 de maio de 1926. 4.4. Justificar a grande adesão dos militares e da população de Lisboa ao movimento antidemocrático chefiado pelo general Gomes da Costa. 4.5. Localizar no tempo o período da Ditadura Militar. 4.6. Reconhecer nas medidas da Ditadura Militar o fim da liberdade política e o cercear de liberdades individuais.
Atividades/ Estratégias
1. Saudação aos alunos. 2. Elaboração do plano de aula, em conjunto com os alunos, e registo no caderno diário (sumário). 3. Relembrar o trabalho desenvolvido na aula anterior e fazer ponto de situação. 4. Autoavaliação do trabalho apresentado pelo grupo um, na aula anterior. 5. Apreciação, por parte do professor orientador cooperante e da professora estagiária, do trabalho apresentado pelo grupo um. 6. Correção das respostas às perguntas do manual, das páginas 58, 59 e 176 do manual (anexo 2 e 3). 7. Apresentação do trabalho do grupo dois. 8. Terminada a apresentação e como forma de consolidação da aula, os alunos da turma devem responder às perguntas do manual das páginas 62, 63 e 176 (anexos 2 e 3), para posteriormente ser feita a correção das mesmas. 9. Nos últimos dez minutos da aula os alunos devem preencher o instrumento de avaliação do grupo (apêndice 7) e aqueles que apresentaram preenchem o instrumento de autoavaliação (apêndice 6). 10. Comunicação oral da avaliação ao grupo, por parte dos alunos e professores.
MATERIAIS / RECURSOS
• Manual, páginas 58 à 63 (anexo 2) e página 176 (anexo 3). • Aula Digital. • Caderno diário. • PowerPoint. • Projetor. • Computador.
Avaliação
• Observação direta das atividades propostas e do interesse e empenho dos alunos. • Comportamento adequado e respeito pelas normas da sala. • Nível de desempenho individual de cada aluno. • Apresentações dos trabalhos. • Envolvimento/ participação dos alunos. • Adequação do trabalho aos objetivos. • Qualidade da informação presente no trabalho e na apresentação do mesmo. • A cooperação, responsabilidade, atitudes e partilha entre elementos de cada grupo.
Consolidação
• Respostas às questões do manual e reflexão crítica da aula.

3.6.4.2. Descrição da responsabilização n.º 4

Uma vez mais a aula iniciou-se com a escrita do sumário da aula anterior e abertura das lições do dia, e como habitual foi feito o ponto de situação do trabalho já desenvolvido, relembrando a apresentação do grupo um e constatando que seria necessário responder às

questões do manual das páginas 58 e 59 (anexo 2) e 176 (anexo 3), respeitantes ao tema desenvolvido por este grupo, assim como a autoavaliação e avaliação por parte dos professores do trabalho apresentado.

Uma vez feita a apresentação, nesta aula o grupo um procedeu à correção das questões do manual, respeitantes ao seu tema.

Assim que terminada a correção às questões foi solicitado aos alunos que fizessem a sua autoavaliação (apêndice 6), tendo sempre como base a cooperação no grupo e o seu empenho.

Depois da autoavaliação dos alunos foi a vez de os professores fazerem a sua apreciação, recorrendo à Grelha de Observação (apêndice 4).

Terminada a apresentação do trabalho do grupo um foi chegado o momento do grupo dois iniciar a apresentação do seu trabalho.

O grupo dois não terminou a sua apresentação, tendo a mesma ficado para a aula seguinte, e no final da aula transmiti aos alunos que na próxima aula iríamos retomar a apresentação do grupo dois e contar com a apresentação do grupo três.

3.6.4.3. Análise reflexiva da responsabilização n.º 4

A aula iniciou e terminou com normalidade, todos os alunos entraram na sala ordenadamente e sem grande confusão e sentaram-se nos seus lugares.

Nesta aula procedeu-se à correção das questões do manual e logo de seguida foi feita a avaliação, quer por parte dos alunos do grupo (autoavaliação), quer pelos restantes alunos da turma e pelos professores, revelou ser um momento importante de partilha, reflexão e análise das ações, neste caso em concreto, do trabalho desenvolvido, sendo um ponto de partida para a melhoria do processo de ensino e de aprendizagem e de ações futuras, quer desenvolvidas pelos alunos quer pelos professores.

Após a apresentação do grupo dois surgiu a oportunidade de haver um debate de ideias na turma, momento este bastante importante para que os alunos partilhassem as suas opiniões e até as justificassem.

Neste pequeno debate alguns alunos quiseram dar a sua opinião e justificar a mesma, verifiquei que foi um momento de construção potencializador da capacidade de reflexão e de construção da argumentação, em que os alunos se mostraram motivados, participaram mais ativamente e expuseram os seus argumentos de forma sólida. Este momento permitiu que os alunos fossem para além daquilo que estava a ser apresentado por aquele grupo, avalio-o como muito importante para os alunos desenvolverem capacidades associadas à

argumentação e tal como referido já anteriormente, aquando da referência às vantagens da metodologia de trabalho de projeto, os alunos participaram ativamente na aquisição das aprendizagens.

3.6.5. Responsabilização n.º5

3.6.5.1. Planificação n.º5

Domínio: Portugal do século XVIII ao século XIX. Portugal do século XX. Subdomínio: Portugal na segunda metade do século XIX. Da Revolução Republicana de 1910 à Ditadura Militar de 1926.
METAS E DESCRITORES DAS APRENDIZAGENS
Subdomínio: Portugal na segunda metade do século XIX.
5. Conhecer e compreender o processo de modernização das atividades produtivas portuguesas na segunda metade do século XIX. 1.1. Relacionar a dependência de Portugal face ao exterior e a estabilidade política conseguida em meados do século XIX com as tentativas de modernização da economia portuguesa. 1.2. Referir as principais medidas tomadas pelos liberais para a modernização da agricultura portuguesa. 1.3. Referir o alcance limitado do desenvolvimento industrial do país, verificado neste período, destacando as principais zonas industriais na segunda metade do século XIX num país maioritariamente rural.
2. Conhecer o desenvolvimento das vias de comunicação e dos modos de transporte operado pela Regeneração e os seus efeitos. 2.1. Referir a ausência de uma rede de transportes e comunicação como um entrave ao desenvolvimento do país até meados do século XIX. 2.2. Reconhecer a expansão da rede ferroviária, viária e o desenvolvimento dos meios de comunicação na segunda metade do século XIX. 2.3. Apontar o Estado como o grande impulsionador da rede de transportes e comunicação da segunda metade do século XIX, destacando a ação de Fontes Pereira de Melo. 2.4. Referir as consequências económicas e sociais do desenvolvimento das vias de comunicação, dos transportes e dos meios de comunicação. 2.5. Estabelecer uma relação entre os investimentos realizados com recurso aos mercados internacionais com a grave crise financeira de 1890-92.
3. Conhecer e compreender o alcance das medidas tomadas pelos liberais na educação e na justiça. 3.1. Enumerar medidas tomadas ao nível do ensino, destacando os seus objetivos e limites. 3.2. Indicar o pioneirismo português na abolição da pena de morte, destacando a existência da pena capital em vários países do mundo na atualidade. 3.3. Relacionar as ideias liberais com a abolição da pena de morte, da escravatura nas colónias e das penas corporais.

4. Conhecer e compreender o aumento da população e o êxodo rural verificado na segunda metade do século XIX.

- 4.1. Apontar as razões da diminuição da mortalidade e do consequente aumento da população verificado neste período.
- 4.2. Relacionar a mecanização da agricultura, o crescimento da população e a melhoria dos transportes com o êxodo rural e emigração verificados neste período.
- 4.3. Localizar os destinos do êxodo rural e da emigração neste período.

5. Conhecer e compreender as características da sociedade e a vida quotidiana nas cidades e nos campos na segunda metade do século XIX.

- 5.1. Conhecer a organização social liberal, por oposição à sociedade do século XVIII.
- 5.2. Reconhecer o caráter eminentemente rural da economia e sociedade portuguesa.
- 5.3. Caracterizar a modernização das cidades ocorrida neste período, salientando preocupações que continuam a existir no urbanismo atual.
- 5.4. Referir o surgimento do proletariado como novo grupo social, destacando as suas duras condições de vida e de trabalho.
- 5.5. Relacionar as difíceis condições de vida do proletariado com a criação das primeiras associações de operários e as primeiras formas de luta.

6. Conhecer as características da arte da segunda metade do século XIX.

- 6.1. Reconhecer a “arquitetura do ferro” como a grande novidade da arquitetura do século XIX.
- 6.2. Identificar as principais construções da “arquitetura do ferro” em Portugal.
- 6.3. Identificar exemplos marcantes da arquitetura de inspiração em estilos do passado (revivalista).
- 6.4. Enumerar algumas figuras da literatura do século XIX.

Subdomínio: Da Revolução Republicana de 1910 à Ditadura Militar de 1926.

1. Conhecer e compreender as razões da queda da Monarquia Constitucional.

- 1.1. Indicar os motivos do crescente descrédito da instituição monárquica.
- 1.2. Relacionar os interesses das potências industriais europeias em África com a Conferência de Berlim e com o projeto português do Mapa Cor-de-Rosa.
- 1.3. Relacionar o projeto do Mapa Cor-de-Rosa com o Ultimato Inglês.
- 1.4. Relacionar a humilhação sentida pelo povo português face à cedência ao Ultimato Inglês com o aumento dos apoiantes da causa republicana.
- 1.5. Referir o regicídio de 1908 como fator para a queda da Monarquia.
- 1.6. Descrever os principais episódios do 5 de outubro de 1910, salientando o apoio popular à insurreição militar republicana.
- 1.7. Localizar no tempo o período da I República.

2. Conhecer e compreender o funcionamento do regime da I República e os seus símbolos.

- 2.1. Diferenciar Monarquia e República quanto ao chefe de Estado, à legitimidade do seu mandato e à duração do mesmo.
- 2.2. Conhecer os símbolos da República Portuguesa.
- 2.3. Caracterizar o regime republicano a partir da Constituição de 1911, salientando

- semelhanças e diferenças relativamente à Constituição da Monarquia Constitucional.
- 2.4. Indicar o Parlamento como o órgão político mais importante na I República.
- 2.5. Reconhecer a manutenção de limitações no sufrágio durante a I República, por comparação à situação atual.

3. Conhecer as principais realizações da I República.

- 3.1. Indicar as principais medidas de caráter social tomadas durante a I República.
- 3.2. Referir medidas tomadas pela I República no sentido de diminuir a influência da Igreja junto da população.
- 3.3. Salientar o alcance das medidas sociais e educativas tomadas durante a I República.

4. Conhecer e compreender os motivos do fim da I República e a instauração da Ditadura Militar em 1926.

- 4.1. Referir a instabilidade governativa e a crise económica e social como fatores decisivos para o fim da I República.
- 4.2. Indicar os motivos da entrada de Portugal na I Guerra Mundial.
- 4.3. Indicar os efeitos da participação de Portugal na I Guerra Mundial e sua relação com o golpe militar de 28 de maio de 1926.
- 4.4. Justificar a grande adesão dos militares e da população de Lisboa ao movimento antidemocrático chefiado pelo general Gomes da Costa.
- 4.5. Localizar no tempo o período da Ditadura Militar.
- 4.6. Reconhecer nas medidas da Ditadura Militar o fim da liberdade política e o cercear de liberdades individuais.

Atividades/ Estratégias

1. Saudação aos alunos.
2. Elaboração do plano de aula, em conjunto com os alunos, e registo no caderno diário (sumário).
3. Relembrar o trabalho desenvolvido na aula anterior e fazer ponto de situação.
4. Apresentação de trabalhos dos grupos dois e três.
5. Após a apresentação do grupo dois e como forma de consolidação da aula, os alunos da turma devem responder às perguntas do manual das páginas 62, 63 e 176 (anexos 2 e 3), e posteriormente ser feita a correção das mesmas.
6. Terminada a apresentação iniciasse a avaliação.
7. Após o momento de avaliação o grupo três inicia a sua apresentação.

MATERIAIS / RECURSOS

- Manual, páginas 62 à 65 (anexo 2).
- Aula Digital.
- Caderno diário.
- PowerPoint.
- Projetor.
- Computador.

Avaliação

- Observação direta das atividades propostas e do interesse e empenho dos alunos.
- Comportamento adequado e respeito pelas normas da sala.
- Nível de desempenho individual de cada aluno.
- Apresentações dos trabalhos.
- Envolvimento/ participação dos alunos.
- Adequação do trabalho aos objetivos.
- Qualidade da informação presente no trabalho e na apresentação do mesmo.

• A cooperação, responsabilidade, atitudes e partilha entre elementos de cada grupo.
Consolidação
• Respostas às questões do manual e reflexão crítica da aula.

3.6.5.2. Descrição da responsabilização n.º 5

A aula iniciou-se com a escrita do sumário da aula anterior e abertura das lições do dia presente.

Como habitual começámos por fazer uma revisão do trabalho desenvolvido na aula anterior, constatando que o grupo um tinha apresentado o seu trabalho e o grupo dois, já havia iniciado a sua apresentação, sendo necessário nesta aula retomar a mesma.

Após este breve momento de revisão e contextualização o grupo dois imediatamente retomou a sua apresentação, partindo do ponto onde ficaram na aula anterior.

À medida que os alunos apresentaram o seu trabalho foram feitas as intervenções necessárias e logo que concluída foi pedido aos alunos que respondessem às questões do manual, referentes ao tema apresentado e fizessem a avaliação do trabalho apresentado, preenchendo a Grelha de Avaliação, assim como foi sugerido aos elementos do grupo dois que fizessem a sua autoavaliação.

Cerca de cinco minutos depois, o grupo dois começou a questionar os alunos de forma aleatória e depois das respostas dadas projetavam as mesmas no quadro, para que os alunos verificassem as suas respostas e caso houvesse alguma dúvida as expusessem para serem esclarecidas.

Logo que terminada a correção das questões, foi solicitado aos alunos que fizessem a avaliação do trabalho apresentado (apêndice 7).

Depois desta avaliação foi a vez dos membros do grupo procederem à sua autoavaliação (apêndice 6) e posteriormente os professores também transmitiram o seu parecer sobre o trabalho exposto.

Os alunos do grupo três deram início à sua apresentação, recorrendo uma vez mais aos recursos educativos digitais, nomeadamente ao PowerPoint e à plataforma *Aula Digital*.

Finda a apresentação, os alunos responderam às questões do manual, correspondentes ao tema apresentado.

Uma vez que se aproximava a hora de terminar esta aula, não foi possível fazer a avaliação do trabalho apresentado, tendo a mesma ficado agendada para a aula seguinte.

3.6.5.3. Análise reflexiva da responsabilização n.º 5

A aula iniciou-se com um balanço das atividades desenvolvidas até então, importante para fazer ligação entre os temas abordados, sendo um momento fundamental para contextualizar e interligar todas as atividades que se vão desenvolver posteriormente.

No momento de resposta às questões de cada grupo, verifica-se uma maior interação entre alunos e é uma forma do professor perceber se os conteúdos haviam sido assimilados e se existiam algumas dúvidas.

A aula decorreu com normalidade, como habitual os alunos foram recorrendo a vídeos do *YouTube* e à plataforma “*Aula Digital*” por forma a enriquecerem as suas comunicações à turma.

Denotou-se nesta aula, tal como nas anteriores, um enorme interesse e motivação por parte dos alunos, relativamente aos projetos que estavam a ser apresentados, comprovando uma vez mais os aspetos positivos para a aprendizagem, recorrendo à metodologia de trabalho de projeto. Conseguiram expor de forma clara o resultado final da sua pesquisa e organização de informação, sendo um momento bastante enriquecedor para toda a turma, quer em termos de conhecimento/ compreensão/ solução do(s) problema(s) ou questão(ões) inicialmente colocados.

3.6.6. Responsabilização n.º6

3.6.6.1. Planificação n.º6

Domínio: Portugal do século XVIII ao século XIX. Portugal do século XX. Subdomínio: Portugal na segunda metade do século XIX. Da Revolução Republicana de 1910 à Ditadura Militar de 1926.
METAS E DESCRITORES DAS APRENDIZAGENS
Subdomínio: Portugal na segunda metade do século XIX.
6. Conhecer e compreender o processo de modernização das atividades produtivas portuguesas na segunda metade do século XIX.
1.1. Relacionar a dependência de Portugal face ao exterior e a estabilidade política conseguida em meados do século XIX com as tentativas de modernização da economia portuguesa.
1.2. Referir as principais medidas tomadas pelos liberais para a modernização da agricultura portuguesa.
1.3. Referir o alcance limitado do desenvolvimento industrial do país, verificado neste período, destacando as principais zonas industriais na segunda metade do século XIX num país maioritariamente rural.
2. Conhecer o desenvolvimento das vias de comunicação e dos modos de transporte operado pela Regeneração e os seus efeitos.
2.1. Referir a ausência de uma rede de transportes e comunicação como um entrave ao

desenvolvimento do país até meados do século XIX.

- 2.2. Reconhecer a expansão da rede ferroviária, viária e o desenvolvimento dos meios de comunicação na segunda metade do século XIX.
- 2.3. Apontar o Estado como o grande impulsionador da rede de transportes e comunicação da segunda metade do século XIX, destacando a ação de Fontes Pereira de Melo.
- 2.4. Referir as consequências económicas e sociais do desenvolvimento das vias de comunicação, dos transportes e dos meios de comunicação.
- 2.5. Estabelecer uma relação entre os investimentos realizados com recurso aos mercados internacionais com a grave crise financeira de 1890-92.

3. Conhecer e compreender o alcance das medidas tomadas pelos liberais na educação e na justiça.

- 3.1. Enumerar medidas tomadas ao nível do ensino, destacando os seus objetivos e limites.
- 3.2. Indicar o pioneirismo português na abolição da pena de morte, destacando a existência da pena capital em vários países do mundo na atualidade.
- 3.3. Relacionar as ideias liberais com a abolição da pena de morte, da escravatura nas colónias e das penas corporais.

4. Conhecer e compreender o aumento da população e o êxodo rural verificado na segunda metade do século XIX.

- 4.1. Apontar as razões da diminuição da mortalidade e do conseqüente aumento da população verificado neste período.
- 4.2. Relacionar a mecanização da agricultura, o crescimento da população e a melhoria dos transportes com o êxodo rural e emigração verificados neste período.
- 4.3. Localizar os destinos do êxodo rural e da emigração neste período.

5. Conhecer e compreender as características da sociedade e a vida quotidiana nas cidades e nos campos na segunda metade do século XIX.

- 5.1. Conhecer a organização social liberal, por oposição à sociedade do século XVIII.
- 5.2. Reconhecer o caráter eminentemente rural da economia e sociedade portuguesa.
- 5.3. Caracterizar a modernização das cidades ocorrida neste período, salientando preocupações que continuam a existir no urbanismo atual.
- 5.4. Referir o surgimento do proletariado como novo grupo social, destacando as suas duras condições de vida e de trabalho.
- 5.5. Relacionar as difíceis condições de vida do proletariado com a criação das primeiras associações de operários e as primeiras formas de luta.

6. Conhecer as características da arte da segunda metade do século XIX.

- 6.1. Reconhecer a “arquitetura do ferro” como a grande novidade da arquitetura do século XIX.
- 6.2. Identificar as principais construções da “arquitetura do ferro” em Portugal.
- 6.3. Identificar exemplos marcantes da arquitetura de inspiração em estilos do passado (revivalista).
- 6.4. Enumerar algumas figuras da literatura do século XIX.

Subdomínio: Da Revolução Republicana de 1910 à Ditadura Militar de 1926.

1. Conhecer e compreender as razões da queda da Monarquia Constitucional.

- 1.1. Indicar os motivos do crescente descrédito da instituição monárquica.
- 1.2. Relacionar os interesses das potências industriais europeias em África com a Conferência de Berlim e com o projeto português do Mapa Cor-de-Rosa.
- 1.3. Relacionar o projeto do Mapa Cor-de-Rosa com o Ultimato Inglês.
- 1.4. Relacionar a humilhação sentida pelo povo português face à cedência ao Ultimato Inglês com o aumento dos apoiantes da causa republicana.
- 1.5. Referir o regicídio de 1908 como fator para a queda da Monarquia.
- 1.6. Descrever os principais episódios do 5 de outubro de 1910, salientando o apoio popular à insurreição militar republicana.
- 1.7. Localizar no tempo o período da I República.

2. Conhecer e compreender o funcionamento do regime da I República e os seus símbolos.

- 2.1. Diferenciar Monarquia e República quanto ao chefe de Estado, à legitimidade do seu mandato e à duração do mesmo.
- 2.2. Conhecer os símbolos da República Portuguesa.
- 2.3. Caracterizar o regime republicano a partir da Constituição de 1911, salientando semelhanças e diferenças relativamente à Constituição da Monarquia Constitucional.
- 2.4. Indicar o Parlamento como o órgão político mais importante na I República.
- 2.5. Reconhecer a manutenção de limitações no sufrágio durante a I República, por comparação à situação atual.

3. Conhecer as principais realizações da I República.

- 3.1. Indicar as principais medidas de caráter social tomadas durante a I República.
- 3.2. Referir medidas tomadas pela I República no sentido de diminuir a influência da Igreja junto da população.
- 3.3. Salientar o alcance das medidas sociais e educativas tomadas durante a I República.

4. Conhecer e compreender os motivos do fim da I República e a instauração da Ditadura Militar em 1926.

- 4.1. Referir a instabilidade governativa e a crise económica e social como fatores decisivos para o fim da I República.
- 4.2. Indicar os motivos da entrada de Portugal na I Guerra Mundial.
- 4.3. Indicar os efeitos da participação de Portugal na I Guerra Mundial e sua relação com o golpe militar de 28 de maio de 1926.
- 4.4. Justificar a grande adesão dos militares e da população de Lisboa ao movimento antidemocrático chefiado pelo general Gomes da Costa.
- 4.5. Localizar no tempo o período da Ditadura Militar.
- 4.6. Reconhecer nas medidas da Ditadura Militar o fim da liberdade política e o cercear de liberdades individuais.

Atividades/ Estratégias

1. Saudação aos alunos.
2. Elaboração do plano de aula, em conjunto com os alunos, e registo no caderno diário (sumário).
3. Relembrar o trabalho desenvolvido na aula anterior e fazer ponto de situação.
4. Realização da avaliação ao grupo três, que apresentou o seu trabalho na aula anterior.

5. Apreciação, por parte do professor orientador cooperante e da professora estagiária, do trabalho apresentado pelo grupo três. 6. Apresentação do grupo quatro. 7. Terminada a apresentação e como forma de consolidação da aula, os alunos da turma devem responder às perguntas do manual das páginas 66 à 71 (anexo 2), para posteriormente ser feita a correção das mesmas. 8. Nos últimos dez minutos da aula os alunos devem preencher o instrumento de avaliação do grupo (apêndice 7) e aqueles que apresentaram preenchem o instrumento de autoavaliação (apêndice 6). Assim que preenchidos estes documentos, os alunos assim como o professor devem comunicar oralmente a avaliação que fizeram.
MATERIAIS / RECURSOS
• Manual, páginas 66 à 71 (anexo 2). • Aula Digital. • Caderno diário. • PowerPoint. • Projetor. • Computador.
Avaliação
• Observação direta das atividades propostas e do interesse e empenho dos alunos. • Comportamento adequado e respeito pelas normas da sala. • Nível de desempenho individual de cada aluno. • Apresentações dos trabalhos. • Envolvimento/ participação dos alunos. • Adequação do trabalho aos objetivos. • Qualidade da informação presente no trabalho e na apresentação do mesmo. • A cooperação, responsabilidade, atitudes e partilha entre elementos de cada grupo.
Consolidação
• Respostas às questões do manual e reflexão crítica da aula.

3.6.6.2. Descrição da responsabilização n.º 6

Nesta aula e como habitual começámos por fazer uma revisão do trabalho desenvolvido na aula anterior e posteriormente foi feita a autoavaliação dos membros do grupo seguida da avaliação por parte dos restantes alunos e professores.

Procedeu-se à recolha da avaliação feita e distribuição dos novos instrumentos de avaliação (apêndices 6 e 7). Em seguida o grupo quatro apresentou o seu trabalho.

O grupo quatro não terminou a sua apresentação, pois optaram por dividir o trabalho em duas partes, assim que apresentada a primeira parte foi a vez de responderem às questões do manual e posterior correção das mesmas, tendo ficado a segunda parte do trabalho para apresentar na aula seguinte.

Enquanto a turma respondia às questões do manual das páginas 66 à 71 (anexo 2), os elementos do grupo quatro aproveitaram para fazer a sua autoavaliação.

3.6.6.3. Análise reflexiva da responsabilização n.º 6

A aula decorreu com normalidade. Uma vez mais os alunos souberam organizar-se para que a aula fosse tranquila.

À medida que iam sendo feitas as apresentações e respondendo às questões do manual fui monitorizando as atividades que estavam a ser desenvolvidas, para que atendessem às dificuldades que eventualmente pudessem surgir, mantendo-me próxima de todos os alunos e possibilitando uma maior ajuda na superação das suas dificuldades, dando resposta às mesmas. O facto de ir acompanhado os alunos permitia-me orientar os diferentes grupos, não só esclarecendo as dúvidas como acrescentando aspetos pertinentes aos conteúdos em estudo. De facto, pude comprovar que quando os alunos realizam os trabalhos de pesquisa o professor é o guia e facilitador das aprendizagens.

Para a apresentação, os alunos recorreram uma vez mais aos recursos educativos digitais, nomeadamente o *PowerPoint*, a plataforma “*Aula Digital*” e o *YouTube*”, conseguindo assim cativar a atenção dos colegas, demonstrando uma vez mais a importância dos recursos educativos digitais para a motivação dos alunos.

De uma forma geral, a aula decorreu com a normalidade prevista, uma vez mais, penso ter mantido uma postura na sala de aula de permanente apoio aos alunos.

3.6.7. Responsabilização n.º7

3.6.7.1. Planificação n.º7

Domínio: Portugal do século XVIII ao século XIX. Portugal do século XX. Subdomínio: Portugal na segunda metade do século XIX. Da Revolução Republicana de 1910 à Ditadura Militar de 1926.
METAS E DESCRITORES DAS APRENDIZAGENS
Subdomínio: Portugal na segunda metade do século XIX.
7. Conhecer e compreender o processo de modernização das atividades produtivas portuguesas na segunda metade do século XIX.
1.1. Relacionar a dependência de Portugal face ao exterior e a estabilidade política conseguida em meados do século XIX com as tentativas de modernização da economia portuguesa.
1.2. Referir as principais medidas tomadas pelos liberais para a modernização da agricultura portuguesa.
1.3. Referir o alcance limitado do desenvolvimento industrial do país, verificado neste período, destacando as principais zonas industriais na segunda metade do século XIX num país maioritariamente rural.
2. Conhecer o desenvolvimento das vias de comunicação e dos modos de transporte

operado pela Regeneração e os seus efeitos.

- 2.1. Referir a ausência de uma rede de transportes e comunicação como um entrave ao desenvolvimento do país até meados do século XIX.
- 2.2. Reconhecer a expansão da rede ferroviária, viária e o desenvolvimento dos meios de comunicação na segunda metade do século XIX.
- 2.3. Apontar o Estado como o grande impulsionador da rede de transportes e comunicação da segunda metade do século XIX, destacando a ação de Fontes Pereira de Melo.
- 2.4. Referir as consequências económicas e sociais do desenvolvimento das vias de comunicação, dos transportes e dos meios de comunicação.
- 2.5. Estabelecer uma relação entre os investimentos realizados com recurso aos mercados internacionais com a grave crise financeira de 1890-92.

3. Conhecer e compreender o alcance das medidas tomadas pelos liberais na educação e na justiça.

- 3.1. Enumerar medidas tomadas ao nível do ensino, destacando os seus objetivos e limites.
- 3.2. Indicar o pioneirismo português na abolição da pena de morte, destacando a existência da pena capital em vários países do mundo na atualidade.
- 3.3. Relacionar as ideias liberais com a abolição da pena de morte, da escravatura nas colónias e das penas corporais.

4. Conhecer e compreender o aumento da população e o êxodo rural verificado na segunda metade do século XIX.

- 4.1. Apontar as razões da diminuição da mortalidade e do conseqüente aumento da população verificado neste período.
- 4.2. Relacionar a mecanização da agricultura, o crescimento da população e a melhoria dos transportes com o êxodo rural e emigração verificados neste período.
- 4.3. Localizar os destinos do êxodo rural e da emigração neste período.

5. Conhecer e compreender as características da sociedade e a vida quotidiana nas cidades e nos campos na segunda metade do século XIX.

- 5.1. Conhecer a organização social liberal, por oposição à sociedade do século XVIII.
- 5.2. Reconhecer o caráter eminentemente rural da economia e sociedade portuguesa.
- 5.3. Caracterizar a modernização das cidades ocorrida neste período, salientando preocupações que continuam a existir no urbanismo atual.
- 5.4. Referir o surgimento do proletariado como novo grupo social, destacando as suas duras condições de vida e de trabalho.
- 5.5. Relacionar as difíceis condições de vida do proletariado com a criação das primeiras associações de operários e as primeiras formas de luta.

6. Conhecer as características da arte da segunda metade do século XIX.

- 6.1. Reconhecer a “arquitetura do ferro” como a grande novidade da arquitetura do século XIX.
- 6.2. Identificar as principais construções da “arquitetura do ferro” em Portugal.
- 6.3. Identificar exemplos marcantes da arquitetura de inspiração em estilos do passado (revivalista).
- 6.4. Enumerar algumas figuras da literatura do século XIX.

Subdomínio: Da Revolução Republicana de 1910 à Ditadura Militar de 1926.

1. Conhecer e compreender as razões da queda da Monarquia Constitucional.

- 1.1. Indicar os motivos do crescente descrédito da instituição monárquica.
- 1.2. Relacionar os interesses das potências industriais europeias em África com a Conferência de Berlim e com o projeto português do Mapa Cor-de-Rosa.
- 1.3. Relacionar o projeto do Mapa Cor-de-Rosa com o Ultimato Inglês.
- 1.4. Relacionar a humilhação sentida pelo povo português face à cedência ao Ultimato Inglês com o aumento dos apoiantes da causa republicana.
- 1.5. Referir o regicídio de 1908 como fator para a queda da Monarquia.
- 1.6. Descrever os principais episódios do 5 de outubro de 1910, salientando o apoio popular à insurreição militar republicana.
- 1.7. Localizar no tempo o período da I República.

2. Conhecer e compreender o funcionamento do regime da I República e os seus símbolos.

- 2.1. Diferenciar Monarquia e República quanto ao chefe de Estado, à legitimidade do seu mandato e à duração do mesmo.
- 2.2. Conhecer os símbolos da República Portuguesa.
- 2.3. Caracterizar o regime republicano a partir da Constituição de 1911, salientando semelhanças e diferenças relativamente à Constituição da Monarquia Constitucional.
- 2.4. Indicar o Parlamento como o órgão político mais importante na I República.
- 2.5. Reconhecer a manutenção de limitações no sufrágio durante a I República, por comparação à situação atual.

3. Conhecer as principais realizações da I República.

- 3.1. Indicar as principais medidas de caráter social tomadas durante a I República.
- 3.2. Referir medidas tomadas pela I República no sentido de diminuir a influência da Igreja junto da população.
- 3.3. Salientar o alcance das medidas sociais e educativas tomadas durante a I República.

4. Conhecer e compreender os motivos do fim da I República e a instauração da Ditadura Militar em 1926.

- 4.1. Referir a instabilidade governativa e a crise económica e social como fatores decisivos para o fim da I República.
- 4.2. Indicar os motivos da entrada de Portugal na I Guerra Mundial.
- 4.3. Indicar os efeitos da participação de Portugal na I Guerra Mundial e sua relação com o golpe militar de 28 de maio de 1926.
- 4.4. Justificar a grande adesão dos militares e da população de Lisboa ao movimento antidemocrático chefiado pelo general Gomes da Costa.
- 4.5. Localizar no tempo o período da Ditadura Militar.
- 4.6. Reconhecer nas medidas da Ditadura Militar o fim da liberdade política e o cercear de liberdades individuais.

Atividades/Estratégias

1. Saudação aos alunos.
2. Elaboração do plano de aula, em conjunto com os alunos, e registo no caderno diário (sumário).
3. Relembrar o trabalho desenvolvido na aula anterior e fazer ponto de situação.

4. Nesta aula o grupo quatro irá terminar a sua apresentação, o grupo cinco irá apresentar e o grupo seis irá iniciar a sua apresentação. 5. Após a apresentação os alunos dispõem de cerca de cinco minutos para responder às questões do manual. Assim que terminarem os elementos do grupo quatro vão questionando os alunos e posteriormente projetam as respostas completas no quadro. 6. Terminada a correção das perguntas procedemos à avaliação do trabalho do grupo quatro. 7. Finalizada a apresentação do grupo quatro e enquanto o grupo cinco se prepara para a apresentar distribuo pelos alunos os instrumentos de avaliação, referindo uma vez mais que, os mesmos só devem ser preenchidos no final de cada apresentação, sendo necessário estes estarem atentos às apresentações. 8. Após a apresentação do grupo cinco e como forma de consolidação da aula, os alunos da turma devem responder às perguntas do manual das páginas 78 à 81 e 176 (anexo 2), e posteriormente ser feita a correção das mesmas. Esta correção é feita pelos alunos do grupo seis, sempre com a supervisão dos professores. O mesmo será feito no final da apresentação do grupo seis, respondendo às questões das páginas 82 à 85 e 176 do manual (anexo 2 e 3).
MATERIAIS / RECURSOS
• Manual, páginas 68 à 85 (anexo2) e 176 (anexo 3). • Aula Digital. • Caderno diário. • PowerPoint. • Projetor. • Computador.
Avaliação
• Observação direta das atividades propostas e do interesse e empenho dos alunos. • Comportamento adequado e respeito pelas normas da sala. • Nível de desempenho individual de cada aluno. • Apresentações dos trabalhos. • Envolvimento/ participação dos alunos. • Adequação do trabalho aos objetivos. • Qualidade da informação presente no trabalho e na apresentação do mesmo. • A cooperação, responsabilidade, atitudes e partilha entre elementos de cada grupo.
Consolidação
• Respostas às questões do manual e reflexão crítica da aula.

3.6.7.2. Descrição da responsabilização n.º 7

A aula iniciou com uma revisão do trabalho desenvolvido na aula anterior. O grupo quatro terminou a sua apresentação, seguindo-se a apresentação do grupo cinco cujo tema recaiu sobre a crise na Monarquia e a Conferência de Berlim, tal como mostra a figura seguinte.

Terminada a apresentação do grupo cinco (figura n.º 2) procedemos à resolução e correção das questões do manual das páginas 78 à 81 (anexo 2) e 176 (anexo 3), respeitantes ao tema apresentado.

Em seguida foi feita a avaliação ao grupo quatro, começando pela autoavaliação dos membros do grupo (apêndice 6) e passando para a avaliação da turma (apêndice 7) e dos professores, ao grupo.

História e Geografia de Portugal
Nas duas últimas décadas do século XIX Portugal enfrentou muitas dificuldades...

Páginas: 78 e 79

O que queremos saber

- O que levou à crise da Monarquia?
- Como foi Portugal prejudicado na Conferência de Berlim?
- Porque aconteceu o Ultimato Inglês?

O que levou à crise na Monarquia?

No final do século XIX, o povo das cidades e dos campos continuava a viver com muitas dificuldades, enquanto os burgueses enriqueciam com os seus negócios na indústria, agricultura e no comércio. Por outro lado, os governos liberais gastaram muito dinheiro na tentativa de modernizar Portugal. Grande parte desse dinheiro vinha de empréstimos vindos do estrangeiro o que fazia aumentar a dívida portuguesa.

A instabilidade política crescia e os portugueses começaram a ficar descontentes com a Monarquia.

Como foi Portugal prejudicado na Conferência de Berlim?

No final do século XIX, alguns países como a Inglaterra, a França e a Alemanha, rivalizavam entre si para ocupar territórios em África para obter riquezas e matérias-primas para as suas indústrias.

Portugal já controlava vários territórios africanos e pretendia dominar outros entre Angola e Moçambique. Para isso organizou várias expedições militares e científicas ao interior do continente africano.

No entanto, entre 1884 e 1885, realizou-se a Conferência de Berlim, onde ficou decidido que os territórios africanos pertenceriam a quem os ocupasse e não a quem os tivesse descoberto, o que prejudicou Portugal.

Porque aconteceu o Ultimato Inglês?

Em 1886, Portugal apresentou a alguns países europeus o Mapa Cor-de-Rosa no qual reivindicava como seus os territórios entre Angola e Moçambique. A Inglaterra recusou as exigências portuguesas, pois desejava controlar uma faixa desde o Cairo, no Egipto, até à cidade do Cabo, no sul do continente. Em 1890, os ingleses fizeram um "ultimato" a Portugal onde exigiam que os portugueses abandonassem os territórios entre Angola e Moçambique ou declarariam guerra a Portugal.

Portugal acabou por ceder ao Ultimato Inglês o que provocou grande descontentamento entre os portugueses.

Questões

- Refere três acusações feitas à Monarquia.
Grandes dívidas, o país não estava desenvolvido e havia muitos doentes e analfabetos.
- Que países tinham terras em África?
Ingleses, Franceses, Espanhóis e os Portugueses.
- Qual Foi o país ameaçado?
Portugal.
- O que exigiam os ingleses?
Exigiam que Portugal abandonasse os territórios africanos entre Angola e Moçambique.

5. Explica porque razão vários países europeus pretendiam ocupar terras no interior de África.
África era um continente com muitas riquezas e os países queriam matérias-primas para as suas indústrias.

6. Indica o país que pretendia:

- ocupar o território entre Angola e Moçambique.
Portugal
- unir o Cairo à Cidade do Cabo através da construção de uma linha de caminho de ferro.
Inglaterra

7. Explica o que levou Portugal a apresentar o Mapa Cor-de-Rosa aos países europeus.
Portugal pretendia unir os territórios entre Angola e Moçambique e havia outros países interessados nesse território.

Síntese da aula

Completa o texto com as seguintes palavras ou expressões.

burgueses	Conferência de Berlim	população	povo	Mapa Cor-de-Rosa
	ultimato			Portugal

No final do século XIX, o povo das cidades e dos campos continuava a viver com muitas dificuldades, enquanto muitos burgueses enriqueciam com a agricultura, com a indústria e com o comércio. Grande parte da população estava cada vez mais descontente.

Como Portugal se sentiu prejudicado com as decisões tomadas na Conferência de Berlim, em 1886 apresentou o Mapa Cor-de-Rosa. A Inglaterra não concordou com as exigências portuguesas e, em 1890, enviou um ultimato ao governo português. Portugal cedeu.

Faço +

- Elabora a hipotética resposta de Portugal ao Ultimato Inglês.
- Caníssimos Ingleses
- Sairemos de dentro dos territórios entre Angola e Moçambique, em menos de vinte e quatro horas todos os nossos soldados e camponeses estarão fora de África esperemos que compreendam e que não haja nenhuma guerra entre Portugal e Inglaterra e tudo correrá bem.

Entra na Máquina do Tempo e descobre!!!

Entra na Máquina do tempo e descobre!!

- "Zé Povinho e a Monarquia" – Páginas 80 e 81

Questões:

1- Identifica as caricaturas em que o Zé Povinho aparece como "burro de carga".

R: São as imagens 2, 5 e 6

2- Selecciona as caricaturas que podem ter, respetivamente, a seguinte legenda:

a) - 1 e 2
b) - 4

Obrigado pela vossa atenção!

Trabalho realizado por:

Figura 2- Apresentação PowerPoint

Fonte: Elaborado pelos alunos do grupo cinco

3.6.7.3. Análise reflexiva da responsabilização n.º 7

Nesta aula, uma vez mais, foram apresentados alguns projetos e sempre que iniciada uma apresentação lembrávamos temas anteriormente apresentados, por forma a contextualizarmos e fazermos ligação entre temas.

Ao longo da resolução e correção das questões fui circulando pelas mesas, junto aos alunos por forma a certificar-me dos seus conhecimentos e esclarecer dúvidas para em seguida realizarmos a avaliação do trabalho do grupo cinco.

Antes do grupo cinco iniciar a sua apresentação recolhi a avaliação feita ao grupo anterior, distribuí ao mesmo tempo os novos instrumentos de avaliação essenciais para reflexão do trabalho desenvolvido.

Durante a apresentação do grupo cinco houve algumas intervenções da parte de alguns alunos e até mesmo dos professores, momento essencial de enriquecimento, partilha e aprofundamento das aprendizagens, surgindo sugestões de outros temas e pontos que poderiam ser futuramente trabalhados, aspeto presente na metodologia de trabalho por projeto, pois ao ser explorado um determinado tema e partilhado com outros podem surgir novos interesses na sequência dos apresentados.

Nesta aula, os alunos mostraram-se bastante interessados e atentos ao tema que estava a ser apresentado, colocando questões e acrescentando algumas informações, atenção esta captada devido à utilização dos recursos educativos digitais, em específico um vídeo do *YouTube* e a plataforma “*Aula Digital*”.

O grupo cinco terminou a sua apresentação mas, devido à falta de tempo os alunos não responderam às questões do manual, tendo esta atividade ficado para trabalho de casa e a ser retomada na aula seguinte.

A turma mostrou-se envolvida e participante nas atividades propostas, havendo apenas uma pequena minoria, cerca de três alunos que estavam um pouco mais faladores, sendo necessário chamá-los à atenção, mas que facilmente respeitaram o que lhes era pedido.

3.6.8. Responsabilização n.º8

3.6.8.1. Planificação n.º8

Domínio: Portugal do século XVIII ao século XIX. Portugal do século XX.
Subdomínio: Portugal na segunda metade do século XIX. Da Revolução Republicana de 1910 à Ditadura Militar de 1926.
METAS E DESCRITORES DAS APRENDIZAGENS
Subdomínio: Portugal na segunda metade do século XIX.

8. Conhecer e compreender o processo de modernização das atividades produtivas portuguesas na segunda metade do século XIX.

- 1.1. Relacionar a dependência de Portugal face ao exterior e a estabilidade política conseguida em meados do século XIX com as tentativas de modernização da economia portuguesa.
- 1.2. Referir as principais medidas tomadas pelos liberais para a modernização da agricultura portuguesa.
- 1.3. Referir o alcance limitado do desenvolvimento industrial do país, verificado neste período, destacando as principais zonas industriais na segunda metade do século XIX num país maioritariamente rural.

2. Conhecer o desenvolvimento das vias de comunicação e dos modos de transporte operado pela Regeneração e os seus efeitos.

- 2.1. Referir a ausência de uma rede de transportes e comunicação como um entrave ao desenvolvimento do país até meados do século XIX.
- 2.2. Reconhecer a expansão da rede ferroviária, viária e o desenvolvimento dos meios de comunicação na segunda metade do século XIX.
- 2.3. Apontar o Estado como o grande impulsionador da rede de transportes e comunicação da segunda metade do século XIX, destacando a ação de Fontes Pereira de Melo.
- 2.4. Referir as consequências económicas e sociais do desenvolvimento das vias de comunicação, dos transportes e dos meios de comunicação.
- 2.5. Estabelecer uma relação entre os investimentos realizados com recurso aos mercados internacionais com a grave crise financeira de 1890-92.

3. Conhecer e compreender o alcance das medidas tomadas pelos liberais na educação e na justiça.

- 3.1. Enumerar medidas tomadas ao nível do ensino, destacando os seus objetivos e limites.
- 3.2. Indicar o pioneirismo português na abolição da pena de morte, destacando a existência da pena capital em vários países do mundo na atualidade.
- 3.3. Relacionar as ideias liberais com a abolição da pena de morte, da escravatura nas colónias e das penas corporais.

4. Conhecer e compreender o aumento da população e o êxodo rural verificado na segunda metade do século XIX.

- 4.1. Apontar as razões da diminuição da mortalidade e do consequente aumento da população verificado neste período.
- 4.2. Relacionar a mecanização da agricultura, o crescimento da população e a melhoria dos transportes com o êxodo rural e emigração verificados neste período.
- 4.3. Localizar os destinos do êxodo rural e da emigração neste período.

5. Conhecer e compreender as características da sociedade e a vida quotidiana nas cidades e nos campos na segunda metade do século XIX.

- 5.1. Conhecer a organização social liberal, por oposição à sociedade do século XVIII.
- 5.2. Reconhecer o caráter eminentemente rural da economia e sociedade portuguesa.
- 5.3. Caracterizar a modernização das cidades ocorrida neste período, salientando preocupações que continuam a existir no urbanismo atual.

- 5.4. Referir o surgimento do proletariado como novo grupo social, destacando as suas duras condições de vida e de trabalho.
- 5.5. Relacionar as difíceis condições de vida do proletariado com a criação das primeiras associações de operários e as primeiras formas de luta.

6. Conhecer as características da arte da segunda metade do século XIX.

- 6.1. Reconhecer a “arquitetura do ferro” como a grande novidade da arquitetura do século XIX.
- 6.2. Identificar as principais construções da “arquitetura do ferro” em Portugal.
- 6.3. Identificar exemplos marcantes da arquitetura de inspiração em estilos do passado (revivalista).
- 6.4. Enumerar algumas figuras da literatura do século XIX.

Subdomínio: Da Revolução Republicana de 1910 à Ditadura Militar de 1926.

1. Conhecer e compreender as razões da queda da Monarquia Constitucional.

- 1.1. Indicar os motivos do crescente descrédito da instituição monárquica.
- 1.2. Relacionar os interesses das potências industriais europeias em África com a Conferência de Berlim e com o projeto português do Mapa Cor-de-Rosa.
- 1.3. Relacionar o projeto do Mapa Cor-de-Rosa com o Ultimato Inglês.
- 1.4. Relacionar a humilhação sentida pelo povo português face à cedência ao Ultimato Inglês com o aumento dos apoiantes da causa republicana.
- 1.5. Referir o regicídio de 1908 como fator para a queda da Monarquia.
- 1.6. Descrever os principais episódios do 5 de outubro de 1910, salientando o apoio popular à insurreição militar republicana.
- 1.7. Localizar no tempo o período da I República.

2. Conhecer e compreender o funcionamento do regime da I República e os seus símbolos.

- 2.1. Diferenciar Monarquia e República quanto ao chefe de Estado, à legitimidade do seu mandato e à duração do mesmo.
- 2.2. Conhecer os símbolos da República Portuguesa.
- 2.3. Caracterizar o regime republicano a partir da Constituição de 1911, salientando semelhanças e diferenças relativamente à Constituição da Monarquia Constitucional.
- 2.4. Indicar o Parlamento como o órgão político mais importante na I República.
- 2.5. Reconhecer a manutenção de limitações no sufrágio durante a I República, por comparação à situação atual.

3. Conhecer as principais realizações da I República.

- 3.1. Indicar as principais medidas de caráter social tomadas durante a I República.
- 3.2. Referir medidas tomadas pela I República no sentido de diminuir a influência da Igreja junto da população.
- 3.3. Salientar o alcance das medidas sociais e educativas tomadas durante a I República.

4. Conhecer e compreender os motivos do fim da I República e a instauração da Ditadura Militar em 1926.

- 4.1. Referir a instabilidade governativa e a crise económica e social como fatores decisivos para o fim da I República.

4.2. Indicar os motivos da entrada de Portugal na I Guerra Mundial. 4.3. Indicar os efeitos da participação de Portugal na I Guerra Mundial e sua relação com o golpe militar de 28 de maio de 1926. 4.4. Justificar a grande adesão dos militares e da população de Lisboa ao movimento antidemocrático chefiado pelo general Gomes da Costa. 4.5. Localizar no tempo o período da Ditadura Militar. 4.6. Reconhecer nas medidas da Ditadura Militar o fim da liberdade política e o cercear de liberdades individuais.
Atividades/ Estratégias
1. Saudação aos alunos. 2. Elaboração do plano de aula, em conjunto com os alunos, e registo no caderno diário (sumário). 3. Relembrar o trabalho desenvolvido na aula anterior e fazer ponto de situação. 4. Correção das questões do manual, respeitantes ao tema do grupo cinco. 5. Realização da avaliação ao grupo cinco por parte dos elementos do grupo (autoavaliação), dos restantes alunos da turma e dos professores. 6. Apresentação do trabalho do grupo seis. 7. Terminada a apresentação e como forma de consolidação da aula, os alunos da turma devem responder às perguntas do manual das páginas 82 à 85 e 176 (anexo 2 e 3), para posteriormente ser feita a correção das mesmas. Esta correção é feita pelos alunos do grupo seis, sempre com a minha supervisão. 8. Nos últimos dez minutos da aula os alunos devem preencher o instrumento de avaliação do grupo (apêndice 7) e aqueles que apresentaram preenchem o instrumento de autoavaliação (apêndice 6). Assim que preenchidos estes documentos, os alunos assim como o professor devem comunicar oralmente a avaliação que fizeram.
MATERIAIS / RECURSOS
• Manual, páginas 82 à 85 (anexo 2) e 176 (anexo 3). • Aula Digital. • Caderno diário. • PowerPoint. • Projetor. • Computador.
Avaliação
• Observação direta das atividades propostas e do interesse e empenho dos alunos. • Comportamento adequado e respeito pelas normas da sala. • Nível de desempenho individual de cada aluno. • Apresentações dos trabalhos. • Envolvimento/ participação dos alunos. • Adequação do trabalho aos objetivos. • Qualidade da informação presente no trabalho e na apresentação do mesmo. • A cooperação, responsabilidade, atitudes e partilha entre elementos de cada grupo.
Consolidação
• Respostas às questões do manual e reflexão crítica da aula.

3.6.8.2. Descrição da responsabilização n.º 8

Como habitual a aula iniciou com uma revisão do trabalho desenvolvido na aula anterior, verificando que nos faltava fazer a correção das questões e avaliação do grupo cinco.

Começámos por fazer a correção das questões respeitantes ao tema apresentado (anexo 2) pelo grupo cinco e posteriormente a respetiva avaliação a este grupo, tanto a autoavaliação (apêndice 6) como a avaliação por parte da restante turma (apêndice 7) e professores.

Terminada a avaliação foi a vez do grupo seis se organizar para apresentar o seu trabalho e enquanto isso recolhi os instrumentos de avaliação relativa ao grupo cinco e de imediato distribuí os mesmos para a avaliação referente ao grupo seis.

Concluída a apresentação do grupo seis e, a faltar cerca de dois minutos para o fim da aula, lembrei aos alunos que iriam realizar a ficha de avaliação na próxima aula, nos primeiros quarenta e cinco minutos da aula, reforçando a localização, no manual, dos conteúdos que iam ser avaliados, lembrando as páginas a estudarem.

3.6.8.3. Análise reflexiva da responsabilização n.º 8

Uma vez mais a aula decorreu com normalidade, não havendo pontos revelantes a destacar. Os alunos souberam organizar-se para que a aula fosse tranquila.

À medida que os alunos apresentaram o seu trabalho a Estagiária foi acrescentando informações necessárias com vista a melhorar o mesmo, intervenções estas características da metodologia de trabalho de projeto, sempre importantes para o enriquecimento dos trabalhos que os alunos realizam.

Uma vez mais, durante a apresentação os alunos mostraram-se atentos, ao longo da apresentação e como habitual fui circulando pela sala, mantendo uma maior ligação e proximidade com os alunos, para que, estes sempre que necessário se sentissem à vontade para me questionarem.

Nesta aula denotou-se uma vez mais que os grupos enriqueceram o seu trabalho com recursos aos RED para cativar a turma e proporcionar momentos de reflexão, mostrando que esta metodologia de trabalho de projeto, ao promover estes momentos pode conduzir a uma melhoria de trabalhos.

Ao finalizar a aula, como já é habitual, os alunos arrumaram o seu material e sala de aula e saíram de forma ordenada e sem confusão.

3.6.9. Responsabilização n.º 9

3.6.9.1. Planificação n.º 9

Domínio: Portugal do século XVIII ao século XIX.

Portugal do século XX.

Subdomínio: Portugal na segunda metade do século XIX.

Da Revolução Republicana de 1910 à Ditadura Militar de 1926.

METAS E DESCRITORES DAS APRENDIZAGENS

Subdomínio: Portugal na segunda metade do século XIX.

9. Conhecer e compreender o processo de modernização das atividades produtivas portuguesas na segunda metade do século XIX.

- 1.1. Relacionar a dependência de Portugal face ao exterior e a estabilidade política conseguida em meados do século XIX com as tentativas de modernização da economia portuguesa.
- 1.2. Referir as principais medidas tomadas pelos liberais para a modernização da agricultura portuguesa.
- 1.3. Referir o alcance limitado do desenvolvimento industrial do país, verificado neste período, destacando as principais zonas industriais na segunda metade do século XIX num país maioritariamente rural.

2. Conhecer o desenvolvimento das vias de comunicação e dos modos de transporte operado pela Regeneração e os seus efeitos.

- 2.1. Referir a ausência de uma rede de transportes e comunicação como um entrave ao desenvolvimento do país até meados do século XIX.
- 2.2. Reconhecer a expansão da rede ferroviária, viária e o desenvolvimento dos meios de comunicação na segunda metade do século XIX.
- 2.3. Apontar o Estado como o grande impulsionador da rede de transportes e comunicação da segunda metade do século XIX, destacando a ação de Fontes Pereira de Melo.
- 2.4. Referir as consequências económicas e sociais do desenvolvimento das vias de comunicação, dos transportes e dos meios de comunicação.
- 2.5. Estabelecer uma relação entre os investimentos realizados com recurso aos mercados internacionais com a grave crise financeira de 1890-92.

3. Conhecer e compreender o alcance das medidas tomadas pelos liberais na educação e na justiça.

- 3.1. Enumerar medidas tomadas ao nível do ensino, destacando os seus objetivos e limites.
- 3.2. Indicar o pioneirismo português na abolição da pena de morte, destacando a existência da pena capital em vários países do mundo na atualidade.
- 3.3. Relacionar as ideias liberais com a abolição da pena de morte, da escravatura nas colónias e das penas corporais.

4. Conhecer e compreender o aumento da população e o êxodo rural verificado na segunda metade do século XIX.

- 4.1. Apontar as razões da diminuição da mortalidade e do consequente aumento da população verificado neste período.

- 4.2. Relacionar a mecanização da agricultura, o crescimento da população e a melhoria dos transportes com o êxodo rural e emigração verificados neste período.
- 4.3. Localizar os destinos do êxodo rural e da emigração neste período.

5. Conhecer e compreender as características da sociedade e a vida quotidiana nas cidades e nos campos na segunda metade do século XIX.

- 5.1. Conhecer a organização social liberal, por oposição à sociedade do século XVIII.
- 5.2. Reconhecer o caráter eminentemente rural da economia e sociedade portuguesa.
- 5.3. Caracterizar a modernização das cidades ocorrida neste período, salientando preocupações que continuam a existir no urbanismo atual.
- 5.4. Referir o surgimento do proletariado como novo grupo social, destacando as suas duras condições de vida e de trabalho.
- 5.5. Relacionar as difíceis condições de vida do proletariado com a criação das primeiras associações de operários e as primeiras formas de luta.

6. Conhecer as características da arte da segunda metade do século XIX.

- 6.1. Reconhecer a “arquitetura do ferro” como a grande novidade da arquitetura do século XIX.
- 6.2. Identificar as principais construções da “arquitetura do ferro” em Portugal.
- 6.3. Identificar exemplos marcantes da arquitetura de inspiração em estilos do passado (revivalista).
- 6.4. Enumerar algumas figuras da literatura do século XIX.

Subdomínio: Da Revolução Republicana de 1910 à Ditadura Militar de 1926.

1. Conhecer e compreender as razões da queda da Monarquia Constitucional.

- 1.1. Indicar os motivos do crescente descrédito da instituição monárquica.
- 1.2. Relacionar os interesses das potências industriais europeias em África com a Conferência de Berlim e com o projeto português do Mapa Cor-de-Rosa.
- 1.3. Relacionar o projeto do Mapa Cor-de-Rosa com o Ultimato Inglês.
- 1.4. Relacionar a humilhação sentida pelo povo português face à cedência ao Ultimato Inglês com o aumento dos apoiantes da causa republicana.
- 1.5. Referir o regicídio de 1908 como fator para a queda da Monarquia.
- 1.6. Descrever os principais episódios do 5 de outubro de 1910, salientando o apoio popular à insurreição militar republicana.
- 1.7. Localizar no tempo o período da I República.

2. Conhecer e compreender o funcionamento do regime da I República e os seus símbolos.

- 2.1. Diferenciar Monarquia e República quanto ao chefe de Estado, à legitimidade do seu mandato e à duração do mesmo.
- 2.2. Conhecer os símbolos da República Portuguesa.
- 2.3. Caracterizar o regime republicano a partir da Constituição de 1911, salientando semelhanças e diferenças relativamente à Constituição da Monarquia Constitucional.
- 2.4. Indicar o Parlamento como o órgão político mais importante na I República.
- 2.5. Reconhecer a manutenção de limitações no sufrágio durante a I República, por comparação à situação atual.

3. Conhecer as principais realizações da I República.

- 3.1. Indicar as principais medidas de carácter social tomadas durante a I República.
- 3.2. Referir medidas tomadas pela I República no sentido de diminuir a influência da Igreja junto da população.
- 3.3. Salientar o alcance das medidas sociais e educativas tomadas durante a I República.

4. Conhecer e compreender os motivos do fim da I República e a instauração da Ditadura Militar em 1926.

- 4.1. Referir a instabilidade governativa e a crise económica e social como fatores decisivos para o fim da I República.
- 4.2. Indicar os motivos da entrada de Portugal na I Guerra Mundial.
- 4.3. Indicar os efeitos da participação de Portugal na I Guerra Mundial e sua relação com o golpe militar de 28 de maio de 1926.
- 4.4. Justificar a grande adesão dos militares e da população de Lisboa ao movimento antidemocrático chefiado pelo general Gomes da Costa.
- 4.5. Localizar no tempo o período da Ditadura Militar.
- 4.6. Reconhecer nas medidas da Ditadura Militar o fim da liberdade política e o cercear de liberdades individuais.

Atividades/ Estratégias

1. Saudação aos alunos.
2. Ficha de avaliação sumativa (apêndice 8).
3. Durante os primeiros quarenta e cinco minutos de aula irão realizar a ficha de avaliação sumativa e na segunda parte da aula iremos fazer a avaliação do grupo seis e o grupo sete apresentará o seu trabalho.
4. Terminada a apresentação do grupo sete a turma vai responder às questões do manual, correspondentes ao tema apresentado (anexo 2).
5. À medida que a turma responde às questões, os elementos do grupo procedem à sua autoavaliação (apêndice 6).
6. Finda a avaliação informo os alunos que a presente aula foi a última sob a minha responsabilidade, agradeço a sua disponibilidade e assim que terminar a aula solicito aos alunos que escrevam o sumário da mesma e arrumem todo o material e sala e saiam.

MATERIAIS / RECURSOS

- Manual, páginas 86 à 89 (anexo 2) e 176 (anexo 3).
- Aula Digital.
- Caderno diário.
- PowerPoint.
- Projetor.
- Computador.
- Ficha de avaliação sumativa.

Avaliação

- Ficha de avaliação sumativa.
- Observação direta das atividades propostas e do interesse e empenho dos alunos.
- Comportamento adequado e respeito pelas normas da sala.
- Nível de desempenho individual de cada aluno.
- Apresentação do trabalho.
- Envolvimento/ participação dos alunos.
- Adequação do trabalho aos objetivos.
- Qualidade da informação presente no trabalho e na apresentação do mesmo.
- A cooperação, responsabilidade, atitudes e partilha entre elementos de cada grupo.

Consolidação

- Ficha de avaliação sumativa, respostas às questões do manual e reflexão crítica da aula.

3.6.9.2. Descrição da responsabilização n.º 9

Nesta aula foi realizada uma ficha de avaliação sumativa (apêndice 8) nos primeiros quarenta e cinco minutos da aula, e nos restantes quarenta e cinco minutos foi a vez dos alunos do grupo seis terminarem a sua apresentação.

3.6.9.3. Análise reflexiva da responsabilização n.º 9

A aula decorreu com normalidade, não havendo pontos relevantes a assinalar. Os alunos souberam organizar-se e de imediato se sentaram nos seus lugares para darmos início à aula.

Enquanto faziam a ficha de avaliação, alguns alunos foram solicitando ajuda na explicação de algumas questões e sempre que necessário dirigi-me a estes para os ajudar e fui sempre circulando pela sala.

Para o desenvolvimento da primeira parte da aula tive a oportunidade de elaborar a ficha de avaliação, algo essencial para a minha experiência profissional.

A elaboração da mesma permitiu-me fazer uma reflexão de todo o trabalho desenvolvido até então, para que esta fosse ao encontro das necessidades de cada aluno, uma vez que, este momento de avaliação também é importante, pois permite a quem avalia verificar as aprendizagens adquiridas, assim como as dificuldades e melhorar a sua prática e é de igual importância para os alunos pois a recolha de informação que é feita ajuda-os na aprendizagem, uma vez que lhes permite melhorar em futuros projetos que venham a realizar (Pais e Monteiro, 2002).

Este momento de avaliação sumativa é de igual importância no processo de ensino aprendizagem, uma vez que ao realizar-se no final de cada conjunto de apresentações de projetos, permite a produção de um juízo de valor final e global, exprimindo-se pelo posicionamento de um aluno num ponto de uma escala de classificação, tendo como referência na atribuição de notas.

Na segunda parte da aula, os alunos do grupo seis terminaram a apresentação do seu trabalho e procederam à correção das questões relativas ao tema apresentado, fui circulando pela sala e recorri ao instrumento de avaliação para avaliar o trabalho que estava a ser apresentado.

Uma vez mais, durante a apresentação os alunos mostraram-se atentos, o grupo seis apresentou de forma clara e precisa o seu trabalho, sendo bastante explícitos para os seus colegas.

Ao finalizar a aula, como já é habitual, os alunos arrumaram o seu material e sala de aula e saíram de forma ordenada e sem confusão.

4. A importância da construção dos elementos de avaliação do trabalho de projeto.

O processo de avaliação de trabalho de projeto é algo bastante elaborado e que pode apresentar algumas dificuldades para quem o desenvolve, uma vez que, neste percurso de avaliação podem surgir várias artimanhas. Existe sempre um aluno que aproveita o facto de outros serem mais responsáveis e acaba por se desresponsabilizar das suas tarefas, havendo possibilidade de um aluno ficar sobrecarregado com as suas tarefas e com as dos outros.

Apesar do rendimento ao nível da aprendizagem variar de aluno para aluno a dedicação e esforço devem ser iguais para todos. Todos devem dar um contributo para o desenvolvimento do trabalho. Neste sentido a avaliação deve ter em conta este aspeto, verificando se todos os alunos estão a envolver-se de igual forma no processo de ensino e de aprendizagem e a esforçarem-se por isso, e a aprender.

Então para que a avaliação se desenvolva da forma mais correta possível é essencial que os alunos tenham interiorizado todas as regras do trabalho cooperativo, os objetivos do trabalho sejam bem claros. Sendo assim a avaliação uma parte do processo na metodologia de trabalho de projeto.

Todas estas orientações que são dadas aos alunos são fundamentais, inclusive para que todos saibam exatamente o que fazer, evitando-se mal entendidos, trabalhos mal realizados, alunos que não participem de igual forma no trabalho.

Com a avaliação do trabalho pretende-se recolher informação sobre o percurso de aprendizagem dos alunos, diagnosticando dificuldades, para que se possam criar estratégias que ajudem os alunos a superá-las.

Este tipo de avaliação é uma avaliação formativa, onde as dificuldades dos alunos e os seus erros não são penalizados mas antes objeto de análise, sendo esta avaliação recurso para reflexão do professor acerca das estratégias de ensino utilizadas, possibilitando a regulação do processo de aprendizagem. Tal como afirma Ferreira (2009, p. 148) com esta avaliação pretende-se verificar “quais os objetivos conseguidos pelos alunos e aqueles que não foram

(...)” e “são aplicadas estratégias correctivas (...) de modo a que possam ultrapassar as suas dificuldades de aprendizagem e consigam atingir os objectivos”.

Os instrumentos de avaliação do trabalho desenvolvido, que foram criados permitiram que os alunos fizessem um registo da sua participação e posteriormente discussão dessa informação registada nos mesmos (apêndices 6 e 7). Estes forneceram um feedback sobre a aprendizagem, os alunos puderam refletir sobre a qualidade do trabalho e o seu desempenho, e assim desenvolverem competências de aprendizagem cooperativa. Reflexão conjunta esta sobre o trabalho desenvolvido que possibilitava o alicerçar das atividades seguintes consoante as necessidades de cada aluno.

Com o recurso aos instrumentos de avaliação do trabalho, os alunos refletiam acerca do trabalho feito e a forma como tinha decorrido a sua realização, reflexão esta realizada por escrito e posteriormente transmitida oralmente a toda a turma. Esta ajudou o professor a ajustar procedimentos e até treinar determinadas competências sociais necessárias para o progresso constante dos seus alunos.

Neste contexto de avaliação do trabalho, os alunos foram levados a preencher uma ficha de autoavaliação do trabalho individual no grupo e do trabalho do grupo (apêndice 6), havendo sempre lugar, de seguida, ao confronto entre essa reflexão escrita e os dados recolhidos por mim e pelo professor orientador cooperante.

Os alunos foram ainda avaliados individualmente, através de testes de conhecimentos, ou seja, através de avaliação sumativa. Normalmente, as avaliações ocorriam após a apresentação dos conteúdos por parte dos alunos.

5. Metodologia de trabalho por projeto na Prática de Ensino Supervisionada

No contexto da minha prática pedagógica privilegiei a metodologia de trabalho de projeto que visava essencialmente que todos os alunos, independentemente das suas dificuldades, capacidades e características próprias se implicassem diretamente no processo de aprendizagem, estruturando as aulas de forma a potenciar a autonomia.

Cada aluno assumia tarefas diferentes mas com um objetivo em comum.

Aos alunos foi-lhes dada a possibilidade de trabalhar em harmonia, respeitando o lugar de cada um, havendo uma interação mútua em que o diálogo era o caminho para o entendimento na construção do trabalho.

Com este tipo de trabalho constatei que os alunos foram capazes de aproveitar os diferentes saberes de cada um deles, havendo interligação entre as informações, apresentando trabalhos mais ricos e produtivos.

Ao longo do desenvolvimento do trabalho de grupo, recorrendo à metodologia de trabalho por projetos, assumi um papel essencial para o bom desenvolvimento deste nomeadamente o controlo do comportamento, circulando pela sala de aula e observando a forma como os grupos trabalhavam, intervim sempre que necessário, uma vez que, ao circular pela sala fui capaz de observar comportamentos e atitudes, ajudando-me na resolução de situações conflituosas que pudessem surgir.

Sempre que necessário, prestei ajuda no esclarecimento de dúvidas que fossem consideradas importantes de serem esclarecidas, dei pistas de trabalho, sugeri recursos diferentes ou apresentei um ponto de vista diferente.

Ao longo do desenvolvimento dos trabalhos elogiei quando os grupos trabalharam bem e quando todos os elementos do grupo atingiram os objetivos propostos, principalmente àqueles alunos que sempre demonstraram mais dificuldades, por forma a, se sentirem mais motivados e empenhados na aprendizagem.

6. Descrição da intervenção

A prática de estágio supervisionada desenvolveu-se em duas fases. Numa primeira de observação de aulas em quatro turmas do 6.º ano, em fases distintas de trabalho, umas a iniciar trabalhos de projeto, outra a apresentar e ainda outra em fase de distribuição de temas.

Nesta fase foi feita observação direta das atividades recorrendo à grelha de observação, abaixo apresentada (figura n.º 3) por forma a haver uma melhor orientação dos elementos que pretendia serem observados. Desta forma, estes registos foram de extrema importância para o desenho da segunda fase, que a seguir se clarifica.

Nome do professor:		N.º de alunos:	Hora:
Disciplina:		Ano:	Turma:
	Inferências		Sim
Sala e recursos	1. Os alunos estão sentados e distribuídos de forma apropriada.		
	2. Os equipamentos são utilizados de forma segura.		
	3. As atividades propostas são diversificadas, complementares, exequíveis e adequadas à concretização dos objetivos propostos.		
	4. As tecnologias de informação e comunicação são utilizadas sempre que se justifica.		
	5. A sala de aula está bem organizada.		

Ensin	6. A aula está organizada de forma a minimizar comportamentos inapropriados.	
	7. O professor evidencia um bom nível de conhecimento do conteúdo que está a ensinar. Conhece o currículo.	
	8. O professor tem altas expectativas quanto ao desempenho dos alunos e interage com eles de uma forma que os desafia a evoluir e os mantém centrados na atividade.	
	9. O professor partilha os objetivos de aprendizagem com os alunos.	
	10. A planificação feita pelo professor pretende constituir um desafio para todos os alunos.	
	11. São utilizadas formas de comunicação e atividades de aprendizagem adequadas às necessidades individuais dos alunos.	
	12. O professor dá resposta aos diferentes estilos de aprendizagem.	
	13. O professor responde de forma apropriada às questões dos alunos.	
	14. A estrutura da aula permite uma boa utilização do tempo disponível, assegurando que os alunos estão envolvidos e concentrados nas tarefas o maior tempo possível.	
	15. É disponibilizado <i>feedback</i> construtivo e específico aos alunos, reforçando certos comportamentos e ajudando-os a perceber como melhorar e progredir.	
	16. Os comportamentos inapropriados são geridos de forma eficaz.	
	17. São dadas aos alunos oportunidades de assumirem responsabilidades.	
	18. A aula é iniciada e concluída de forma adequada.	
Aprendizagm	19. Os alunos evidenciam uma atitude positiva, envolvendo-se ativamente nas atividades propostas.	
	20. Existem evidências de respeito entre o professor e os alunos.	
	21. Os alunos tratam-se uns aos outros com respeito.	
	22. Os alunos demonstram capacidade de iniciativa e assumem responsabilidades.	
	23. Existem evidências de aprendizagens dos alunos.	
Observador:		Data:

Figura 3- Grelha de Observação

Fonte: Elaboração Própria

No momento seguinte foram planeadas nove aulas consoante o trabalho que estava a ser desenvolvido na turma escolhida para a prática.

A escolha da turma, de entre as quatro observadas recaiu sobre o facto de esta estar a iniciar o trabalho por projeto e assim poder acompanhar melhor o desenvolvimento deste

tipo de trabalho, com ajuda dos aspetos observados em turmas que estavam numa fase de pesquisa e até mesmo de apresentação do trabalho.

A divisão dos alunos por grupo, assim como a distribuição dos temas pelos diferentes grupos e a seleção dos representantes de cada grupo ainda esteve a cargo do professor orientador cooperante, tendo eu iniciado a minha prática aquando o acompanhamento do desenvolvimento do trabalho, numa fase inicial de pesquisa. Assim, comecei por distribuir pelos alunos dois documentos por mim desenvolvidos, para que estes fossem capazes de melhor se orientar na pesquisa. Um documento que consistia num Guião Síntese (apêndice 5) dos temas que cada grupo teria de pesquisar.

Este guião tinha como objetivo focar a atenção dos alunos nos principais aspetos dos conteúdos a estudar evitando que os mesmos se dispersassem por assuntos que não interessavam.

O outro documento, o Guião de Orientação de Pesquisa (figura n.º 4), foi distribuído por cada grupo antes de iniciarem o trabalho de pesquisa.

Grupo (nomes dos elementos) _____

1ª ETAPA- Que tema vamos investigar.

Tema: _____

- O que vamos investigar?

- O que sabemos sobre este tema?

- O que pretendemos aprender de novo?

- Que tipo de trabalho vamos fazer?

Um trabalho escrito? Uma apresentação em PowerPoint? Um panfleto? Um cartaz? Um livro? Uma peça de teatro?...

- Fazemos uma lista de ideias/ tópicos que pretendemos investigar.

- _____
- _____
- _____
- _____
- _____
- _____
- _____

2.ª ETAPA- Como vamos encontrar a informação.

- Onde podemos encontrar a informação?

Livros	☐	Enciclopédias	☐	Atlas	☐
Revistas e jornais	☐	Internet	☐	Mapas	☐
DVD	☐	CD- Rom	☐	Outras fontes	☐

- Se assinalaram outras fontes, indiquem quais?

- De que informação precisamos para este trabalho?

- Analisamos a informação que encontrámos, escolhemos a que consideramos útil e registamos:

AUTOR	TÍTULO	TIPO E DOCUMENTO

TÍTULO DO SITE	ENDEREÇO	DATA DA CONSULTA

3.ª ETAPA- Construção do trabalho.

- Escrevemos o que pensamos ser importante para o nosso trabalho.

Figura 4- Guião de Orientação de Pesquisa

Fonte: Elaboração Própria

O principal objetivo deste guião era o de orientar os alunos na elaboração do trabalho, apresentando as diferentes etapas a seguir e possibilidades de execução das diferentes tarefas. Com este documento procurou-se assegurar que os alunos faziam uma boa gestão de tempo, não dispersando nas pesquisas realizadas.

À medida que os alunos foram desenvolvendo os seus trabalhos fui circulando pelos grupos por forma a acompanhar o desenrolar desses mesmos trabalhos, verificando e esclarecendo eventuais dúvidas, ou apoiando os alunos nas dificuldades que surgissem.

Nas pesquisas que realizaram, os alunos recorreram ao recurso educativo digital “Aula Digital” (figura n.º 5), plataforma que disponibiliza vários recursos e informações pertinentes para o desenvolvimento dos seus trabalhos.

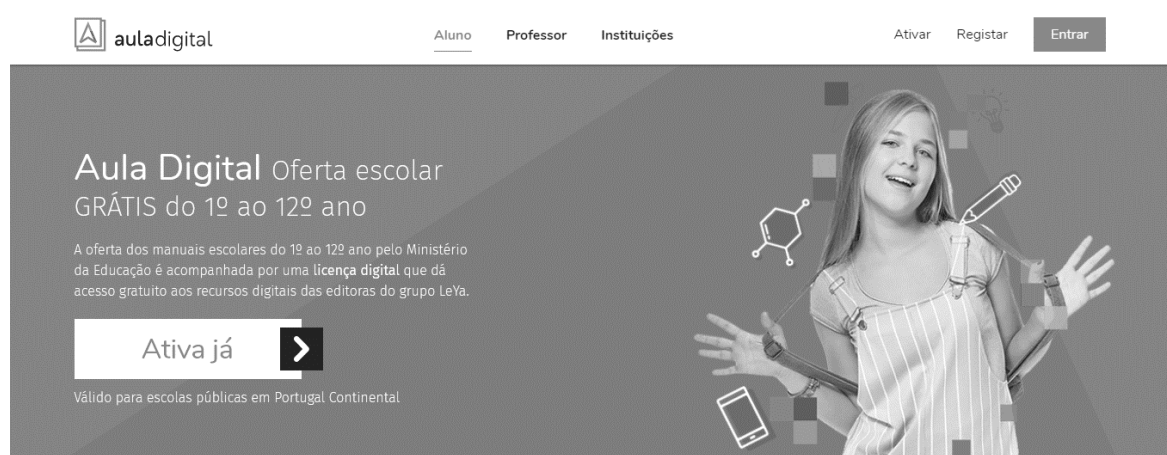


Figura 5- Plataforma "Aula Digital"

Fonte: <https://auladigital.leya.com/>

Finalizadas as pesquisas e os produtos finais, ou seja, as comunicações, os grupos apresentaram os seus trabalhos. Durante as apresentações recorri a um instrumento de avaliação formativa, uma Escala de Classificação (figura n.º 6) para avaliar as apresentações.

Esta Escala de Classificação tinha como itens de observação, para cada elemento dos diferentes grupos, o método de trabalho, a organização, a responsabilidade, a autonomia de execução, a pesquisa da informação, a participação, a cooperação entre colegas, a apresentação do trabalho, entre outras observações. A avaliação da apresentação era feita tendo em conta uma escala de 1 a 5, onde 1 correspondia à menção de Fraco, 2 a Não Satisfaz, 3 a Satisfaz, 4 a Bom e 5 a Muito Bom.

[illegible]

Grupo 5										
Grupo 6										
Grupo 7										

Figura 6- Escala de Classificação

Fonte: Elaboração Própria

À medida que eram apresentados os trabalhos interviemos sempre que necessário, quer questionando os alunos, quer ajudando no esclarecimento de qualquer dúvida que pudesse surgir, à qual os alunos não soubessem dar resposta.

No final de cada apresentação, e por forma a envolver os alunos na avaliação formativa dos trabalhos realizados em grupo, foram distribuídas pelos alunos umas fichas de Autoavaliação, (figura n.º 7), com uma escala de classificação para que cada aluno autoavaliasse a cooperação com o grupo e o empenho de cada um.

• 1. Cooperação no trabalho de grupo.	SIM	MAIS OU MENOS	NÃO
Colaborei no trabalho de grupo dando sugestões?			
Soube ouvir os meus colegas?			
Respeitei as opiniões dos meus colegas?			

• 2. O meu empenho.	SIM	MAIS OU MENOS	NÃO
Recorri a fontes de informação diversificadas?			
As fontes que selecionei foram úteis para o meu trabalho?			
O meu trabalho está organizado?			
A apresentação do meu trabalho foi preparada com cuidado?			
Durante a apresentação do trabalho fui claro?			
O trabalho que fiz correspondeu às minhas expectativas?			

- 3. Com base nas respostas que acabaste de dar como avalias o trabalho que realizaste?

Fraco ☐ Não Satisfaz ☐ Satisfaz ☐ Bom ☐ Muito Bom ☐

- 4. O que mudarias para melhorar o teu trabalho?

Figura 7- Ficha de Autoavaliação

Fonte: Elaboração Própria

Após a autoavaliação dos elementos do grupo era a vez de cada aluno proceder à avaliação formativa de cada apresentação, ou seja, do trabalho de cada grupo. Esta avaliação era feita numa grelha (figura n.º 8) onde os alunos refletiam sobre aspetos como a clareza na apresentação, a organização e enquadramento do tema, o aprofundamento e pesquisa adicional do tema, a discussão dos resultados e conclusão sobre o trabalho, a qualidade técnica da apresentação, os aspetos positivos e menos positivos a melhorar e uma apreciação global. No que diz respeito ao ponto três desta grelha, os alunos eram levados a refletir sobre os aspetos que falharam na realização do projeto, que permitiria futuramente, na elaboração de novos projetos melhorá-los, tendo em conta as dificuldades e erros anteriores. Neste momento os alunos eram livres de justificarem a avaliação que tinham feito dos seus colegas.

Nome: _____ Turma: _____
 Data: ____/____/____

Tema do trabalho do grupo a ser avaliado: _____

- 1. Preenche a seguinte tabela de avaliação do trabalho de grupo, colocando um X na respetiva coluna, sabendo que:
1- Fraco; 2- Não Satisfaz; 3- Satisfaz; 4- Bom; 5- Muito Bom

	1	2	3	4	5
Clareza da apresentação.					
Organização do trabalho enquadramento do tema.					
Aprofundamento do tema.					
Pesquisa adicional.					
Discussão dos resultados.					
Conclusões sobre o trabalho.					
Qualidade técnica da apresentação (imagens, PowerPoint, vídeos...)					
Apreciação global.					

- 2. Aspetos positivos deste trabalho e apresentação:

- 3. Aspetos a melhorar neste trabalho e apresentação:

Figura 8- Grelha de Avaliação (grupo)

Fonte: Elaboração Própria

Posteriormente era a vez dos professores, estagiária e orientador cooperante darem a sua opinião acerca do trabalho que tinha sido apresentado. Esta avaliação tinha como base o instrumento utilizado durante a observação do trabalho de grupo, apresentado anteriormente, quer durante o seu desenvolvimento, quer no momento da apresentação. Esta ferramenta de trabalho facilitou a minha intervenção na monitorização do trabalho e na discussão final sobre as conclusões, as autoavaliações e as heteroavaliações.

Este momento de avaliação tinha como principal objetivo a promoção à reflexão conjunta e à consciencialização da turma quanto ao seu desempenho e aprendizagem.

De um modo geral, todos estes instrumentos de avaliação permitiram aprofundar o conhecimento sobre as potencialidades e constrangimentos da aprendizagem por projetos, bem como dos métodos de recolha de informação.

Procurou-se sempre conduzir estas aulas com base num conjunto de estratégias que permitissem manter o rigor, a ética e a construção de autonomia do conhecimento pelos alunos.

7. Os recursos educativos digitais no trabalho de projeto: uma reflexão.

A integração dos recursos educativos digitais (RED) na metodologia de trabalho de projeto vem auxiliar as práticas da mesma, como se pôde comprovar durante a minha prática de ensino supervisionada.

Os alunos conseguiram, através das potencialidades pedagógicas dos diferentes recursos e ferramentas digitais, dinamizar de forma mais eficaz todo o processo do trabalho de projeto, algo que se verificou aquando das apresentações à turma, uma vez que os alunos mostravam interesse pelos conteúdos que estavam a ser expostos.

Com recurso aos RED, os alunos tiveram uma visão muito mais extensa e ampla dos conteúdos que exploraram, pois tinham acesso a uma grande diversidade de informação que pode ajudar no desenvolvimento de projetos, sem precisarem de sair da sala de aula.

Os alunos recorreram a enciclopédias virtuais, plataformas com conteúdos pedagógicos e didáticos, tendo a possibilidade de serem construtores ativos do conhecimento.

Com a integração dos RED nas aulas, para o desenvolvimento dos projetos, os alunos mostraram-se muito mais motivados, e envolvidos, aprendendo com mais facilidade (Miranda, 2011).

Os alunos visualizarem vídeos no *YouTube* e na *Aula Digital*, imagens no *Google*, na plataforma *Aula Digital*, recolheram informações em sites como *O Bichinho do Saber*, *HGP recursos*, pesquisaram recursos didáticos, entre muitas outras coisas.

Os RED foram utilizados em contexto escolar, aproveitando o facto da escola, ter *Tablet's*, computadores e projetores multimédia, que permitem mostrar vídeos, apresentações de documentos multimédia em *PowerPoint*, imagens, fazer pesquisas na Internet.



Figura 9- Site "O Bichinho do Saber"

Fonte: <https://www.obichinhodosaber.com/historia-e-geografia-de-portugal-6o-materia-de-historia-e-geografia-de-portugal-6o-ano/>

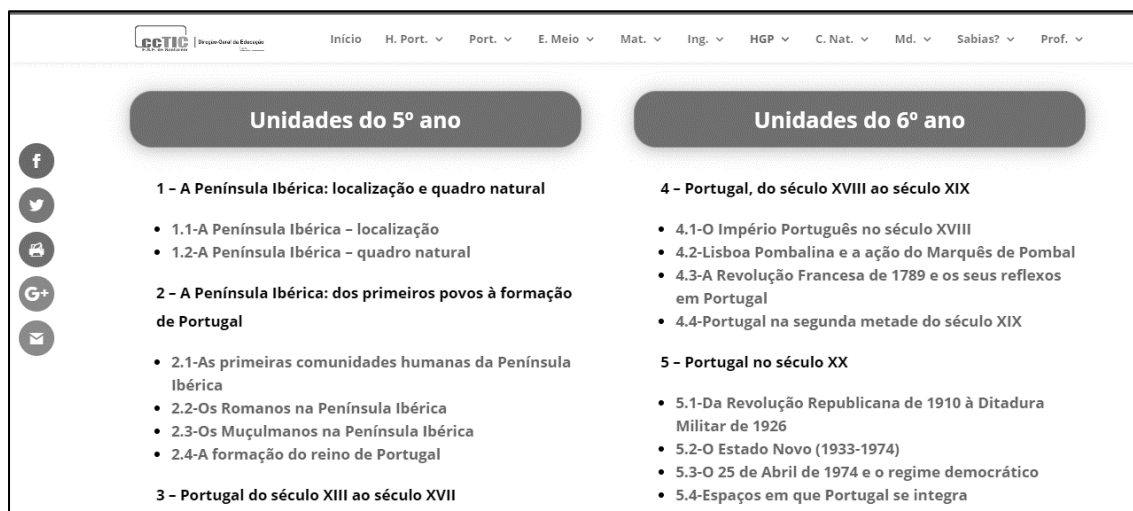


Figura 10- Site de recursos de HGP

Fonte: <http://cctic.es.ipsantarem.pt/red/atividades-hgp-unidades/>

Recorrendo aos RED os alunos fizeram as suas pesquisas na *Internet* e prepararam as apresentações multimédia em *PowerPoint*, algo essencial ao desenvolvimento do trabalho de projeto.

O computador foi utilizado pelos alunos em casa ou na biblioteca, como forma de armazenamento dos registos realizados durante os momentos de pesquisa, redação e

composição dos projetos e em sala de aula foram utilizados *tablets* e *smartphones* com o mesmo objetivo. Estes RED foram também utilizados para dar suporte ao Quadro Interativo Multimídia que permitiu a projeção das apresentações dos projetos.

A ferramenta *Office Word* foi utilizada durante a elaboração de partes escritas dos projetos para complementar as comunicações à turma.

A ferramenta *Office PowerPoint* foi empregue em momentos de pesquisa como forma de tratar e organizar a informação, tendo sido um suporte para a apresentação dos projetos à turma. Logo que concluíam as apresentações, as comunicações à turma eram feitas com recurso a apresentações em *PowerPoint* para apoiar a comunicação e torná-la mais atrativa.

No que concerne ao *Email*, o mesmo foi utilizado como facilitador na interação e comunicação, quer entre elementos do mesmo grupo, quer entre alunos e Professores.

A utilização da ferramenta da *Web 2.0 YouTube* auxiliou no acesso a informações para complementar os projetos. Os alunos recorreram a esta ferramenta para selecionarem vídeos que posteriormente eram apresentados no momento das comunicações à turma para consolidar e melhor explicitar o assunto que estava a ser tratado, possibilitando que as apresentações fossem mais dinâmicas e apelativas, como por exemplo o vídeo acerca da Ditadura Militar de 1926, apresentado aquando da exposição do projeto sobre a Revolução Republicana.



Figura 11- Vídeo sobre Ditadura Militar de 1926

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=zDzwQa5i8L4>

A plataforma “Aula Digital” foi também uma ferramenta essencial no desenvolvimento dos projetos, uma vez que veio complementar os mesmos com vídeos e curiosidades acerca

dos assuntos apresentados, por exemplo uma pequena apresentação sobre o êxodo rural na segunda metade o século XIX.

Durante a prática de ensino supervisionada foi muito frequente a utilização do manual escolar, uma vez que este se apresentou como sendo um recurso didático, que veio a complementar as pesquisas feitas com recurso aos RED.

Em conclusão, a prática aqui relatada e depois de consultada a bibliografia permite-nos afirmar que os RED contribuem positivamente no processo de aprendizagem dos alunos, mais especificamente no desenvolvimento de atividades relacionadas com os projetos de pesquisa, assim como a própria dinâmica implicada pelo desenvolvimento de projetos, centrada no aluno e na sua participação ativa, promove a integração de recursos diversificados, onde se integram os RED (Moura, 2009).

Conclusão

Fazendo um balanço de todo o processo referente à Prática de Ensino Supervisionada e a escrita do presente relatório, penso termos conseguido cumprir com o objetivo inicial de refletir sobre a importância do uso dos Recursos Educativos Digitais no contexto da metodologia de projeto, na disciplina de História e Geografia de Portugal no 2.º ciclo do ensino básico.

Penso que, embora existam alguns entraves ao sucesso do uso dos recursos educativos digitais no contexto da metodologia de projeto, já mencionados anteriormente, esta é uma metodologia que permite o desenvolvimento da aprendizagem de forma mais motivadora para os alunos.

A escola, para além de ensinar, desempenha funções de formar cidadãos conscientes, com espírito crítico e reflexivo e, para isso, deverão ser eles o centro do processo de ensino e de aprendizagem. Neste contexto, durante a prática letiva procurei criar condições para que tal fosse possível.

A prática de ensino supervisionado foi uma etapa essencial no meu processo de aprendizagem e desenvolvimento profissional, contei com momentos de observação do professor cooperante e foi-me dada a possibilidade de organizar situações de aprendizagem em que os alunos aprendessem a aprender. Neste sentido, desenvolvi inúmeras competências de lecionação que irei colocar em prática, enquanto futura docente de História.

Ao recorrer aos recursos educativos digitais no contexto da metodologia de trabalho de projeto, foi possível realizar experiências educativas muito diversificadas, de pesquisa, criação textual e de expressão plástica, todas elas centradas no aluno e na melhoria do seu desempenho escolar.

Esta é uma metodologia que privilegia a autonomia, o envolvimento e o comprometimento dos alunos nas tarefas propostas, em detrimento de uma aprendizagem baseada na transmissão.

Através do trabalho cooperativo, são desenvolvidas atividades sociais em que cada indivíduo participa, pelo que, aprender de forma cooperativa, revela-se muito eficaz para a aquisição de conhecimentos; além disso, os alunos aprendem a respeitar as dificuldades e as aptidões que desconheciam nos seus colegas.

A satisfação dos alunos, quanto ao desenvolvimento da metodologia de trabalho de projeto, foi geral. Por norma, os alunos estiveram motivados e empenhados na realização das atividades.

A metodologia de trabalho de projeto proporciona aos alunos o desenvolvimento de competências, no entanto, para que seja eficaz deve ser desenvolvida desde os momentos da socialização primária, através de práticas pedagógicas que promovam o desenvolvimento de competências como a criatividade, a responsabilidade, a crítica, a autonomia e o autoconhecimento da aprendizagem.

Ao adotar esta metodologia procurei dar continuidade ao trabalho, até então desenvolvido pelo professor cooperante, sendo bastante compensador para os alunos recorrer a esta metodologia, tal como pude constatar ao longo da prática de ensino supervisionada.

Durante o desenvolvimento do projeto, uma das fases importantes é quando os alunos pesquisam a informação em diferentes fontes (*sites*, *blogues*, *livros*, *revistas...*), selecionam a informação pertinente e a organizam para poder ser comunicada. É nesta fase que os recursos educativos digitais assumem um papel importante, uma vez que servem de suporte às pesquisas.

No entanto, é importante referir que, não existe uma estratégia de ensino que possamos dizer ser eficaz para todos os alunos e para desenvolverem todas as competências, assim, cada docente deve utilizar a estratégia de ensino mais adequada aos seus alunos e às dificuldades que encontra.

O balanço final que faço após uma reflexão de todo o trabalho desenvolvido ao longo da Prática de Ensino Supervisionada é muito positivo. Todas as aprendizagens realizadas, tanto durante a prática de ensino supervisionada, como na elaboração deste relatório, serão certamente úteis e passíveis de ser aplicadas, com vista ao melhoramento do processo de ensino e de aprendizagem dos alunos que vier a orientar.

Considero, portanto, que cumpro os objetivos estabelecidos inicialmente, nomeadamente o de contextualizar teoricamente a temática que me propus a estudar, a identificação dos Recursos Educativos Digitais integrados no processo de ensino e de aprendizagem, no contexto da História e Geografia de Portugal no 2.º Ciclo do Ensino Básico, a caracterização do modelo pedagógico: Metodologia de Projeto, descrição da Prática de Ensino Supervisionada no contexto do 2.º Ciclo do Ensino Básico, na disciplina de História e Geografia de Portugal e a reflexão crítica sobre a Prática de Ensino Supervisionada, dando especial enfoque à integração dos Recursos Educativos Digitais e à Metodologia de Trabalho de Projeto, ainda que tenha a consciência de que tenho muito caminho para percorrer.

Referências Bibliográficas

Abrantes, P., Figueiredo, C., Simão, A. (2002). *Reorganização Curricular do Ensino Básico. Novas Áreas Curriculares*. p. 21-37. Lisboa: Ministério da Educação – Departamento de Educação Básica.

Abignani, B., Gomes, R., Vilder, D. (2000). *Mochila Pedagógica sobre a gestão de projectos*. Estrasburgo: Publicações Humanas.

Aires, A., Escola, J., Figueira, M., Rivas, M. (2013). *As TIC no ensino: políticas, usos e realidades*. Santiago de Compostela: Andariva editora.

Barroso, M., Lopes, N. (2018). *Ensinar e aprender com as TIC*. III Seminário internacional sobre investigação e inovação com TIC. Práticas para o ensino, p. 79- 87. Santiago de Compostela: Andariva editora.

Bastos, A., Ramos, M. (2018). *O contributo dos RED no Modelo Pedagógico MEM: um experiência no 3.º ano de escolaridade*. III Seminário internacional sobre investigação e inovação com TIC. Práticas para o ensino, p. 197- 208. Santiago de Compostela: Andariva editora.

Bastos, A (2011). *A utilização da tecnologia educativa pelos professores do 1º Ciclo do concelho de Vila Real: os desafios para uma escola informada*. Tese de Doutoramento. Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.

Carneiro, R. (2010). *Recursos Educativos Digitais Um Serviço Público*. Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa. Lisboa: Faculdade de Ciências Humanas- Universidade Católica Portuguesa.

Coelho, C., Coelho, M. (1999). *Dicionário breve de informática e multimédia*. Lisboa: Editorial presença.

Cruz, S. (2008). *Blogue, YouTube, Flickr e Delicious: Software Social*. In A.A.A. Carvalho (org). *Manual de Ferramentas da web 2.0 para professores* (pp. 15-40). Lisboa: Ministério da Educação/ DGIDC.

Estrela, A. (1994). *Teoria e Prática de Observação de Classes. Uma Estratégia de Formação de Professores*. Porto Editora. Porto.

Fernandes, A. (2011). *A integração curricular das TIC numa escola do Ensino Básico e Secundário: contributo para uma efetiva integração enquanto desígnio da própria instituição*. Tese de Mestrado. Bragança: Instituto Politécnico de Bragança. Escola Superior de Educação.

Ferreira, C. (2009). *A avaliação na metodologia de trabalho de projecto: uma experiência na formação de professores*. Revista Portuguesa de pedagogia, ano 43- 1, p. 143- 158.

Ferreira, C. (2010). *Vivências de integração curricular na Metodologia de Trabalho de Projeto*. Revista Galego-Portuguesa de Psicoloxía e Educación, nº14, p. 91-103.

Ferreira, C. (2013). *Os olhares de futuros professores sobre a metodologia de trabalho de projeto*. Revista Educar, n.º48, p. 309- 328.

Gomes, A., Escola, J. & Raposo-Rivas, M. (2018). Possibilidades de integração das TIC nas diferentes componentes do currículo. In Joaquim Escola, Manuela Raposo,-Rivas, M^a Esther Martinez & Ana Paula Aires, *III Seminário Internacional sobre investigação e inovação com TIC. Práticas para o Ensino* (pp.89-91). Santiago de Compostela, Espanha: Andavira Editora.

Leite, E., Malpique, S., Santos, M. (2001). *Trabalho de projeto 1. Aprender por projetos centrados em problema*. Lisboa: Edições Afrontamento.

Lopes, M. & Barroso, M. (2018). Ensinar e Aprender com as TIC. In Joaquim Escola, Manuela Raposo-Rivas, M^a Esther Martinez & Ana Paula Aires, *III Seminário Internacional sobre investigação e inovação com TIC. Práticas para o Ensino* (pp.79-90). Santiago de Compostela, Espanha: Andavira Editora.

Many, E., Guimarães, S. (2006). *Como abordar a metodologia de trabalho projeto*. Lisboa: Areal Editores

Mateus, M. (2011). *Metodologia de trabalho de projecto: Nova relação entre os saberes escolares e os saberes sociais*. Revista EDUSER, Vol. 3 (2), p. 3-16.

Ministério da Educação (2017). *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*. Ministério da Educação e Ciência.

Miranda, J. (2011). *Uso de novas tecnologias no ensino de história*. Anuário de Produção Académica Docente, Vol. 5, nº10, p. 133- 151.

Moura, M. (2009). *O Ensino de História e as Novas Tecnologias: da reflexão à ação pedagógica*. ANPUH – XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA. Fortaleza.

Pais, A., Monteiro, M. (2002). *Avaliação: um Prática Diária*. Queluz de Baixo: Editorial Presença.

Pires, S. (2009). *As TIC no currículo escolar*. Revista EDUSER, Vol. 1 (1), p.43- 54.

Rangel, M. (2003). *Áreas Curriculares Não Disciplinares*. Porto: Porto Editora.

Reis, P. (2011). *Observação de aulas e avaliação do desempenho docente*. Ministério da Educação. Lisboa.

Silva, Alcino. (2008). *Professores e alunos... Para quê as TIC?* Revista portuguesa de pedagogia. Ano 42-3. p.155- 176

Webgrafia

<https://www.escolavirtual.pt/>

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Smartphone>

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Tablet>

Legislação

Aprendizagens essenciais, 6.º ano, 2.º Ciclo do Ensino Básico, Disciplina de História e Geografia de Portugal- são documentos de orientação curricular com base na planificação, realização e avaliação do ensino e da aprendizagem, conducentes ao desenvolvimento das competências inscritas no Perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória.

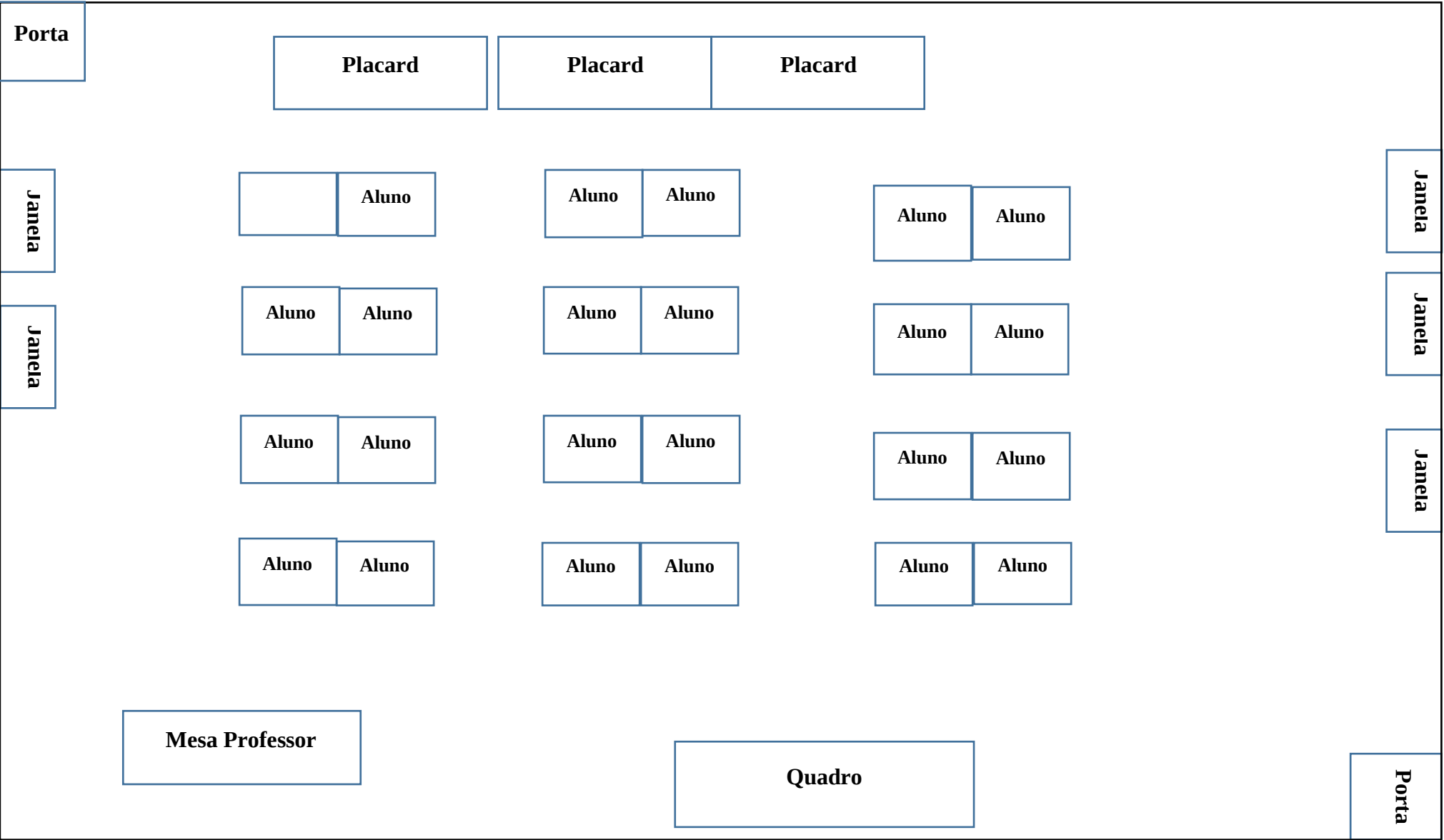
Decreto-lei n.º 55 de 2018- Estabelece o currículo dos ensinos básico e secundário e os princípios orientadores da avaliação das aprendizagens.

Apêndices

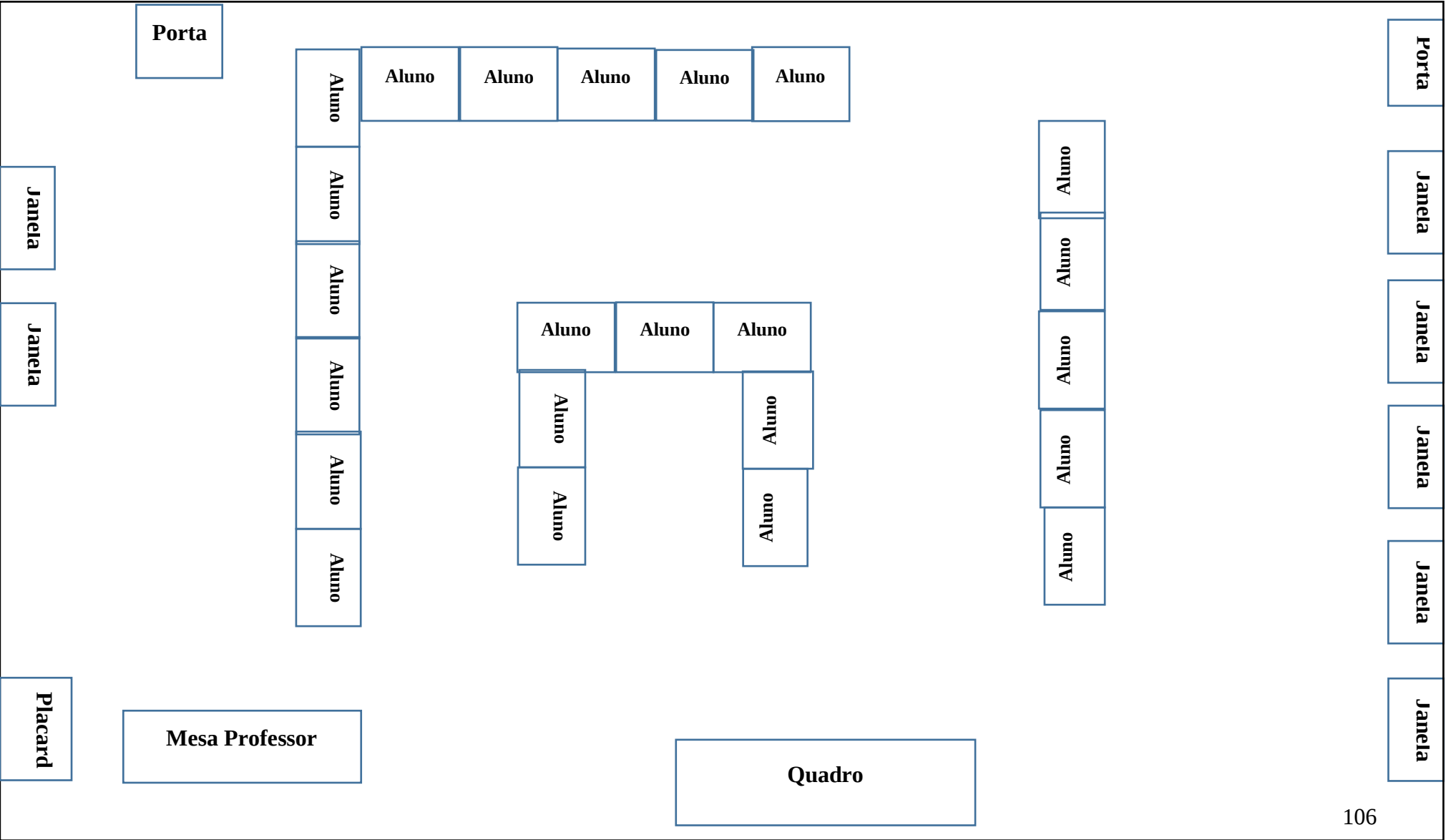
Apêndice 1- Lista de verificação

Nome do professor:		N.º de alunos:	Hora:
Disciplina:		Ano:	Turma:
	Inferências	Sim	
Sala e recursos	1. Os alunos estão sentados e distribuídos de forma apropriada.		
	2. Os equipamentos são utilizados de forma segura.		
	3. As atividades propostas são diversificadas, complementares, exequíveis e adequadas à concretização dos objetivos propostos.		
	4. As tecnologias de informação e comunicação são utilizadas sempre que se justifica.		
	5. A sala de aula está bem organizada.		
	6. A aula está organizada de forma a minimizar comportamentos inapropriados.		
Ensino	7. O professor evidencia um bom nível de conhecimento do conteúdo que está a ensinar. Conhece o currículo.		
	8. O professor tem altas expectativas quanto ao desempenho dos alunos e interage com eles de uma forma que os desafia a evoluir e os mantém centrados na atividade.		
	9. O professor partilha os objetivos de aprendizagem com os alunos.		
	10. A planificação feita pelo professor pretende constituir um desafio para todos os alunos.		
	11. São utilizadas formas de comunicação e atividades de aprendizagem adequadas às necessidades individuais dos alunos.		
	12. O professor dá resposta aos diferentes estilos de aprendizagem.		
	13. O professor responde de forma apropriada às questões dos alunos.		
	14. A estrutura da aula permite uma boa utilização do tempo disponível, assegurando que os alunos estão envolvidos e concentrados nas tarefas o maior tempo possível.		
	15. É disponibilizado <i>feedback</i> construtivo e específico aos alunos, reforçando certos comportamentos e ajudando-os a perceber como melhorar e progredir.		
	16. Os comportamentos inapropriados são geridos de forma eficaz.		
Aprendizagem	17. São dadas aos alunos oportunidades de assumir responsabilidades.		
	18. A aula é iniciada e concluída de forma adequada.		
	19. Os alunos evidenciam uma atitude positiva, envolvendo-se ativamente nas atividades propostas.		
	20. Existem evidências de respeito entre o professor e os alunos.		
	21. Os alunos tratam-se uns aos outros com respeito.		
	22. Os alunos demonstram capacidade de iniciativa e assumem responsabilidades.		
	23. Existem evidências de aprendizagens dos alunos.		
Observador:		Data:	

Apêndice 2- Planta das salas 1 e 12



Planta da sala 12



Agrupamento de Escolas Diogo Cão

Guião de orientação- trabalho de grupo

Grupo (nomes dos elementos)_____

1ª ETAPA- Que tema vamos investigar.

Tema: _____

- O que vamos investigar?

- O que sabemos sobre este tema?

- O que pretendemos aprender de novo?

- Que tipo de trabalho vamos fazer?

Um trabalho escrito? Uma apresentação em PowerPoint? Um panfleto? Um cartaz? Um livro?
Uma peça de teatro?...

- Fazemos uma lista de ideias/ tópicos que pretendemos investigar.

8. _____

9. _____

10. _____

11. _____

12. _____

13. _____
14. _____
15. _____

2.ª ETAPA- Como vamos encontrar a informação.

- Onde podemos encontrar a informação?

Livros	☐	Enciclopédias	☐	Atlas	☐
Revistas e jornais	☐	Internet	☐	Mapas	☐
DVD	☐	CD- Rom	☐	Outras fontes	☐

- Se assinalaram outras fontes, indiquem quais?

- De que informações precisamos para este trabalho?

- Analisamos a informação que encontrámos, escolhemos a que consideramos útil e registamos:

AUTOR	TÍTULO	TIPO E DOCUMENTO

Apêndice 4- Grelha de observação do trabalho de grupo

Agrupamento de Escolas Diogo Cão
Grelha de observação- trabalho de grupo

Turma: _____ Data: _____

TEMAS DOS TRABALHOS	Grupo 1:				Grupo 3:			Grupo 5:		Grupo 7:	
	Grupo 2:				Grupo 4:			Grupo 6:			
Nº	Nome do aluno	Método de trabalho	Organização	Responsabilidade	Autonomia de execução	Pesquisa da informação	Participação	Cooperação com os colegas	Apresentação do trabalho	Outras observações	
Grupo 1											
Grupo 2											

Grupo 3										
Grupo 4										
Grupo 5										
Grupo 6										
Grupo 7										

Agrupamento de Escolas Diogo Cão

Guião de orientação (resumo dos conteúdos)

Portugal na segunda metade do século XIX

DESENVOLVIMENTO DAS VIAS DE COMUNICAÇÃO, DOS TRANSPORTES E DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO.

Para promover o desenvolvimento da agricultura, do comércio e da indústria, era necessário a construção de uma boa rede de transportes e de comunicações. Com esse fim, em 1852, foi criado o Ministério das Obras Públicas, dirigido por Fontes Pereira de Melo. Esta política de construção de obras públicas (estradas, pontes, portos, caminhos-de-ferro, ligações teleféricas, etc...) ficou conhecida por fontismo, devido ao nome do seu principal impulsionador.

Surgiram novos meios de transporte e de comunicação, o que permitiu uma maior mobilidade de pessoas, maior circulação de ideias e informações e a deslocação de mais mercadorias em menos tempo.

- Desenvolvimento dos meios de transporte e vias de comunicação

Caminhos-de-ferro

A rede de caminhos-de-ferro cresceu de forma muito rápida e ao longo da sua extensão construíram-se várias **pontes, túneis e estações**.

Em 1856 realizou-se a primeira viagem de comboio, entre Lisboa e Carregado.

Em 1887 inaugurou-se a ligação direta Lisboa-Madrid-Paris. Portugal ficou assim mais próximo do centro da Europa.

Rede de estradas

Iniciou-se também a renovação e construção de novas estradas em todo o país. De forma a facilitar a circulação também se construíram várias **pontes**.

A partir de 1855 começou a circular na estrada Lisboa-Porto a **mala-posta**, uma carruagem que transportava o correio e algumas pessoas.

No final do século XIX surgiram os primeiros **automóveis**.

Portos marítimos e faróis

Para tornar mais segura a navegação costeira construíram-se vários **faróis** e melhoraram-se os **portos marítimos**.

Surgiram nesta época os **barcos movidos a vapor**, primeiro no Rio Tejo, depois na ligação entre Lisboa e Porto e, mais tarde ainda, na ligação aos Açores e Madeira.

Desenvolvimento das comunicações

Os correios foram remodelados, surgindo o primeiro **selo-adesivo**, o **bilhete-postal** e os primeiros **marcos de correio**.

Surgiu também o **telégrafo** e mais tarde o **telefone**.

Portugal na segunda metade do século XIX

GRANDES MUDANÇAS NO ENSINO E NA JUSTIÇA, UMA NOVA ARQUITETURA E APARECIMENTO DE ESCRITORES FAMOSOS.

- O que mudou no ensino?

O país encontrava-se em modernização, por isso também era necessário que a população se tornasse mais instruída e competente para realizar as mudanças pretendidas. Tomaram-se então várias medidas no ensino:

- **Ensino primário:**
 - Criaram-se novas escolas primárias
 - Tornou-se obrigatória a frequência nos primeiros 3 anos, com mais um de voluntariado
- **Ensino liceal:**
 - Criaram-se novos liceus em todas as capitais de distrito e dois em Lisboa
 - Fundaram-se escolas industriais, comerciais e agrícolas
- **Ensino universitário:**
 - Criaram-se novas escolas ligadas à Marinha, às Artes, às Técnicas e ao Teatro

- O que mudou na justiça?

Também foram tomadas importantes medidas relacionadas com os Direitos Humanos:

- Abolição da pena de morte para crimes políticos (1852)
- Abolição da pena de morte para crimes civis (1867)
- Extinção da escravatura em todos os territórios portugueses (1869)

- O que foi a “arquitetura do ferro”?

Durante a segunda metade do século XIX, em algumas construções passou a usar-se o ferro, o vidro e o azulejo.

- Quais os escritores portugueses e as obras com destaque no século XIX?

- Alexandre Herculano (Eurico, o Presbítero);
- Almeida Garrett (Viagens na minha Terra);
- Antero de Quental (Odes modernas);
- Camilo Castelo Branco (Amor de perdição);
- Eça de queirós (Os Maias);
- Entre outros.

Portugal na segunda metade do século XIX

EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO PORTUGUESA NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX.

Saber mais

Contagem da população

Para dar melhor resposta às necessidades da população, tornou-se necessário saber o número de habitantes do país, e onde se concentravam com maior quantidade.

Já se tinham realizado contagens da população, mas eram pouco exatas pois tinham como base a contagem de habitações e não de pessoas. A estas contagens dá-se o nome de **numeramentos**.

A primeira contagem rigorosa do número de habitantes do país realizou-se em 1864, ou seja, foi quando se realizou o primeiro **recenseamento**. Em boletins próprios os habitantes tinham que colocar o nome, o sexo, a idade, o estado civil e a profissão. A partir dessa data realizam-se recenseamentos, ou censos, de 10 em 10 anos.

- O que permitiu o crescimento da população?

Através dos recenseamentos verificou-se o aumento de população desde que se fez o primeiro censo. De 1864 até 1900 a população passou de cerca de 4 milhões de habitantes para 5 milhões.

Este facto justifica-se pela melhoria de condições de vida da população:

- ✓ Período de paz e estabilidade política e social.
- ✓ Melhoria da alimentação, com o aumento do consumo da batata e do milho.
- ✓ Melhoria das condições de higiene, com a construção de esgotos, distribuição de água através da canalização e calçetamento das ruas.
- ✓ Melhoria da assistência médica e hospitalar, com o aparecimento de novos medicamentos, divulgação de algumas vacinas e construção de hospitais.

- Como se distribuía a população?

Verificou-se também que o crescimento populacional não ocorreu de igual forma por todo o território. O aumento de população foi maior no norte litoral, onde se encontravam os solos mais férteis, maior quantidade de portos de pesca e unidades industriais.

Entretanto, em todas as cidades verificou-se aumento de população, principalmente as do litoral.

Apesar do desenvolvimento da agricultura, a produção continuava a ser pouca. A mecanização originou despedimentos e as dificuldades no meio rural intensificaram-se. Sendo assim, muitas pessoas decidiram abandonar os campos para ir para as cidades à procura de melhores condições de vida. A este fenómeno dá-se o nome de **Êxodo Rural**.

- Para onde foram os emigrantes?

Entretanto, devido ao aumento da população, não havia postos de emprego para todos nas cidades. Muitos dos trabalhos eram mal pagos apesar de se trabalhar duramente muitas horas diárias.

Sendo assim, muitas pessoas decidiram procurar melhores condições de vida no estrangeiro, sobretudo para o Brasil, pois falava-se a mesma língua e porque havia necessidade de mão-de-obra devido à extinção da escravatura. Muitos emigrantes enriqueceram e ao regressar a Portugal compraram terras, palacetes e vestiam-se luxuosamente. Eram chamados os «brasileiros».

Além do Brasil, foram destinos dos portugueses países da América Central e os Estados Unidos da América.

Portugal na segunda metade do século XIX

O QUE MUDOU NA SOCIEDADE DO SÉCULO XIX E COMO ERA A VIDA QUOTIDIANA NO CAMPO.

Atividades económicas

As principais atividades do meio rural na segunda metade do século XIX continuavam a ser a agricultura, a criação de gado e a pesca nas zonas do litoral.

Na sua maioria, os camponeses não eram donos das terras em que trabalhavam. As terras pertenciam sobretudo à antiga nobreza, proprietários burgueses e a alguns lavradores mais abastados.

O trabalho no campo era muito duro e os rendimentos eram poucos, por isso, os camponeses viviam muito pobremente.

Com a introdução da máquina na agricultura, aumentou-se o desemprego por já não ser precisa tanta mão-de-obra, dificultando ainda mais a vida dos homens do campo.

Alimentação

Os camponeses alimentavam-se sobretudo do que cultivavam. Dos produtos que mais consumiam destacam-se a batata, pão de centeio ou de milho, sopas de legumes e sardinhas. A carne, mais cara e de difícil conservação, era apenas consumida em dias de festa.

Vestuário

O vestuário dos camponeses variava de região para região, de acordo com o clima e com as atividades predominantes.

No interior, era frequente os homens usarem calças compridas, coletes ou jaquetas, e calçavam botas ou tamancos de madeira. As mulheres vestiam saias compridas e usavam lenços coloridos na cabeça. No litoral, os homens usavam calças curtas ou arregaçadas e geralmente andavam descalços, tal como as mulheres que vestiam saias mais curtas do que as do interior, devido às suas atividades relacionadas com o mar.

Divertimentos

Os divertimentos das pessoas do campo estavam associados sobretudo às atividades do campo (vindimas e desfolhadas) e à religião (feiras, romarias e festas religiosas).

COMO SE MODERNIZARAM AS CIDADES E COMO VIVIAM OS SEUS HABITANTES.

Atividades económicas

A modernização do país influenciou mais a vida quotidiana das pessoas que viviam nas cidades.

O grupo social dominante era a burguesia, constituído por comerciantes, banqueiros, industriais, médicos, advogados, professores, oficiais do exército e funcionários públicos.

No entanto, a maior parte da população pertencia a grupos de menores recursos. As pessoas do povo trabalhavam sobretudo como vendedores ambulantes, empregados de balcão ou criados nas casas de pessoas ricas.

Com o desenvolvimento da indústria, formou-se um novo grupo social: o operariado. Os operários eram homens, mulheres e até crianças, que trabalhavam duramente nas fábricas muitas horas a troco de pouco dinheiro. Em caso de acidente, não tinham qualquer proteção. Eram despedidos sem qualquer indemnização.

Alimentação

A burguesia e a nobreza tinham uma alimentação abundante e variada. Faziam quatro refeições por dia: pequeno-almoço, almoço, jantar e ceia. Comiam carne, peixe, legumes, cereais, frutas e doces. Surgiram neste período vários restaurantes que trouxeram do estrangeiro novas receitas, como o pudim, a omelete, o puré, o bife e o soufflé.

As pessoas das classes menos privilegiadas alimentavam-se sobretudo de pão, legumes, toucinho e sardinhas.

Vestuário

As pessoas mais ricas das cidades vestiam-se de acordo com a moda francesa. As mulheres vestiam saias até ao chão com roda, com uma armação de lâminas de aço e batanas – a crinolina. Passou também a usar a tournoure, uma espécie de almofada sobre os rins que levantava a saia atrás. Os homens vestiam calças, camisa, colete, casaca e chapéu.

As pessoas mais pobres vestiam roupas bastante simples, adaptadas às tarefas que desempenhavam.

Divertimentos

Os nobres e os burgueses frequentavam os grandes jardins onde passeavam, conversavam e ouviam a música tocada nos coretos. Reuniam-se também nos cafés e clubes, jantares, festas e bailes, iam à ópera, ao teatro e ao circo.

Os divertimentos dos populares eram semelhantes aos do campo: feiras, festas religiosas e passeios ao campo domingo à tarde.

Portugal na segunda metade do século XIX

Da Revolução Republicana de 1910 à Ditadura Militar de 1926

- O que levou à crise da Monarquia?

Descontentamento da população no fim do século XIX

A população, no fim do século XIX encontrava-se bastante descontente:

- Os camponeses e os operários continuavam a viver com grandes dificuldades enquanto a alta burguesia recebia cada vez mais lucros.
- O rei e a família real eram acusados de gastar mal o dinheiro, o que contribuiu para o endividamento do reino.

Partido Republicano (1876)

Formou-se nesta altura o Partido Republicano que pretendia acabar com a Monarquia para passar a haver uma República, ou seja, deixaria de haver reis para haver presidentes eleitos por um determinado tempo.

Os republicanos acreditavam que desta forma conseguir-se-ia modernizar o país e melhorar as condições de vida dos mais pobres.

- Como foi Portugal prejudicado na Conferência de Berlim?

Vários países europeus, como a Inglaterra, a Alemanha e a França, entraram em conflitos por causa dos territórios africanos pois possuíam muitas riquezas.

Para resolver estes conflitos realizou-se a Conferência de Berlim onde ficou estabelecido que os territórios seriam partilhados de acordo com a sua ocupação efetiva, ou seja, de acordo com quem tivesse meios para os ocupar, sem interessar quem os descobriu.

- Porque aconteceu o Ultimato Inglês?

Portugal apresentou o Mapa Cor-de Rosa na tentativa de ocupar os territórios entre Angola a Moçambique.

Grã-Bretanha não aceitou porque queria os mesmos territórios para ligar Cabo a Cairo, e então fez um ultimato a Portugal para abandonar aqueles territórios.

O governo português cedeu ao ultimato, o que agravou o descontentamento da população. Muitas pessoas passaram a apoiar o Partido Republicano pois pretendiam um governo forte.

Portugal na segunda metade do século XIX

- O que defendiam os republicanos?

31 de Janeiro de 1891 – Revolta republicana

A cedência perante o Ultimato inglês foi considerado um ato de traição à pátria. Os republicanos aproveitaram ainda para acusar o rei de gastar mal o dinheiro e deixar o país cheio de dívidas, e culpou-o também pela miséria dos mais pobres.

Dia 31 de Janeiro de 1891 surgiu uma revolta na tentativa de acabar com a monarquia mas não foi bem sucedida. No entanto, mostrou o crescimento do Partido Republicano.

- O que foi o regicídio?

1 de Fevereiro de 1908 – Regicídio

O rei D. Carlos I foi morto a tiro quando passava de carruagem pelo Terreiro do Paço em Lisboa. Com ele morreu o herdeiro do trono D. Luís Filipe. Ficou a governar o seu irmão D. Manuel II. Foi mais um ato para tentar acabar com a monarquia.

- Como foi proclamada a República?

5 de Outubro de 1910 – Queda da Monarquia e implantação da República

Na madrugada de 4 de Outubro de 1910 iniciou-se a revolução republicana. Os militares republicanos (membros do exército e da marinha) e os populares pegaram em armas e concentraram-se na Rotunda, atual praça Marquês de Pombal.

As tropas fiéis ao rei eram em maior número mas mesmo assim não conseguiram acabar com a revolta e na manhã de 5 de Outubro de 1910 foi proclamada a República, acabando assim com a Monarquia.

- Que novos símbolos foram aprovados pelos republicanos?

Primeiras medidas republicanas

Formação de um Governo Provisório

Após a proclamação da República foi criado um Governo Provisório, presidido por Teófilo Braga, que tomou as seguintes medidas:

- ✓ Adotou-se uma **nova bandeira**;
- ✓ O hino **nacional** passou a ser “A Portuguesa”;
- ✓ A moeda passou a ser o escudo em vez do real.

Simbologia da nova bandeira:

Esfera armilar: representa o mundo que os navegadores portugueses descobriram;

Escudetes azuis: representam a bravura dos que lutaram pela independência;

Castelos: representam a independência garantida por D. Afonso Henriques;

Verde: cor da esperança;

Vermelho: cor da coragem e do sangue derramado pelos portugueses mortos em combate.

- O que defendia a nova Constituição?

A Constituição republicana

Assembleia Constituinte

Depois de criado o Governo Provisório fizeram-se eleições para formar a Assembleia Constituinte que tinha como função elaborar a nova constituição – a Constituição de 1911.

Nesta constituição ficou estabelecido que:

- ✓ O chefe de estado de Portugal passa a ser um Presidente da República em vez de um rei;
- ✓ É eleito por um período de 4 anos;
- ✓ Tem o poder de escolher o governo;
- ✓ O congresso tem o poder de eleger e demitir o Presidente da República.

Divisão de poderes

- ✓ Poder legislativo: pertence ao Congresso ou Parlamento – deputados.

- ✓ Poder executivo: pertence ao Presidente da República e o seu governo – presidente e ministros.
- ✓ Poder judicial: pertence aos Tribunais – juízes

- Que importância tinha o Parlamento?

O Parlamento era o órgão político mais importante, nele os deputados elegiam o Presidente da República, que também tinha o poder de os demitir.

O Presidente da República nomeava o Governo, consoante o partido com mais deputados no Parlamento.

Portugal na segunda metade do século XIX

AS VÁRIAS REFORMAS DOS GOVERNOS REPUBLICANOS.

Na Educação

- ✓ Criação dos primeiros jardins-escola para crianças dos 4 aos 7 anos;
- ✓ Ensino obrigatório e gratuito dos 7 aos 10 anos;
- ✓ Criação de escolas primárias, de um liceu em Lisboa (liceu Passos de Manuel) e de universidades (de Lisboa e do Porto);
- ✓ Criação de escolas para formação de professores;
- ✓ Criação de bibliotecas.

O principal objetivo destas medidas era acabar com o analfabetismo.

No Trabalho

- ✓ Direito à greve;
- ✓ Direito a oito horas de trabalho e a um dia semanal de descanso;
- ✓ Criação de um seguro obrigatório para doença, velhice e acidentes de trabalho.

- Que outras mudanças ocorreram?

- ✓ Filhos legítimos e ilegítimos e marido e mulher passaram a ter os mesmos direitos;

- ✓ O divórcio foi legalizado;
- ✓ Liberdade de culto e proibição do ensino religioso nas escolas;
- ✓ O Estado passou a ser responsável pelo registo civil dos nascimentos, dos casamentos e dos falecimentos.

A I GUERRA MUNDIAL E OS PROBLEMAS QUE AFETARAM PORTUGAL

- Por que motivo participou Portugal na I Guerra Mundial?

A Inglaterra e a França entrou em guerra com a Alemanha por causa dos territórios africanos. Depois, vários outros países europeus entraram na guerra, bem como países de outros continentes, por isso diz-se que foi uma Guerra Mundial.

A Inglaterra pediu a Portugal que apreendesse os navios alemães refugiados nos portos portugueses. A Alemanha, em resposta, declarou guerra a Portugal e tentou ocupar os territórios portugueses em Angola e Moçambique.

A guerra terminou com a vitória dos ingleses, franceses e os seus aliados, e assim Portugal conseguiu manter as suas colónias. No entanto, as despesas militares durante a guerra contribuíram para um maior endividamento do reino.

- Quais foram as consequências?

Subida de preços e aumento de impostos

Os preços dos produtos aumentaram enquanto os salários não acompanharam essa subida.

As despesas do reino eram superiores às receitas. Os governos republicanos recorreram a empréstimos ao estrangeiro e para os pagar aumentaram-se os impostos.

Tudo isto fez com que se tornassem frequentes as greves, revoltas e assaltos a armazéns de comida.

Instabilidade política

Os governos mudavam frequentemente e os presidentes ou se demitiam ou eram demitidos. Só entre 1910 e 1926 houve 8 presidentes e 45 governos.

- Como terminou a I República?

Crise em Portugal durante a I República

Crise social:

- ✓ Subida dos preços
- ✓ Redução do poder de compra
- ✓ Greves e manifestações
- ✓ Atentados à bomba

Crise financeira:

- ✓ Despesas superiores às receitas
- ✓ Crescimento da dívida externa

Crise política:

- ✓ Mudanças sucessivas de governo – instabilidade política

Golpe militar de 28 de Maio de 1926

A 28 de Maio de 1926, o general Gomes da Costa chefiou uma revolta militar que teve início em Braga e estendeu-se até Lisboa. Por todo o país os militares foram aderindo a este movimento. O Presidente da República, Bernardino Machado, demitiu-se e entregou o poder aos revoltosos. Portugal foi governado neste período segundo uma ditadura, ou seja, segundo um governo autoritário, não democrático, que não respeitava as liberdades e direitos dos cidadãos.

Apêndice 6- Grelha de Avaliação (Autoavaliação)

Agrupamento de Escolas Diogo Cão

Avaliação individual (autoavaliação) - trabalho de grupo

Nome: _____ Turma: _____ Data: ____/____/____ Tema do trabalho: _____

• 1. Cooperação no trabalho de grupo.	SIM	MAIS OU MENOS	NÃO
Colaborei no trabalho de grupo dando sugestões?			
Soube ouvir os meus colegas?			
Respeitei as opiniões dos meus colegas?			

• 2. O meu empenho.	SIM	MAIS OU MENOS	NÃO
Recorri a fontes de informação diversificadas?			
As fontes que selecionei foram úteis para o meu trabalho?			
O meu trabalho está organizado?			

A apresentação do meu trabalho foi preparada com cuidado?			
Durante a apresentação do trabalho fui claro?			
O trabalho que fiz correspondeu às minhas expectativas?			

- 3. Com base nas respostas que acabaste de dar como avalias o trabalho que realizaste?

Fraco ☐ Não Satisfaz ☐ Satisfaz ☐ Bom ☐ Muito Bom ☐

- 4. O que mudarias para melhorar o teu trabalho?

Apêndice 7- Grelha de Avaliação (grupo)

Agrupamento de Escolas Diogo Cão
Avaliação dos trabalhos de grupo

Nome: _____ Turma: _____ Data: ____/____/____

Tema do trabalho do grupo a ser avaliado: _____

- 1. Preenche a seguinte tabela de avaliação do trabalho de grupo, colocando um X na respetiva coluna, sabendo que:
2- Fraco; 2- Não Satisfaz; 3- Satisfaz; 4- Bom; 5- Muito Bom

	1	2	3	4	5
Clareza da apresentação.					
Organização do trabalho enquadramento do tema.					
Aprofundamento do tema/ pesquisa adicional.					
Discussão dos resultados/ conclusões sobre o trabalho.					
Qualidade técnica da apresentação (imagens, PowerPoint, vídeos...)					
Apreciação global.					

- 2. Aspetos positivos deste trabalho e apresentação:

- 3. Aspetos a melhorar neste trabalho e apresentação:

Apêndice 8- Ficha de avaliação



Agrupamento de Escolas Diogo Cão, Vila Real

FICHA DE AVALIAÇÃO SUMATIVA DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA DE PORTUGAL – 6º ANO

Ano letivo de 2018/2019

Aluno/a: _____ Nº: ____ Turma: ____ Data: ____/____/2019

Avaliação: _____ O/A Prof: João Pena Gil O/A Enc. de Educação: _____

1. Observa atentamente os documentos 1 e 2.



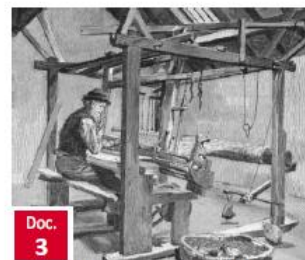
1.1. Indica qual o documento que ilustra a situação da agricultura na segunda metade do século XIX. (5)

1.2. Refere três progressos na agricultura na segunda metade do século XIX. (6)

2. Observa os documentos 3 e 4, sobre produção artesanal e produção mecanizada.

2.1. Liga as frases ao documento que lhes corresponde. (6)

- a) Fazem-se mais produtos em menos tempo. •
- b) Como há muito mais produtos, o seu preço é mais baixo. •
- c) Como são feitos manualmente, os produtos são todos diferentes. •
- d) Como são feitos por máquinas, os produtos são todos iguais. •
- e) Artesão. •
- f) Operários. •



Doc. 3
Produção artesanal.



Doc. 4
Produção mecanizada.

3. Observa atentamente as imagens.



Doc. 5
Mala-posta. Transporte que surgiu no século XIX. Transportava pessoas e correio.



Doc. 6
Comboio. As carruagens eram puxadas por uma máquina a vapor.

3.1. Indica a forma de energia que faz mover o comboio. (6)

3.2 Refere:

a) três vantagens do comboio comparativamente à mala-posta. (6)

4. Completa o texto com as seguintes palavras ou expressões: (6)

correio faróis estradas modernização barcos a vapor automóvel mala-
posta selos telefones Estado marcos do correio rodoviários

Na segunda metade do século XIX, para além do comboio, outros meios de transporte se desenvolveram. Nos transportes _____ iniciou-se a construção de uma vasta rede de _____ asfaltadas. Nelas circulavam, por exemplo, a _____, que transportava pessoas e _____ e, mais tarde, o _____. No mar, os veleiros deram lugar aos _____, melhoraram-se os portos e construíram-se _____ ao longo da costa portuguesa. Os correios também se modernizaram com a introdução dos _____, dos bilhetes-postais, dos _____ e dos carteiros. A primeira companhia de _____ surgiu em 1882, em Lisboa. Foi o _____, ou seja, o governo de Portugal, especialmente o ministro Fontes Pereira de Melo, o principal responsável pela _____ do país, tendo para isso pedido muito dinheiro a outros países, o que levou a uma grave crise financeira em 1890-92.

5. Lê e observa com atenção os documentos 7, 8, 9 e 10.

Doc. 7

Na segunda metade do século XIX, os governantes portugueses preocuparam-se muito com a educação. Foram construídas muitas escolas primárias. No entanto, a maioria da população continuou sem saber ler nem escrever. Também houve uma grande preocupação com os direitos humanos: foram abolidas a pena de morte e a escravatura em todos os territórios portugueses.

Nas construções, começou a usar-se cada vez mais o ferro. Foi a chamada "arquitetura do ferro".

Foi também uma época em que viveram alguns dos mais famosos escritores portugueses que nos deixaram obras muito importantes.

Doc. 8



Doc. 9



Doc. 10



5.1. Dá um título a cada um dos documentos que acabaste de observar, preenchendo a grelha: (8)

Coluna A	Coluna B
Documento 7-	
Documento 8-	
Documento 9-	
Documento 10-	

6. **Risca** as palavras e expressões erradas nas frases seguintes. (6)

- Os governos da regeneração construíram muitos quilómetros de **autoestradas/ estradas asfaltadas** para nelas circularem a **mala-posta/ camiões**.
- Na 2ª metade do século XIX, a maior parte do **povo/ burguesia** era **analfabeta/ alfabetizada**.
- Eça de Queirós, escritor português do século **XIX/XX**, escreveu o livro **Amor de Perdição/ Os Maias**.

7. Observa o gráfico e o anúncio.

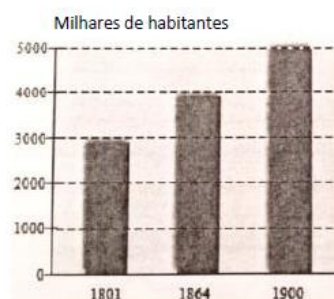


Gráfico da população portuguesa no século XIX



Anúncio do século XIX

7.1. Retira uma conclusão da análise do gráfico. (6)

7.2. Com base no gráfico e no anúncio, apresenta **três** motivos que explicam o crescimento da população na segunda metade do século XIX. (6)

8. Assinala com um **V** as afirmações verdadeiras e com **F** as falsas. Corrige as afirmações falsas. (11)

- ☐ a) Os governos liberais aprovaram a pena de morte para crimes políticos.
-
- ☐ b) Os governos liberais proibiram a escravatura em todos os territórios portugueses.
-
- ☐ c) As pontes D. Maria Pia e D. Luís I, no Porto, são exemplos da arquitetura da pedra em Portugal.
-
- ☐ d) Na segunda metade do século XIX, a maior parte da população portuguesa vivia nas cidades do interior.
-
- ☐ e) Na segunda metade do século XIX, muitos camponeses saíram da cidade para o campo – foi o êxodo rural.
-
- ☐ f) Na segunda metade do século XIX, o principal destino da emigração portuguesa foi a França.
-

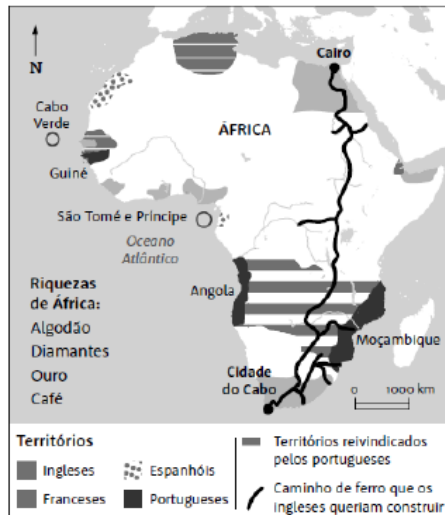
9. Completa o quadro com as seguintes palavras. (5)

água bairros fábricas jardins médicos
 mal residências ruas teatro transportes

A modernização das cidades	A vida da burguesia	A vida do povo das cidades
• Surgimento de a) _____ públicos. • b) _____ canalizada e recolha de lixo. • c) _____ iluminadas, pavimentadas e com passeios.	• Formada por advogados, banqueiros, comerciantes, donos de fábricas, d) _____, professores. • Viviam em andares ou em e) _____ luxuosas. • Divertiam-se em cafés, restaurantes, clubes, iam ao f) _____, à ópera e passeavam nos g) _____ públicos.	• O povo das cidades trabalhava na construção civil, nas h) _____ – operários – e eram vendedores ambulantes, criados. • Os operários trabalhavam muitas horas, recebiam baixos salários, alimentavam-se i) _____ e viviam em j) _____ muito pobres.

10. Observa e lê com atenção os documentos 11 e 12.

Doc. 11- Corrida a África



Doc. 12- Ultimato Inglês

O governo inglês dirigiu ao governo português um ultimato – fazer evacuar os territórios (entre Angola e Moçambique) no prazo de 24 horas (...) ou seria declarada guerra a Portugal.
A cólera contra os ingleses desencadeou uma verdadeira tempestade.

Cartas políticas de João Chagas, 1908-10 (adaptado).

10.1. O que pretendiam:

10.1.1. Os ingleses? (5)

10.1.2. Os portugueses? (5)

10.2. Como reagiram os ingleses ao Mapa Cor- De- Rosa? (5)

11. Ordena, do mais antigo para o mais recente, os acontecimentos que se seguem: (8)

- ☐ Implantação da República
- ☐ Regicídio
- ☐ Revolta de 31 de janeiro, no Porto
- ☐ Subida ao trono de D. Manuel II



FICHA DE AVALIAÇÃO SUMATIVA DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA DE PORTUGAL – 6º ANO

Ano letivo de 2018/2019

Aluno/a: _____ Nº: ____ Turma: ____ Data: ____/____/2019

Avaliação: _____ O/A Prof: João Pena Gil O/A Enc. de Educação: _____

1. Observa atentamente os documentos 1 e 2.



1.1. Indica qual o documento que ilustra a situação da agricultura na segunda metade do século XIX.

1.2. Assinala com **X** três progressos na agricultura na segunda metade do século XIX.

- | | | |
|---|--|--|
| ☐ Introdução das primeiras máquinas agrícolas. | ☐ Surgimento dos primeiros selos. | ☐ Criação dos liceus. |
| ☐ Criação das primeiras fábricas. | ☐ Recurso a adubos químicos. | ☐ Abolição da pena de morte. |
| ☐ Melhoria das estradas. | ☐ Aumento das linhas férreas. | ☐ Utilização de sementeiras selecionadas. |

2. Observa os documentos 3 e 4, sobre produção artesanal e produção mecanizada.

2.1. Liga as frases ao documento que lhes corresponde.

- a) Fazem-se mais produtos em menos tempo. •
- b) Como há muito mais produtos, o seu preço é mais baixo. •
- c) Como são feitos manualmente, os produtos são todos diferentes. •
- d) Como são feitos por máquinas, os produtos são todos iguais. •
- e) Artesão. •
- f) Operários. •



Doc.
3

Produção artesanal.



Doc.
4

Produção mecanizada.

3. Observa atentamente as imagens.



Doc.
5

Mala-posta. Transporte que surgiu no século XIX. Transportava pessoas e correio.



Doc.
6

Comboio. As carruagens eram puxadas por uma máquina a vapor.

3.1. Indica a forma de energia que faz mover o comboio.

3.2 Selecciona, **sublinhando**:

- a) três vantagens do comboio comparativamente à mala-posta;
- Transporte de um maior número de pessoas.
 - Menos poluição.
 - Maior rapidez na deslocação.
 - Percorrer longas distâncias.
 - Era puxado por animais.

4. Completa o texto com as seguintes palavras ou expressões:

correio faróis estradas modernização barcos a vapor automóvel mala-
posta selos telefones Estado marcos do correio rodoviários

Na segunda metade do século XIX, para além do comboio, outros meios de transporte se desenvolveram. Nos transportes_____iniciou-se a construção de uma vasta rede de_____asfaltadas. Nelas circulavam, por exemplo, a_____, que transportava pessoas e _____ e, mais tarde, o_____. No mar, os veleiros deram lugar aos_____, melhoraram-se os portos e construíram-se_____ao longo da costa portuguesa. Os correios também se modernizaram com a introdução dos_____, dos bilhetes-postais, dos_____e dos carteiros. A primeira companhia de_____surgiu em 1882, em Lisboa. Foi o_____, ou seja, o governo de Portugal, especialmente o ministro Fontes Pereira de Melo, o principal responsável pela_____do país, tendo para isso pedido muito dinheiro a outros países, o que levou a uma grave crise financeira em 1890-92.

5. Lê e observa com atenção os documentos 7, 8, 9 e 10.

Doc. 7

Na segunda metade do século XIX, os governantes portugueses preocuparam-se muito com a educação. Foram construídas muitas escolas primárias. No entanto, a maioria da população continuou sem saber ler nem escrever. Também houve uma grande preocupação com os direitos humanos: foram abolidas a pena de morte e a escravatura em todos os territórios portugueses. Nas construções, começou a usar-se cada vez mais o ferro. Foi a chamada "arquitetura do ferro". Foi também uma época em que viveram alguns dos mais famosos escritores portugueses que nos deixaram obras muito importantes.

Doc. 8



Doc. 9



Doc. 10



5.1. Atribui a cada documento um título ligando os elementos da coluna A aos da coluna B.

Coluna A	Coluna B
Documento 7	a) Um dos maiores escritores portugueses.
Documento 8	b) O ensino na segunda metade do século XIX.
Documento 9	c) Um exemplo da arquitetura de ferro.
Documento 10	d) Mudanças no ensino, justiça e artes na segunda metade do século XIX.

6. **Risca** as palavras e expressões erradas nas frases seguintes.

- Os governos da regeneração construíram muitos quilómetros de **autoestradas/ estradas asfaltadas** para nelas circularem a **mala-posta/ camiões**.
- Na 2ª metade do século XIX, a maior parte do **povo/ burguesia** era **analfabeta/ alfabetizada**.
- Eça de Queirós, escritor português do século **XIX/XX**, escreveu o livro **Amor de Perdição/ Os Maias**.

7. Observa o gráfico e o anúncio.

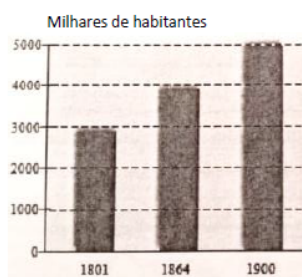


Gráfico da população portuguesa no século XIX



Anúncio do século XIX

7.1. Refere o que podes observar no gráfico apresentado.

7.2. Com base no gráfico e no anúncio, assinala com **X três** motivos que explicam o crescimento da população na segunda metade do século XIX.

- | | | |
|---|---|--|
| ☐ Melhoria na alimentação. | ☐ Construção de pontes em ferro. | ☐ Aumento do número de jornais. |
| ☐ Estradas asfaltadas. | ☐ Não haver guerras. | ☐ Progressos na medicina e higiene. |

8. Assinala com um **V** as afirmações verdadeiras e com **F** as falsas. Corrige as palavras ou expressões erradas nas falsas.

☐

a) Os governos liberais aprovaram a pena de morte para crimes políticos.

☐

b) Os governos liberais proibiram a escravatura em todos os territórios portugueses.

☐

c) As pontes D. Maria Pia e D. Luís I, no Porto, são exemplos da arquitetura da pedra em Portugal.

☐

d) Na segunda metade do século XIX, a maior parte da população portuguesa vivia nas cidades do interior.

☐

e) Na segunda metade do século XIX, muitos camponeses saíram da cidade para o campo – foi o êxodo rural.

☐

f) Na segunda metade do século XIX, o principal destino da emigração portuguesa foi a França.

9. Completa o quadro com as seguintes palavras.

água

bairros

fábricas

jardins

médicos

mal

residências

ruas

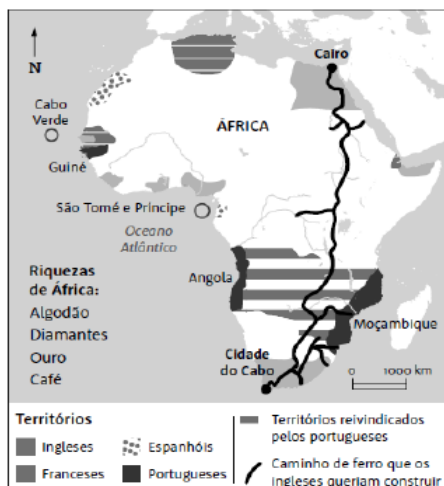
teatro

transportes

A modernização das cidades	A vida da burguesia	A vida do povo das cidades
• Surgimento de a) _____ públicos. • b) _____ canalizada e recolha de lixo. • c) _____ iluminadas, pavimentadas e com passeios.	• Formada por advogados, banqueiros, comerciantes, donos de fábricas, d) _____, professores. • Viviam em andares ou em e) _____ luxuosas. • Divertiam-se em cafés, restaurantes, clubes, iam ao f) _____, à ópera e passeavam nos g) _____ públicos.	• O povo das cidades trabalhava na construção civil, nas h) _____ – operários – e eram vendedores ambulantes, criados. • Os operários trabalhavam muitas horas, recebiam baixos salários, alimentavam-se i) _____ e viviam em j) _____ muito pobres.

10. Observa e lê com atenção os documentos 11 e 12.

Doc. 11- Corrida a África



Doc. 12- Ultimato Inglês

O governo inglês dirigiu ao governo português um ultimato – fazer evacuar os territórios (entre Angola e Moçambique) no prazo de 24 horas (...) ou seria declarada guerra a Portugal.

A cólera contra os ingleses desencadeou uma verdadeira tempestade.

Cartas políticas de João Chagas, 1908-10 (adaptado).

10.1. O que pretendiam:

10.1.1. Os ingleses?

10.1.2. Os portugueses?

10.2. Como reagiram os ingleses ao Mapa Cor-De-Rosa?

11. Ordena, do mais antigo para o mais recente, os acontecimentos que se seguem:

- ☐ Implantação da República
- ☐ Regicídio
- ☐ Revolta de 31 de janeiro, no Porto
- ☐ Subida ao trono de D. Manuel II

Anexos

Anexo 1- Horário da turma

Ano letivo: 2018 - 2019

Tempos	Segunda	Sala	Terça	Sala	Quarta	Sala	Quinta	Sala	Sexta	Sala
08:10 - 08:55			EDF	GIN	HGP	12	CD	13	EDM	EM2
08:55 - 09:40	HGP	01					OC	EM2		
10:00 - 10:45	PORT	07	EDV	EV3	PORT	13	MAT	01	PORT	19
10:45 - 11:30					TIC	EV1	Ofic.M@t.	01		
11:40 - 12:25	MAT	EV3	CNT	EM2	MAT	15			EDF	GIN
12:25 - 13:10									CNT	CN3
13:20 - 14:05							CEA	ET2		
14:05 - 14:50										
15:00 - 15:45	ING	02			Ofic.Leitur	03	ETL	EV3		
15:45 - 16:30					ING	03				
16:45 - 17:30	EMR	02								
17:30 - 18:15										

Entrada em vigor: 02/04/2019

Data de Validade: 31 de Agosto de 2019

D3

Portugal na segunda metade do século XIX

Na primeira metade do século XIX, Portugal estava pouco desenvolvido. Vamos saber como o país se modernizou, começando pela agricultura.

séc. XIX
1802 1822 1864
Seleção de todos os morgadios em Portugal
Independência do Brasil
Revolução de 1864

O que provocou a crise em Portugal na primeira metade do século XIX?

Na primeira metade do século XIX, Portugal estava empobrecido: as invasões francesas (1807-1811) e a guerra civil (1832-1834) provocaram muitas mortes, grande destruição e elevadas despesas. A agricultura e a indústria continuavam pouco desenvolvidas e o comércio estava muito enfraquecido, depois da independência do Brasil (1822). Para fazer face a vários problemas, Portugal teve de pedir vários empréstimos a outros países.

A partir de meados do século XIX, Portugal viveu em paz e estabilidade política. Iniciou-se, então, um período de modernização do país, conhecido como "Regeneração", para o que foi necessário pedir mais empréstimos.

Que problemas existiam na agricultura?

A maioria dos portugueses trabalhava na agricultura. No Norte, praticava-se uma agricultura de subsistência, que servia para garantir a sobrevivência do agricultor e da sua família e que era realizada em propriedades de pequena extensão (minifúndios). No Sul, predominavam as propriedades de grande extensão (latifúndios), normalmente pertencentes à alta nobreza e ao clero. A agricultura estava numa situação muito difícil: a população era maioritariamente analfabeta; a área cultivada era muito reduzida; existiam poucas estradas e poucos meios de transporte; as técnicas e os instrumentos utilizados eram muito simples e antiquados.

Como se modernizou a agricultura?

Os governos liberais tomaram várias medidas para modernizar a agricultura, tendo em vista o aumento da produção:

- retrairam propriedades à nobreza e ao clero, vendendo-as a novos proprietários, principalmente burgueses;
- entregaram terrenos baldios aos camponeses, que os desbravaram e os cultivaram;
- acabaram com a lei do morgadio, pelo que todos os filhos passaram a ser herdeiros. Desta forma, aumentava o número de proprietários;
- introduziram-se as primeiras máquinas agrícolas, a alternância de culturas, os adubos químicos e as sementes selecionadas.

Crise na primeira metade do século XIX.

Invasões francesas e guerra civil + Grande destruição, muitas mortes e gastos de dinheiro + Independência do Brasil = Crise da agricultura, da indústria e do comércio

1. O que provocou a crise da agricultura, da indústria e do comércio?

A ceifa manual.

2. Explica por que razão eram necessários muitos trabalhadores na ceifa.

Modernização da agricultura, século XIX.

3. Refere, com base nos documentos B e C, algumas transformações que se tenham verificado na agricultura.

Doc. 1 | Agricultura na primeira metade do século XIX. Doc. 2 | Agricultura na segunda metade do século XIX.

4. Em qual das imagens observas um baldio?

5. Nas duas imagens, pode observar-se a ceifa do trigo. Qual é a principal diferença entre elas?

6. O que começou a ser utilizado para fertilizar as terras?

7. Em qual dos períodos a produção seria maior e mais diversificada? Justifica a tua resposta.

Faço o meu trabalho

Completa os quadros com as seguintes palavras ou expressões.

morgadio	burgueses	nobreza	culturas	selecionadas
produção agrícola	máquinas	baldios	clero	químicos

As guerras e a independência do Brasil deixaram Portugal destruído e empobrecido.

Medidas para aumentar o número de proprietários agrícolas	Medidas para fazer a terra produzir mais
Retiraram-se terras à nobreza e ao clero que foram vendidas a burgueses ricos; fim da lei do morgadio; todos os filhos passaram a ser herdeiros, logo proprietários; fim dos baldios; alguns camponeses passaram a ser proprietários.	Utilização de máquinas agrícolas; alternância de culturas; adubos químicos; sementes selecionadas.

A produção agrícola aumentou.

Faço mais

Imagina que eras um agricultor na segunda metade do século XIX. Elabora um texto em que menciones os produtos que cultivarias e as técnicas ou instrumentos que utilizarias.

PROFESSOR

- As invasões francesas e a guerra civil que causaram grande destruição, muitas mortes e gastos de dinheiro. A independência do Brasil também contribuiu para esta crise.
- Porque a ceifa era manual.
- No doc. 2 observamos uma máquina a ceifar e menos trabalhadores.
- No doc. 1.
- No doc. 1, os camponeses ceifavam o trigo com instrumentos simples e, no doc. 2, é usada uma ceifeira.
- O adubo.
- Na segunda metade do século XIX, porque podemos observar a ceifeira, o adubo e o cultivo de mais culturas, como a batata e a vinha.

CD - 1.1 e 1.2

WALL GATE

PowerPoint D3
Aula interativa nº 14

Qual é o objetivo?

Alternância de culturas
Técnica agrícola que consiste em alternar espécies vegetais na mesma área de cultivo, a cada novo plantio.

Baldio
Terreno não cultivado que pertence à comunidade. Todos podiam levar lá o gado a pastar e podiam também apanhar lenha.

Regeneração
Período da Monarquia Liberal entre 1834 até 1868. Houve uma grande preocupação com a modernização do país.

Quadro de Atividades
Realiza a atividade 14 (página 76).

D3

Portugal na segunda metade do século XIX

Na segunda metade do século XIX, Portugal modernizou a indústria.

Vamos saber como tudo aconteceu.



O que era a produção artesanal?

Ao longo dos tempos, os produtos foram feitos de uma forma artesanal. Os artesãos trabalhavam nas suas oficinas, realizando todas as tarefas com ferramentas simples. Utilizavam principalmente a força humana, embora também pudessem usar a força do vento, da água e de animais.

No século XVIII, em Portugal, já se utilizavam máquinas movidas por diferentes fontes de energia. Os espaços de produção eram maiores e tinham mais trabalhadores do que as oficinas dos artesãos. Por isso, produzia-se mais e com uma qualidade superior. Era a indústria manufatureira.

Como se transformou a indústria?

A grande mudança na indústria surgiu em Inglaterra, no século XVIII, com a invenção da máquina a vapor. Esta utilizava uma nova fonte de energia: o carvão.

Foram então criadas as primeiras fábricas, onde trabalhavam operários. Os operários e as máquinas trabalhavam num ritmo acelerado, produzindo peças todas iguais e em grandes quantidades. Em consequência deste aumento da produção, os preços dos produtos baixaram.

Em Portugal, foi na segunda metade do século XIX que se intensificou o uso da máquina a vapor. Na região norte (áreas do Porto, de Braga e de Guimarães), por exemplo, produziam-se tecidos e vestuário, enquanto na região sul (áreas de Setúbal, do Seixal e de Lisboa) predominavam as indústrias químicas e metalúrgicas.

No entanto, Portugal continuava a ser um país maioritariamente rural, onde a agricultura e a criação de gado ocupavam grande parte da população. Muitos produtos continuavam a ser comprados ao estrangeiro.

Que transformações sofreu a paisagem urbana do país?

Devido à localização das principais indústrias no litoral, os portos foram melhorados. Estes eram bastante importantes para o transporte marítimo de matérias-primas e mercadorias. A paisagem das grandes cidades alterou-se, com o surgimento de fábricas com chaminés muito altas. O fumo e o ruído das máquinas causavam poluição atmosférica e sonora, o que prejudicava a saúde das populações das cidades.

Doc. A Produção artesanal de sapatos.



1. Os artesãos utilizavam instrumentos simples ou máquinas?

Doc. B Fábrica de fioção, no século XIX, em Santo Tirso.



2. Compara os documentos A e B. Depois indica onde:
a) se utilizam máquinas.
b) trabalham mais pessoas.
c) se produzem menos.

Doc. C Alterações na paisagem urbana no século XIX.



3. Como é que a modernização do país transformou a paisagem?
4. A industrialização aumentou a poluição? Justifica a tua resposta.



- Onde se localizava a maior parte das indústrias: no litoral ou no interior?
- Quais eram as cidades mais industrializadas no interior do país? E no litoral?
- Quais eram os principais produtos fabricados no norte de Portugal?

Legenda:
Zonas industriais
Cidade com indústrias
Têxteis e vestuário
Química e metalúrgica
Cuteleira

Doc. 1 | Principais indústrias em Portugal continental, na segunda metade do século XIX.

Faz o sistema da aula

Completa os quadros com as seguintes palavras ou expressões.

fábrica oficina artesão operário energia humana, da água ou do vento
máquinas ferramentas simples produtos: muitos, iguais e de baixo custo
fonte de energia: o carvão produtos: poucos, diferentes e de custo elevado

Produção artesanal	Produção mecanizada
oficina artesão	fábrica operário
energia humana, da água ou do vento	fonte de energia: o carvão
ferramentas simples	máquinas
produtos: poucos, diferentes e de custo elevado	produtos: muitos, iguais e de baixo custo

Distribuição das indústrias

As principais indústrias localizavam-se nas regiões do Porto, de Braga e de Guimarães, no norte de Portugal; e de Lisboa, do Seixal e de Setúbal, no sul do país. A poluição das fábricas prejudicava as pessoas que viviam nas cidades.

Faz mais

Indica uma vantagem e uma desvantagem da produção industrial. Justifica.

PROFESSOR

- Utilizavam instrumentos simples.
- a) Doc. B; b) Doc. B; c) Doc. A.
- De acordo com o doc. C, construíam-se linhas férreas e fábricas com chaminés muito altas.
- Sim, o fumo das fábricas e dos comboios causava poluição atmosférica.
- No litoral.
- No interior: Covilhã, Castelo Branco e Portalegre. No litoral: Lisboa, Seixal, Setúbal, Porto, Braga e Guimarães.
- Têxteis e vestuário.

Obj. 3 - 1.3

Ativ. 5

- PowerPoint® D3
- Aula interativa n.º 15
- Vídeo "A máquina a vapor"
- Caderno de filmes "Tempos Modernos"
- Atividade "Puzzle 5"

Qual é o significado?

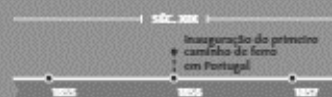
Indústria mecanizada
Atividades produtivas que transformam matérias-primas, utilizando máquinas.

Matérias-primas
Produtos naturais, como por exemplo, a lã, o leite, o couro ou o ferro.

Produção artesanal
Transformação das matérias-primas em produtos, feita por artesãos, em pequenas oficinas, com a ajuda de instrumentos simples.

Caderno de Atividades
Realiza a atividade 15 (página 27).

Vamos aprender como
Portugal desenvolveu
as vias de comunicação,
os transportes e os meios
de comunicação.



Como se melhoraram os transportes rodoviários?

Durante séculos, a falta de uma rede de transportes e de comunicação dificultou o desenvolvimento económico do país. Durante a Regeneração, construíram-se novas vias de comunicação, melhoraram-se as já existentes e introduziram-se novos meios de transporte.

Em 1849, iniciou-se a construção de uma rede de estradas asfaltadas, que progressivamente foram chegando a diversas regiões do país. Nelas circulavam, por exemplo, a mala-posta, que transportava pessoas e correio, e, no final do século, o automóvel.

O que se passou nos outros meios de transporte e nas comunicações?

O comboio foi uma das grandes novidades do século XIX. O primeiro troço de caminho de ferro foi inaugurado em 1856, entre Lisboa e o Carregado. Os veleiros foram sendo substituídos por barcos a vapor. Os portos foram melhorados e construíram-se muitos faróis ao longo da costa portuguesa, bem como várias pontes e viadutos.

Nos correios surgem os primeiros selos, os bilhetes-postais, os marcos do correio e os carteiros. O número de jornais e de revistas (imprensa escrita) aumentou e a primeira companhia de telefones surgiu em 1882, em Lisboa. O telégrafo era já muito utilizado.

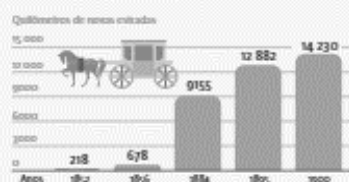
Foi o governo de Portugal o responsável pela modernização do país, graças ao ministro Fontes Pereira de Melo.

Quais foram os benefícios e os custos das obras realizadas?

Todas estas melhorias facilitaram a circulação de produtos e de pessoas, a troca de ideias e de informações. O transporte de mercadorias passou a fazer-se mais rapidamente, em maiores quantidades e com menos custos, beneficiando a agricultura, a indústria e o comércio.

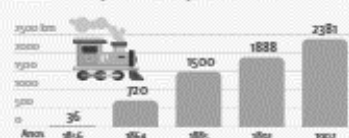
Para realizar obras, o Estado recorreu a vários empréstimos no estrangeiro, que eram pagos através do aumento de impostos e de novos empréstimos. No entanto, entre 1890 e 1892, uma grave crise financeira atingiu a Europa, com reflexos em Portugal: sem acesso a dinheiro estrangeiro, logo sem conseguir pagar as dívidas contraídas, o país passou por muitas dificuldades.

Doc.1 Estradas construídas pelos governos liberais até 1900.



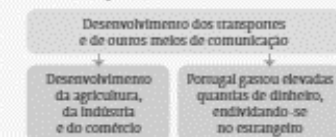
- Com base no doc. 1, qual a via de comunicação que se desenvolveu na segunda metade do século XIX?
- Como beneficiaram as pessoas com a melhoria das estradas?

Doc.2 Evolução da construção das linhas férreas.



- O que aconteceu às linhas férreas?
- Que energia fazia mover estes comboios?

Doc.3 As grandes obras públicas e as suas consequências.



- Refere, com base no documento 3:
 - uma consequência positiva do desenvolvimento dos transportes.
 - uma consequência negativa desse desenvolvimento.



Doc.1 | Transportes e comunicações na primeira metade do século XIX.



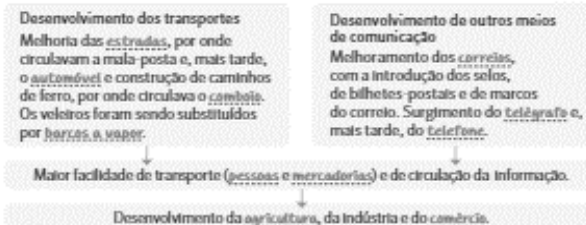
Doc.2 | Transportes e comunicações na segunda metade do século XIX.

- Observa atentamente os documentos 1 e 2.
 - Identifica os meios de transporte e de comunicação que observas no documento 2.
 - Que vias de comunicação foram construídas ou melhoradas?
 - Quais eram os meios de transporte movidos a vapor?
 - Qual era a importância do serviço da mala-posta que podes observar no documento 2?
 - Justifica a afirmação: "Os transportes e os meios de comunicação aproximaram as localidades".

Faz o sistema de sala

Completa o esquema com as seguintes palavras ou expressões.

barcos a vapor telégrafo agricultura automóvel pessoas
correios estradas comércio comboio telefone mercadorias



Faz mais

Forma pares de palavras, atendendo à relação entre elas: barco a vapor / selo / estrada / imprensa / linha férrea / telégrafo / locomotiva / jornal / mala-posta / correio / farol / telegrama.

PROFESSOR

- As estradas.
- Podem deslocar-se com mais facilidade e com maior rapidez.
- As linhas férreas aumentaram.
- Estes comboios eram movidos com energia a vapor.
- a) O desenvolvimento da agricultura, da indústria e do comércio; b) Portugal gastou muito dinheiro e ficou com muitas dívidas ao estrangeiro.
1. A mala-posta, os correios, os jornais e os barcos.
2. A estrada e a linha férrea.
3. O comboio e o barco.
4. A mala-posta servia para transportar o correio e as pessoas.
5. As melhorias nos transportes e nos meios de comunicação facilitaram a circulação de pessoas, a troca de ideias e de informações, por isso aproximaram as localidades.

03 - 2.1 a 2.5

20 ALIAS TOTAL

- PowerPoint® 03
- Aula interativa n.º 16
- Animação "A Regeneração: transportes e comunicações"

D3

Portugal na segunda metade do século XIX

Na segunda metade do século XIX, ocorreram grandes mudanças no ensino e na justiça, surgiu uma nova arquitetura e apareceram escritores famosos.



O que mudou no ensino e na justiça?

Na primeira metade do século XIX, cerca de 90% da população portuguesa era analfabeta, ou seja, não sabia ler nem escrever. Assim, os governos liberais mandaram construir mais escolas primárias, onde se aprendia a ler, a escrever e a contar.

Criaram-se ainda liceus, onde os alunos frequentavam o ensino secundário, e escolas agrícolas, industriais e comerciais, para ter as pessoas bem preparadas para a agricultura, a indústria e o comércio. Apesar destas medidas, a maioria da população continuou analfabeta.

De acordo com as ideias liberais, verificou-se uma maior humanização da justiça: a pena de morte, que ainda hoje existe em vários países, foi abolida em Portugal em 1852, para os crimes políticos e, em 1869, para os crimes civis (neste caso, o nosso país foi pioneiro). Foram ainda proibidas as penas corporais. Em 1869, a escravidão foi abolida em todos os territórios portugueses.

O que foi a "arquitetura do ferro"?

Em algumas das construções realizadas na segunda metade do século XIX, passou a utilizar-se o ferro, o vidro e o azulejo, o que permitiu o desenvolvimento da chamada "arquitetura do ferro". Surgiram, então, grandes espaços cobertos: estações de comboio, como a do Rossio em Lisboa, pavilhões de exposições, como o Palácio de Cristal no Porto (entretanto demolido). Foram também construídas pontes em ferro para fazer as ligações entre caminhos de ferro, destacando-se as pontes Maria Pia e Luís I sobre o rio Douro, que ligam o Porto a Vila Nova de Gaia.

A arquitetura deste período foi também influenciada pelos estilos dos antigos Gregos e Romanos, bem como pelo Manuelino, do tempo dos Descobrimentos. Entre outros exemplos, salientam-se o Palácio da Pena, em Sintra, e o teatro D. Maria II, em Lisboa.

Quais os escritores portugueses e as obras que se destacaram no século XIX?

Na literatura portuguesa do século XIX, destacaram-se vários autores: Alexandre Herculano (*Eurico*, o *Presbítero*), Almeida Garrett (*Viagens na Minha Terra*), Antero de Quental (*Odes Modernas*), Camilo Castelo Branco (*Amor de Perdição*), Eça de Queirós (*Os Maias*), entre outros.

O analfabetismo em Portugal (1864-1900).

Ano	Homens analfabetos	Mulheres analfabetas	Total de analfabetos
1864	—	—	88,3%
1878	75%	89,3%	82,4%
1890	72,5%	85,4%	79,2%
1900	71,6%	84,9%	78,6%

- O que aconteceu ao analfabetismo entre 1864 e 1900?
- A percentagem de analfabetos era maior entre os homens ou entre as mulheres?

Ponte Maria Pia, no Porto.



- Que material terá sido utilizado na construção desta ponte?

Grandes escritores portugueses.



Almeida Garrett (1799-1854)
Escreveu, entre outros, o romance *Viagens na Minha Terra*.



Eça de Queirós (1845-1900)
Escreveu, entre outros, o romance *Os Maias*.

- Refere, em relação às personalidades que observas no documento C, a atividade em que se destacaram e o século em que produziram as suas obras.

Doc.1 | Exterior e Interior da Estação de Santa Apolónia, em Lisboa.



- Com base no documento 1:

- Identifica duas características do edifício representado.
- Indica o nome que se dá à arquitetura representada no documento.

Realiza a atividade 7 da página 176.

Segue o sistema de aula

Completa os quadros com as seguintes palavras ou expressões.

agrícolas escolas primárias crimes civis liceus industriais
secundário pena de morte Eça de Queirós universidade
Almeida Garrett escravatura comerciais Camilo Castelo Branco

Medidas dos governos liberais na segunda metade do século XIX

Na educação	Na justiça
Construção de: - escolas primárias (instituições públicas onde o ensino era gratuito). - liceus, onde os alunos frequentavam o ensino secundário e se preparavam para a universidade. - escolas agrícolas, industriais e comerciais, para preparar pessoas que pudessem trabalhar na agricultura, na indústria e no comércio.	1852 - Abolição da pena de morte para crimes políticos. 1867 - Abolição da pena de morte para crimes civis. 1869 - Proibição da escravidão em todos os territórios portugueses.
Na arte	
Utilizaram-se o ferro e o vidro na construção, o que deu origem à "arquitetura do ferro". Surgiram escritores muito importantes, como Almeida Garrett, autor de <i>Viagens na Minha Terra</i>; Camilo Castelo Branco, autor de <i>Amor de Perdição</i>, e Eça de Queirós, autor de <i>Os Maias</i>.	

Segue mais

Com a autorização do/da teu/ta professor(a), dirige-te à biblioteca da tua escola e tenta saber se nela existem obras literárias dos autores referidos nestas páginas. Regista os títulos dos livros que encontraste.

PROFESSOR

- O analfabetismo diminuiu ligeiramente.
- A percentagem de analfabetos era maior entre os homens.
- O ferro.
- As personalidades se destacaram na literatura. As suas obras foram produzidas no século XIX.
- É um grande espaço coberto e foram utilizados o vidro e o ferro na sua construção.
- A arquitetura do ferro.

03 - 3.1 a 3.2
6.1 a 6.4

ATIVIDADES

- PowerPoint 03
- Aula interativa n.º 17
- Vídeo "A arquitetura do ferro"

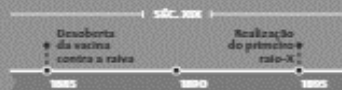
Qual é a importância?

Analfabeto
Pessoa que não sabe ler nem escrever.

Escola primária
Escola onde se aprendia a ler, a escrever e a contar. Atualmente são escolas do 1.º Ciclo.

Carteira de Atividades

Realiza a atividade 17 (página 176).



A O que permitiu o crescimento da população?

Como sabes, durante a segunda metade do século XIX, houve progressos na agricultura e algum desenvolvimento da indústria. A população passou a alimentar-se melhor e havia mais oferta de trabalho. Por outro lado, durante a segunda metade do século XIX não houve guerras em Portugal e verificaram-se avanços na medicina e na higiene. Tudo isto contribuiu para que morressem menos pessoas. Assim, a população cresceu. Entre 1864 e 1900, o crescimento populacional foi superior a um milhão de pessoas.

B Como se distribuía a população?

O aumento da população não foi igual em todo o país. A maior parte das pessoas vivia nas grandes cidades, como Lisboa, Porto e Braga, ou nos seus arredores. No litoral havia terrenos férteis, boas vias de comunicação, transportes e indústrias em crescimento, o que atraía muita gente.

Com o aumento da população e com a mecanização da agricultura, muitos camponeses ficaram sem emprego outros recebiam salários miseráveis. Desejosos de melhorar as suas condições de vida, muitos partiram para as grandes cidades à procura de trabalho nas fábricas, na construção e nos serviços. Este movimento de pessoas designa-se **êxodo rural**.

C Para onde foram os emigrantes?

Ao mesmo tempo que acontecia este êxodo rural, vários portugueses emigraram, especialmente para o Brasil – com o fim da escravatura, a antiga colónia portuguesa precisava de muitos trabalhadores. Outros portugueses preferiram partir para as terras portuguesas em África, embora em menor número.

Alguns portugueses enriqueceram no Brasil, acabando por regressar a Portugal. Eram os “brasileiros”. Vestiam-se luxuosamente, exibindo sinais de riqueza. Nas suas terras de origem, construíam grandes casas, apolaram as instituições locais e tornaram-se pessoas influentes. No entanto, outros emigrantes continuaram pobres e nunca mais voltaram a Portugal.

Doc. A Evolução da população na segunda metade do século XIX (dados dos Recenseamentos Gerais da População).

Ano	Continente	Ilhas	Total do reino
1864	3 829 618	358 792	4 188 410
1890	4 660 095	389 634	5 049 729
1900	5 016 267	406 865	5 423 132

1. Como evoluiu a população entre 1864 e 1900?

Doc. B Distribuição da população portuguesa em 1864.



2. Onde se localizava grande parte da população: no litoral ou no interior?

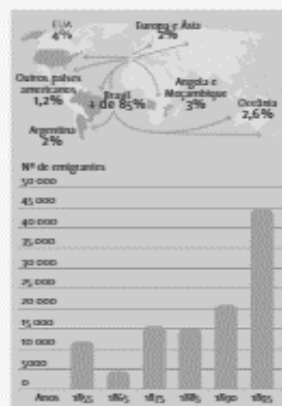
3. Quais eram as duas cidades com mais habitantes?

Doc. C O “Brasileiro”.

Importante era o Sr. Eusébio Seabra, chamado o “Brasileiro” (...). Saíra criança da aldeia para tentar a fortuna no Brasil. Por lá esteve 40 anos e voltou rico. Veio edificar uma casa no sítio em que nascera (...) grande, com três andares e varandas, jardim com estatuas de louça (...).

Júlio Diniz, *A Morgadinho dos Cavaleiros* (adaptado).

4. Por que razão chamavam “Brasileiro” ao senhor Eusébio?



Doc. 1 Os movimentos da população portuguesa no século XIX.

5. Observa e lê com atenção o documento 1.

- 5.1. O que levou muitos portugueses a sair dos campos para as cidades?
- 5.2. Qual foi o principal destino dos emigrantes portugueses?
- 5.3. Em qual dos textos (A, B ou C) se fala sobre:
 - a) a saída das pessoas dos campos para as cidades?
 - b) os emigrantes portugueses no Brasil?
 - c) as condições que permitiram o aumento da população?

Faz o sintoma da aula

Completa o texto com as seguintes palavras ou expressões.

medicina paz população litoral agricultura higiene
máquinas indústria Brasil emigração êxodo rural

O desenvolvimento da agricultura permitiu que as pessoas tivessem mais alimentos; na indústria passou a haver mais empregos. Por outro lado, no período da Regeneração houve paz em Portugal, e verificaram-se progressos na medicina e na higiene. Assim, morreram menos pessoas, logo a população cresceu, especialmente no litoral.

O crescimento da população e a redução de empregos na agricultura, devido ao uso de máquinas, provocaram o êxodo rural, sobretudo para Lisboa e para o Porto, e a emigração, nomeadamente para o Brasil.

Esquema

Elabora quatro perguntas que gostasses de fazer a um emigrante na atualidade.

PROFESSOR:

1. A população aumentou.
2. No litoral.
3. Lisboa e Porto.
4. Porque havia muitas terras nos campos e não havia trabalho lá.
- 5.1. A falta de trabalho e de terras disponíveis devido ao aumento da população.
- 5.2. O Brasil.
- 5.3. a) Texto B.
b) Texto C.
c) Texto A.

03 – 4.1 a 4.3.

04 – 0.6 a 1.0.

- PowerPoint 03
- Aula interativa n.º 18
- Escrito da música “Odo Chocadeira”
- Atividade “Puzzle 0”

Atividade

Qual é o significado?
Êxodo rural: saída das populações do campo para a cidade.

Conteúdo de Atividades
Realiza a atividade 18 (página 75).

D3

Portugal na segunda metade do século XIX

Vamos saber o que mudou na sociedade do século XIX e como era a vida quotidiana no campo.



A O que mudou na sociedade?

Apesar dos progressos que já estudaste, a economia portuguesa continuou muito dependente da agricultura, e a sociedade manteve-se essencialmente rural, pois era nos campos que trabalhava grande parte da população. No entanto, foi com a Monarquia Liberal que aconteceram importantes mudanças na sociedade portuguesa, quando comparada com a sociedade do século XVIII.

Após a Revolução Liberal de 1820, o clero e a nobreza foram perdendo privilégios, e a burguesia passou a desempenhar cargos importantes no governo. Muitos burgueses enriqueceram, principalmente os donos de fábricas, de bancos e de terras. No entanto, a maior parte da população, continuava a passar por dificuldades.

D Como era a vida dos camponeses?

Na sua maioria, os camponeses trabalhavam em terras de grandes proprietários da nobreza e da burguesia. O seu dia a dia era bastante duro, trabalhando de "sol a sol", na ceifa, por exemplo, e recebendo muito pouco em troca.

As casas dos camponeses variavam de região para região, em função do clima e dos materiais existentes. Eram, geralmente, habitações muito pobres, pequenas e com poucos móveis. A iluminação fazia-se com lamparinas de azeite e com velas de cera. O vestuário, feito de algodão, de linho ou de lã, era simples, variando também de região para região. Normalmente, os camponeses não tinham calçado.

C O que comiam e como se divertiam?

A alimentação dos camponeses era pobre e pouco variada. Baseava-se no pão, de trigo ou de milho, e na sopa, incluindo também algum bacalhau, sardinhas salgadas e azeitonas. Só se comia carne em dias de festa. Também bebiam vinho regularmente.

Os divertimentos estavam ligados aos trabalhos agrícolas e às festas religiosas. Os camponeses conviviam nas desfolhadas, nas ceifas ou nas vindimas, em que dançavam e cantavam ao desafio. As procissões, as missas, os casamentos, os batizados e as romarias eram outros momentos de distração. Os dias de mercado ou de feira, os jogos tradicionais (malha, fôto), as corridas de touros e os bailes eram importantes momentos de convívio e de diversão.

Doc.A A sociedade liberal no século XIX.

Clero e nobreza	Perderam terras e privilégios.
Burguesia	Tornou-se o grupo social mais importante. Passou a desempenhar cargos importantes no governo do reino.
Povo	Vivia com muitas dificuldades.

1. Que grupo social se destacou na sociedade do século XIX?
2. Que grupo social passava por dificuldades?
3. Que grupos sociais perderam bens e privilégios?

Doc.B Ceifeiras, pintura de Silva Porto, 1893.



4. Que atividade está representada no documento?

Doc.C A alimentação e as distrações dos camponeses.

Na mesa de pinho, recoberta com uma toalha de mãos (...) Os copos, de vidro grosso e baço, conservavam o tom roxo do vinho (...). A malga de barro com azeitonas (...). Na lata de breca estava cravado um facão...

Rita de Queiroz, *Cenar, após* (adaptado).

(...) As festas do ano nos seus dias cegos, as feiras e os mercados, os bailes se algum casa-va; (...) e aos domingos à tarde (...) replicavam os sinos a algum batizado.

Tristão Cordeiro, *Os Meus Amores, após* (adaptado).

5. Que produtos alimentares são referidos nos textos?
6. Onde se divertiam os camponeses?



Doc.1 | Casa de família do povo, século XIX.



Doc.2 | Casa de família burguesa, século XIX.

7. Observa os documentos 1 e 2.

7.1. Atribui as seguintes legendas aos documentos 1 e 2.

- a) Casa de família burguesa, século XIX.
- b) Casa de família do povo, século XIX.

7.2. Indica três razões que justifiquem a tua escolha.

7.3. Qual dos textos (A, B ou C) poderia ser ilustrado pelos dois documentos?

Faça o teste da sala

Completa o texto com as seguintes palavras ou expressões.

burguesia bailes povo clero burgueses
feiras governo nobreza camponeses privilégios

A Revolução Liberal de 1820 provocou várias alterações na sociedade. O clero e a nobreza perderam terras e privilégios. A burguesia tornou-se o grupo social mais importante, passando a ocupar cargos influentes no governo do reino.

Muitos burgueses enriqueceram, pois eram donos de fábricas, de terras e de bancos. O povo dos campos e das cidades continuou a viver com muitas dificuldades. Os camponeses viviam em casas muito pobres e alimentavam-se mal. Divertiam-se em festas religiosas, em feiras, em bailes e em desfolhadas.

+ Faça mais

Na lista que se segue, assinala o que não fazia parte do dia a dia do povo.

agricultura / carne de vaca / criação de gado / festas religiosas / indústria / jogos tradicionais / legumes / luxo / sopa

PROFESSOR

1. A burguesia.
2. O povo.
3. A nobreza e o clero.
4. A ceifa.
5. Vinho, azeitonas e breca.
6. Nas feiras, mercados, bailes, casamentos e batizados.
- 7.2. O vestuário, a decoração e a falta de aquecimento pelo chefe de família.
- 7.3. O texto A.

Doc.1 - S.1 e S.2

20 J. L. O. G. TAL

- PowerPoint® D3
- Aula interativa nº 19
- Animação "A vida quotidiana na segunda metade do século XIX"
- Escrito da música A Sereia

A.3. Qual é o significado?

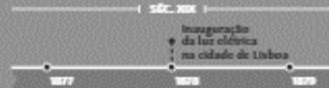
Ceifa
Corte e colheita de cereais.

Desfolhada
Retirada da espiga do milho.

Vindimas
Colheita de uvas.

Centros de Atividades
Realiza a atividade 19 (página 26).

Vamos perceber como se modernizaram as cidades e como viviam os seus habitantes.



A Como se modernizaram as cidades?

Na segunda metade do século XIX, as grandes cidades portuguesas, como Lisboa e Porto, modernizaram-se. Surgiram os transportes públicos coletivos, puxados por animais, como o "chova" e o "americano". Mais tarde, apareceram os primeiros carros elétricos. Começou a haver água canalizada e recolha de lixo. As ruas passaram a ser iluminadas com candeeiros a gás e, mais tarde (1878), em Lisboa, a eletricidade. Muitas ruas foram pavimentadas, construíram-se passeios, avenidas, praças e jardins públicos.

As condições de higiene, a saúde pública, a segurança e a mobilidade da população são preocupações que continuam a existir na atualidade.

B Como vivia a burguesia das cidades?

Como aprendeste, a burguesia tornou-se muito influente. Por esta altura, a alta burguesia incluía banqueiros, donos de fábricas, ricos comerciantes e médicos. Viviam em andares ou em residências luxuosas, decoradas à imagem dos palacetes da nobreza. No vestuário, as senhoras usavam saias compridas, luvas, chapéu, sombrinha e laquê. Os homens não dispensavam o fato, o colar, o chapéu de cano alto, a gravata e a bengala. A alimentação dos burgueses era variada. Tinham muitos divertimentos: convivia em restaurantes, em cafés e em clubes; iam ao teatro e à ópera; assistiam a fogos de artifício; passavam nos jardins públicos; praticavam desporto; organizavam festas.

C Como vivia o povo nas cidades?

Na sua maioria, os habitantes das cidades pertenciam ao povo. Eram empregados de balcão, criados, vendedores ambulantes, trabalhadores da construção e operários. Estes últimos eram homens, mulheres e crianças que trabalhavam em fábricas e que se foram afirmando progressivamente como um novo grupo social – o proletariado.

As suas condições de vida e de trabalho eram muito difíceis: tinham longos horários de trabalho, sem proteção em caso de acidente, e recebiam baixos salários; vestiam-se de forma muito simples; comiam pão, sardinhas e legumes (raramente comiam carne); viviam em bairros pobres, sem água canalizada, sem esgotos e sem segurança.

Para lutar por melhores condições, organizaram-se em associações de operários e fizeram as primeiras greves.

Doc. A Avenida 24 de Julho, Lisboa (início do século XX).



1. Riscas as palavras erradas no texto seguinte.

Na imagem observam-se carros elétricos que transportam mercaderias/pessoas, um automóvel/camião, uma carroça/mula e candeeiros elétricos/leste. O passeio e a rua são calçadas/lê terra.

Doc. B A burguesia das cidades (século XIX).

As paredes de mármore fingido, a escultura de gesso, a seda de papel que forrava as salas, os tapetes pesados fingidos. A casa do burguês recordava as antigas casas dos nobres.

João Hermoso Sáiz, *Albino Cansado de Portugal*, 1907 (adaptado).

2. Como eram as casas dos burgueses? Quem procuravam imitar?

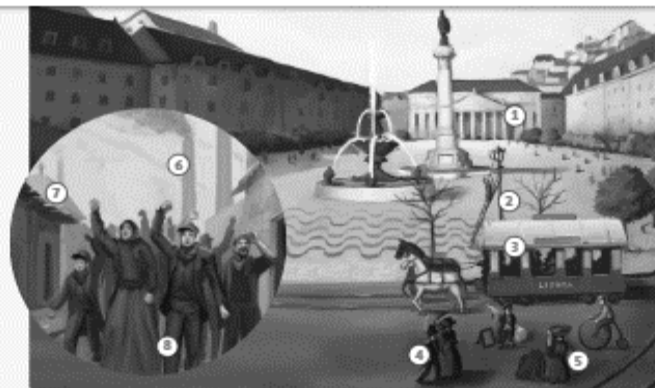
Doc. C O trabalho das crianças nas fábricas.

De Inverno, ao romper da manhã, já os pequenitos esperavam, às escuros, debaixo de chuva, ou enregelados pelo frio, que se lhes abrissem o portão da fábrica. (...) E de 6 e 7 anos de idade! Era uma fábrica de estamparia e tinturaria. Ganhavam os pequenitos 70 réis e davam tinta aos estampadores. (...) À hora das refeições nunca vi nenhum deles tomar um caldo. Pão e uma sardinha frita era o inevitável menu (...).

Silva Pinto, *Notas de Vigília*, 1896 (adaptado).

3. O que faziam as crianças na fábrica?

4. Parece-te que eram bem tratadas? Justifica com duas expressões do documento.



Doc. 1 A vida nas grandes cidades, na segunda metade do século XIX (reconstituição).

5. Depois de observares atentamente o documento 1, identifica com os números da imagem:

- | | |
|--|---|
| a) um transporte público puxado por animais. | a) um vendedor ambulante. |
| b) um conjunto de operários. | f) burgueses a passear. |
| c) um candeeiro de iluminação. | g) um espaço onde se realizavam espetáculos de ópera e de teatro. |
| d) uma fábrica. | h) uma zona pobre da cidade. |

Fogo a síntese da aula

Completa o quadro com as seguintes palavras.

clubes	canalizada	médicos	elétrico	operários
ruas	cafés	fábricas	baixos	andares
teatro	comerciantes	criados	banqueiros	lixo

A modernização das cidades

- Transportes públicos: *chova*, *americano* e *elétrico*.
- Água *canalizada* e recolha de *lixo*.
- Ruas *iluminadas*, *pavimentadas* e com passeios.

A vida da burguesia

- Formada por advogados, *banqueiros*, *comerciantes*, donos de *fábricas*, *médicos*, professores.
- Viviam em *andares* ou em residências *luxuosas*.
- Divertiam-se em *cafés*, restaurantes, *clubes*, iam ao *teatro*, à *ópera* e passavam nos jardins públicos.

A vida do povo das cidades

- O povo das cidades trabalhava na construção civil, nas *fábricas* e eram vendedores ambulantes, *criados*.
- Os *operários* trabalhavam muitas horas, recebiam *baixos* salários, alimentavam-se *mal* e viviam em bairros pobres.

+ Foga mais

Imagina que vivias nos finais do século XIX em Lisboa ou no Porto. Escolhe a tua profissão e descreve um dia de trabalho.

PROFESSOR

2. As casas dos burgueses recordavam as casas dos antigos nobres: paredes de mármore fingido, esculturas de gesso, papel de seda a forrar as paredes e tapetes pesados fingidos.
3. Davam toda aos estampadores.
4. Não. "..." esperavam, às escaras, debaixo de chuva, ou enregelados pelo frio, que se lhes abrissem o portão da fábrica. "Pão e uma sardinha frita era o inevitável menu (...)"
5. a) 2; b) 1; c) 2; d) 6; e) 5; f) 4; g) 1; h) 7.

03 – 53 a 55

Atividade 3

- PowerPoint 03
- Aula interativa nº 20
- Animação "A vida quotidiana na segunda metade do século XIX"

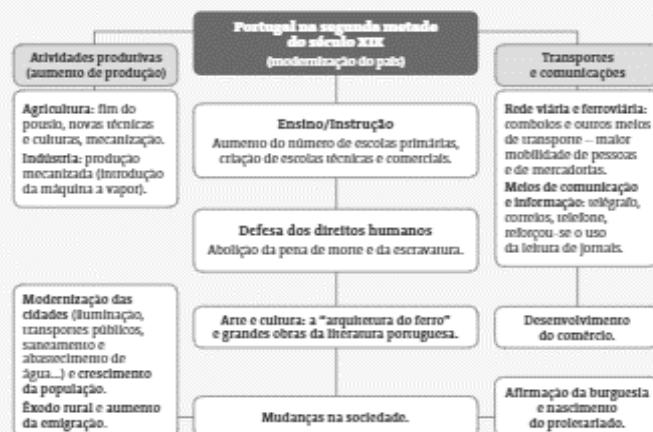
Aula 11 Qual é a dignidade?

Greve
Forma de protesto dos trabalhadores, que param a sua atividade para lutarem por melhores condições de trabalho.

Proletariado
Novo grupo social que surgiu no século XIX. Era composto pelos trabalhadores das fábricas, ou seja, pelos operários.

Cartões de Atividades
Realiza a atividade 20 (página 27).

Interpreto em esquema



Com base na informação do esquema, completa o texto seguinte.

Na segunda metade do século XIX, assistiu-se em Portugal a um conjunto de mudanças que levaram à modernização do país.

No que diz respeito às atividades produtivas, desenvolveu-se a agricultura e a indústria, destacando-se a introdução da máquina a vapor.

Nos transportes, o comboio foi uma das maiores inovações. A rede viária, por onde circulava a mala-posta e, mais tarde, o automóvel, também melhorou com a construção de estradas e pontes. Tudo isto facilitou a mobilidade de pessoas e de mercadorias. Desenvolveram-se ainda outros meios de comunicação: o telégrafo, os correios, o telefone. Reforçou-se o gosto pela leitura de jornais.

Os governos liberais procuraram desenvolver o ensino com o aumento do número de escolas primárias e a criação de escolas técnicas comerciais, industriais e agrícolas. Na defesa dos direitos humanos, destaca-se o fim da pena de morte e da escravatura em todas as terras portuguesas.

Nas cidades, a população aumentou e no campo assistiu-se ao exodo rural, ou seja, muitas pessoas mudaram-se para as cidades e outras emigraram, principalmente para o Brasil.

A burguesia afirmou-se e ganhou prestígio social. Por outro lado, nas cidades, os operários levavam uma vida miserável e uniram-se para defenderem os seus direitos, nascendo um novo grupo social, o proletariado.

Nesta época surgiu a “arquitetura do ferro”. Na literatura, destacaram-se escritores como Eça de Queirós, Almeida Garrett e Camilo Castelo Branco.

Analisar o que aprendi

Deves responder a todas as perguntas no teu caderno diário.

1. Completa cada uma das frases seguintes, assinalando a resposta correta.

1.1. O grande responsável pela modernização da rede de transportes e comunicações na segunda metade do século XIX foi:

- ☒ a) Fontes Pereira de Melo.
☐ b) Mouzinho da Silveira.
☐ c) Joaquim António de Aguiar.
☐ d) José Malhoa.

1.2. A abolição da pena de morte para os crimes civis ocorreu no ano de:

- ☐ a) 1852.
☒ b) 1867.
☐ c) 1868.
☐ d) 1869.

1.3. A primeira linha férrea portuguesa foi inaugurada no ano de:

- ☒ a) 1856.
☐ b) 1860.
☐ c) 1889.
☐ d) 1900.

1.4. O autor do livro *Os Maias* é:

- ☐ a) Camilo Castelo Branco.
☐ b) Almeida Garrett.
☐ c) Júlio Dinis.
☒ d) Eça de Queirós.

2. Define corretamente cada um dos conceitos apresentados na coluna A, com a ajuda dos elementos da coluna B.

Coluna A	Coluna B
A. Direito de Morgadio	1. Novo grupo social que surgiu no século XIX. Era composto pelos operários das fábricas.
B. Regeneração	2. Forma de protesto dos trabalhadores, que param a sua atividade para lutarem por melhores condições de trabalho.
C. Greve	3. Neste período, de 1851 até cerca de 1868, houve uma grande preocupação com a modernização do país.
D. Proletariado	4. O filho mais velho herdava as propriedades dos pais.

PROCESSOS

2. A.4; B.3; C.2; D.1.

20. 44.1.4.116.124

• Jogo “Vamos Historiar” (Domínio II)

Smart

Quiz

- O desenvolvimento da agricultura, da indústria, dos transportes e das comunicações
- O desenvolvimento do ensino e a justiça
- O crescimento da população e a sociedade do século XIX
- A modernização das cidades e a sua vida quotidiana



Deves responder a todas as perguntas no teu caderno diário.
Observa e lê com atenção todos os documentos apresentados.

- 1 Assinala, com um X, as afirmações falsas e corrige-as. Faz as alterações que considerares necessárias.

Na segunda metade do século XIX:

- ☐ A. os governos liberais tomaram várias medidas para modernizar a agricultura.
☒ B. a população portuguesa era instruída.
☒ C. existiam cada vez menos terrenos por cultivar.
☐ D. a produção agrícola aumentou e passou a ser mais variada.
☒ E. não havia boas estradas nem linhas férreas.



Doc. 1 | Fontes Pereira de Melo.



Doc. 2 | Os meios de comunicação.

- 2 Refere a importância da personalidade representada no documento 1.
3 Escreve um pequeno texto com base no documento 2.

Doc. 3 | A situação nas fábricas na primeira metade do século XIX.

É lamentoso o estado em que nos encontramos a respeito de máquinas: fazemos tudo à força de braços e de animais, enquanto, em grande parte da Europa e nos Estados Unidos da América, quase se dispensa a mão do homem nos trabalhos mais pesados. Entre nós ainda se não acha estabelecida uma só máquina a vapor nas nossas fábricas.

João Acha do Rio Novo, *Memoirs sobre as Máquinas a Vapor em Portugal*, 1850 (adaptado).

- 4 A partir do documento 3, indica:

- 4.1. as fontes de energia utilizadas nas fábricas na primeira metade do século XIX.
4.2. o que fazia falta nas fábricas portuguesas.
4.3. a razão para a necessidade de inovação.

- 5 Observa o documento 4 e responde.

- 5.1. Identifica o novo tipo de arquitetura que surgiu nos finais do século XIX.
5.2. Indica os novos materiais utilizados.



Doc. 4 | A construção da ponte Luís I sobre o rio Douro.

- 6 Completa o quadro sobre a vida nas cidades.

	Burguesia	Maioria da população
Como profissionais	Advogados, banqueiros, comerciantes, donos de fábricas, médicos e professores.	Empregados de balcão, criados, vendedores ambulantes, trabalhadores da construção e operários.
Alimentação	Variada.	Pão e legumes (raramente comiam carne ou peixe).
Vestúrio	As senhoras usavam saias compridas, luvas, chapéu, sombrinha e leque; os homens não dispensavam o fato, o colete, o chapéu de cano alto, a gravata e a bengala.	Muito simples e adequado às profissões.

- 6.1. Ordena corretamente as palavras de forma a escreveres uma frase verdadeira.
mas / vivia / muitas / dificuldades. / a maioria / com / A / vivia / burguesa / da população / confortavelmente,

- 7 Nas cidades, as condições de trabalho dos operários eram difíceis. Escreve um pequeno texto em que fales do horário de trabalho, das condições de trabalho, do salário que recebiam os operários, onde viviam e o que faziam para melhorar as suas condições de vida.

PROFESSOR

1. B – A maior parte da população portuguesa era analfabeta.
C – Existiam cada vez menos terrenos por cultivar.
E – Havia boas estradas e linhas férreas.
2. Fontes Pereira de Melo foi o grande responsável pela modernização do país, no século XIX, com a construção de grandes obras públicas, como: estradas, pontes, caminhos de ferro e melhoramento dos portos.
3. Na segunda metade do século XIX, os meios de comunicação desenvolveram-se. Os correios foram melhorados, surgindo as primeiras telas e os marcos do correio. Também surgiu a primeira companhia de telefonia e o telégrafo era ainda muito utilizado.

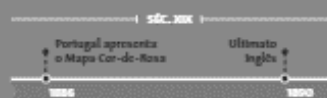
PROFESSOR

4.1. A força humana e a força dos animais.
4.2. A máquina a vapor.
4.3. Para dispor a mão do homem nos trabalhos mais pesados e para produzir-se mais em menos tempo.
5.1. A "arquitetura do ferro".
5.2. A maioria das construções eram de ferro. O vidro também foi utilizado.
6.1. A burguesia vivia confortavelmente, mas a maioria da população vivia com muitas dificuldades.
7. Os homens, as mulheres e as crianças trabalhavam muitas horas e sem segurança ou assistência em caso de acidente. Os salários eram muito baixos, por isso viviam pobremente em bairros sem água canalizada e sem esgotos. Para melhorar as suas condições de vida, organizaram-se em associações de operários e lutaram as primeiras greves.

EXERCÍCIOS

- Texto informativo 03 (professor)
• Texto informativo 03 (aluno)

Nas duas últimas
décadas do século XIX,
Portugal enfrentou
muitas dificuldades.
Vamos saber porquê.



A O que levou à crise da Monarquia?

No final do século XIX, o povo das cidades e dos campos continuava a viver com muitas dificuldades, enquanto muitos burgueses enriqueciam com os seus negócios na indústria, na agricultura e no comércio. Por outro lado, os governos liberais gastaram muito dinheiro na tentativa de modernizar Portugal. Como grande parte desse dinheiro vinha de empréstimos feitos no estrangeiro, a dívida portuguesa era cada vez maior.

Também se verificava uma grande instabilidade política: os governos eram constantemente substituídos, sem conseguirem resolver os problemas do país. Por tudo isto, havia cada vez mais portugueses descontentes com a Monarquia.

B Como foi Portugal prejudicado na Conferência de Berlim?

No final do século XIX, os países europeus mais industrializados, como a Inglaterra, a França e a Alemanha, rivalizaram entre si para ocupar territórios em África. Pretendiam obter riquezas e matérias-primas para as suas indústrias. Portugal já controlava vários territórios e pretendia dominar outros localizados entre Angola e Moçambique. Para isso, organizou várias expedições militares e científicas ao interior do continente africano.

Entre 1884 e 1885, realizou-se a Conferência de Berlim, tendo ficado decidido que os territórios africanos pertenceriam a quem os ocupasse com militares e colonos, não a quem os tivesse descoberto, o que prejudicou Portugal.

C Porque aconteceu o Ultimato Inglês?

Em 1886, Portugal apresentou a alguns países europeus o Mapa Cor-de-Rosa, no qual reivindicava como seus os territórios entre Angola e Moçambique. A Inglaterra recusou as exigências portuguesas, pois desejava controlar uma faixa do interior de África, desde o Cairo, no Egito, até à Cidade do Cabo, no sul do continente.

Em 1890, os ingleses enviaram um "ultimato" a Portugal. Exigiam que os portugueses abandonassem imediatamente os territórios entre Angola e Moçambique ou declarassem guerra a Portugal.

Portugal cedeu ao Ultimato Inglês. Esta cedência provocou grande descontentamento entre os portugueses.

Dec. A Os gastos da Monarquia.

Até hoje, 14 reis da Casa de Bragança têm governado o país... Grandes são os "benefícios" que a Nação lhes deve: uma dívida colossal de oitocentos mil contos, nenhuma indústria, nenhum comércio, uma agricultura atrasadíssima, um povo tuberculoso e analfabeto, esmagado pelos estrangeiros.

Polémica atribuída a Marquês de Sá, um republicano, in João Medina, *Ultimato de Portugal* (conspiração), vol. 1, pp. 23-24 (adaptado).

1. Refere três acusações feitas à Monarquia.

Dec. B Territórios de países europeus em África, por volta de 1880.



2. Que países tinham terras em África?

Dec. C O Ultimato Inglês.

O governo Inglês dirigiu ao governo português um ultimato – fazer evacuar os territórios (entre Angola e Moçambique) no prazo de 24 horas (...) ou seria declarada guerra a Portugal. A colera contra os ingleses desencadeou uma verdadeira tempestade.

Carta Política de João Chagas, 1908-10 (adaptado).

3. Qual foi o país ameaçado?

4. O que exigiam os ingleses?



Dec. 1 Corrida à África.

- Explica por que razão vários países europeus pretendiam ocupar terras no interior de África.
- Indica o país que pretendia:
 - ocupar os territórios entre Angola e Moçambique.
 - unir o Cairo à Cidade do Cabo através da construção de uma linha de caminho de ferro.
- Explica o que levou Portugal a apresentar o Mapa Cor-de-Rosa aos países europeus.

Realiza a atividade 8 da página 176.

Faça a atividade de sala

Completa o texto com as seguintes palavras ou expressões.

burgueses Conferência de Berlim povo
Mapa Cor-de-Rosa ultimato população Portugal

No final do século XIX, o povo das cidades e dos campos continuava a viver com muitas dificuldades, enquanto muitos burgueses enriqueciam com a agricultura, com a indústria e com o comércio. Grande parte da população estava cada vez mais descontente.

Como Portugal se sentiu prejudicado com as decisões tomadas na Conferência de Berlim, em 1886 apresentou o Mapa Cor-de-Rosa. A Inglaterra não concordou com as exigências portuguesas e, em 1890, enviou um ultimato ao governo português. Portugal cedeu.

Faça mais

Elabora a hipotética resposta de Portugal ao Ultimato Inglês.

PROFESSOR

- Ter evidenciado o país, não ter desenvolvido a indústria, o comércio e a agricultura e não ter combatido o fecho eficaz o analfabetismo.
- Portugal, Inglaterra, França e Espanha.
- Portugal.
- Que os portugueses se retirassem dos territórios entre Angola e Moçambique no prazo de 24 horas.
- Para se apropriarem das suas riquezas: algodão, diamantes, ouro e café.
- a) Portugal; b) Inglaterra.
- A necessidade de impor a sua presença nesses territórios, para os poder reivindicar, cumprindo o princípio da ocupação efetiva, decidido na Conferência de Berlim.

CI – 1.1 a 1.2

AL.4.1.1.1

- PowerPoint CI
- Aula interativa n.º 21
- Vídeo "O ultimato de 1890"
- Atividade "Puzzle 7"

Atividade

Qual é a importância?

Mapa Cor-de-Rosa
Mapa apresentado por Portugal a alguns países europeus em 1886, no qual os territórios pretendidos pelos portugueses, entre Angola e Moçambique, apareciam assinalados a cor-de-rosa.

Ultimato
Última exigência ou aviso. Entre países, a recusa de um ultimato pode originar uma guerra.

Cartões de Atividades

Realiza a atividade 21 (página 216).



Da Revolução Republicana de 1910 à Ditadura Militar de 1926

Depois do Ultimato Inglês, as críticas à Monarquia aumentaram. Do assassinato do rei à implantação da República, vamos saber o que aconteceu.



A O que defendiam os republicanos?

A cédência perante o Ultimato Inglês foi considerada, por muitos portugueses, como uma humilhação à Pátria. Eram cada vez mais os que culpavam a Monarquia pelos problemas do país, sobretudo os republicanos. Em 1876, foi criado o Centro Eleitoral Republicano Democrático, que viria a dar origem ao Partido Republicano Português, em 1883. Este defendia uma nova forma de governo, a República: em vez de um rei que herdava o trono para toda a vida, Portugal deveria ter um presidente, eleito pelos cidadãos ou pelos seus representantes, por um determinado período de tempo, imposto por lei.

Os republicanos prometiam ainda modernizar Portugal e acabar com as injustiças sociais. A primeira tentativa de revolta republicana aconteceu no dia 31 de janeiro de 1891, no Porto. No entanto, as tropas fiéis ao rei rapidamente derrotaram os revoltosos.

B O que foi o regicídio?

A derrota dos revoltosos republicanos no Porto não trouxe a paz ao país. Alguns jornais republicanos foram encerrados, os trabalhadores fizeram greve e as manifestações foram violentamente reprimidas. Vivia-se um ambiente de violência nas principais cidades portuguesas.

No dia 1 de fevereiro de 1908, no regresso de umas férias em Vila Viçosa, o coche da família real foi atacado no Terreiro do Paço, em Lisboa. D. Carlos I e o seu filho mais velho, Luís Filipe, foram mortos a tiro. Foi o regicídio.

C Como foi proclamada a República?

Depois da morte de D. Carlos I, D. Manuel II, seu filho mais novo, subiu ao trono. Tinha apenas 18 anos e não fora preparado para governar.

Na madrugada de 4 de outubro de 1910, em Lisboa, militares republicanos apoiados por muitos populares iniciaram uma revolução. O navio da guerra Adamastor bombardeou o Palácio Real, o que contribuiu para a desorganização das tropas monárquicas, que pouco resistiram. Os republicanos saíram vitoriosos. No dia 5 de outubro, pela manhã, foi proclamada a República na varanda da Câmara Municipal de Lisboa. A notícia espalhou-se rapidamente por todo o país, sendo bem recebida pela população. Ainda nesse dia, D. Manuel II partiu para o exílio.

Doc. A Revolta republicana de 31 de janeiro de 1891, no Porto.



A guarda real ataca a Câmara Municipal do Porto.

- De acordo com a barra cronológica acima, os revoltosos tiveram êxito? Justifica.

Doc. B O regicídio do rei D. Carlos, a 1 de fevereiro de 1908.



- O que aconteceu ao rei D. Carlos I?

Doc. C A proclamação da República, em 1910.

Lisboa amanheceu hoje ao som (...) da artilharia. Proclamada por imponentes forças do exército (...) e auxiliada pelos populares, a República vem hoje o seu primeiro dia de história (...). O povo está verdadeiramente louco de satisfação. Pode dizer-se que toda a população está na rua vitoreando a República.

Jornal republicano O Mundo, 5 de outubro de 1910 (adaptado).

- A que acontecimento se refere o texto?
- Quem se revoltou?
- Como reagiu a população?



Doc. 1 | Implantação da República Portuguesa (5 de outubro de 1910).

- A que partido pertencem as pessoas que estão a gritar pela República?
- A que rei se refere a expressão do documento 1 "O rei morreu há dois anos"?
- Porque é que D. Manuel II não estava preparado para governar? O que lhe aconteceu depois da revolução?

Realiza a atividade 9 da página 176.

18 Faça o sistema de aula

Completa a cronologia com as seguintes palavras.

Ano	Acontecimento
1910	Monarquia (x2)
1876	Ultimato
1891	República
1891	Fundação do Centro Eleitoral Republicano (Partido Republicano Português a partir de 1883), que defendia a substituição da Monarquia pela República.
1890	Ultimato Inglês: Portugal cede.
1891	Revolta de 31 de janeiro, no Porto: derrota dos republicanos.
1908	Assassinato do rei D. Carlos I (regicídio) e do príncipe herdeiro Luís Filipe.
1910	Implantação da República: fim da Monarquia.

+ Faça mais

Com base no que já sabes, escreve um artigo para um jornal a dar conta do regicídio no Terreiro do Paço.

PROFESSOR

- Não, pois a República só veio a ser proclamada no ano de 1910.
- Foi assassinado.
- Implantação da República.
- Militares republicanos, auxiliados por populares.
- Com satisfação e contentamento.
- Do Partido Republicano.
- Do rei D. Carlos I.
- Quem deveria ter sucedido a D. Carlos I era Luís Filipe, por ser o filho mais velho, o que não aconteceu por ter sido assassinado juntamente com o seu pai. Depois da revolução, D. Manuel II foi para o exílio.

CI - 1.4 a 1.6; 2.1

Atividade Digital

- PowerPoint® CI
- Aula interativa nº 22
- Vídeo "A queda da Monarquia Constitucional"
- "A Revolução de 1910"

Atividade

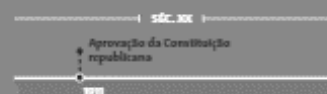
Regicídio
Assassinato de um rei ou de uma rainha.

República
Forma de governação em que o chefe de Estado é o presidente da República. Este é eleito pelos cidadãos ou pelos seus representantes, por um certo período de tempo.

Cartões de Atividades

Realiza a atividade 27 (página 216).

Vamos conhecer
os novos símbolos
republicanos e saber
mais sobre esta nova
forma de governar.



A Que novos símbolos foram aprovados pelos republicanos?

Após o 5 de outubro de 1910, os republicanos escolheram um governo provisório, presidido por Teófilo Braga. Este governou Portugal até à eleição do primeiro presidente da República e à aprovação de uma nova Constituição, em 1911.

Para marcar claramente a diferença com a Monarquia, o governo provisório aprovou os símbolos da República Portuguesa: uma nova bandeira, o hino nacional (A Portuguesa) e uma nova moeda (o escudo, em vez do real).

B O que defendia a nova Constituição?

Em maio de 1911, realizaram-se eleições para formar uma Assembleia Constituinte. Nesse mesmo ano, foi aprovada a Constituição republicana: Portugal deixou de ter um rei, que herdava o trono e que governava até à sua morte, e passou a ter um presidente da República, eleito por um período de quatro anos.

A Constituição republicana manteve a divisão de poderes que já vinha da Monarquia Constitucional: o poder de julgar os que não cumpriam as leis (poder judicial) continuou a ser da responsabilidade dos juizes; as leis passaram a ser feitas pelos deputados, no Parlamento (poder legislativo); o presidente da República, eleito pelo Parlamento, escolhia o governo, que governava o país (poder executivo).

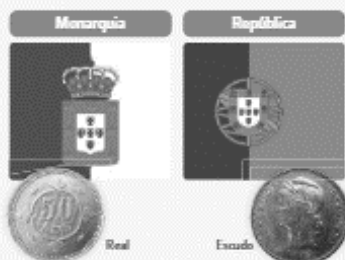
C Que importância tinha o Parlamento?

Com a República, o Parlamento tornou-se o órgão político mais importante. Eram os deputados, no Parlamento, que elegiam o presidente da República e que também tinham o poder de o demitir. Por sua vez, o presidente da República nomeava o governo, tendo em conta o partido com mais deputados no Parlamento. No entanto, se o governo não tivesse o apoio da maioria dos deputados, tinha de se demitir, ou era demitido.

De acordo com a Constituição republicana, tinham direito de voto os portugueses do sexo masculino, com mais de 21 anos, que soubessem ler ou escrever ou que fossem chefes de família há mais de um ano. Assim, a maioria da população não podia votar.

Atualmente podem votar todos os cidadãos portugueses – mulheres e homens – maiores de 18 anos.

Doc. A Alguns símbolos da Monarquia e da República.



1. Identifica os novos símbolos republicanos representados no documento A.

Doc. B O chefe de Estado, antes e depois da Constituição republicana de 1911.

	Monarquia Constitucional	República
Quem é o chefe de Estado?	Rei	Presidente da República
Como se torna chefe de Estado?	Herda o trono	É eleito
Qual é a duração do mandato?	Até à sua morte	Por um período de quatro anos

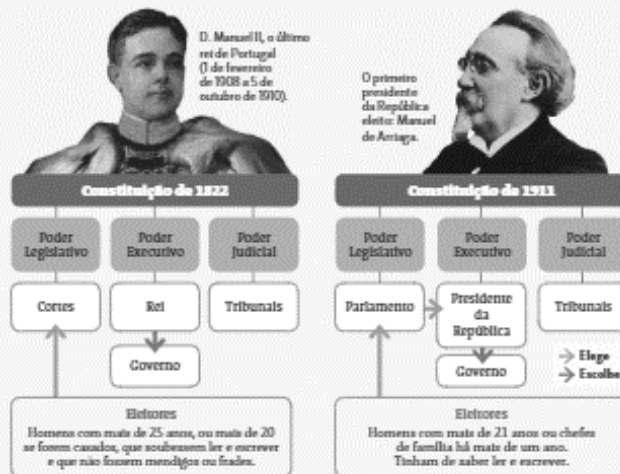
2. Distingue as duas formas de governo, indicando:

- quem era o chefe de Estado.
- como se tornava chefe de Estado.

Doc. C Os poderes do Parlamento e do presidente da República.

Parlamento	Presidente da República
- Fazer as leis. - Elegir e demitir o presidente da República.	Nomear o governo, mas, se este não tiver o apoio do Parlamento, tem de se demitir.

3. Quem tinha mais poder: o Parlamento ou o presidente da República?



Doc. 1 | A divisão de poderes nas Constituições de 1822 e 1911.

- Em relação à divisão de poderes nas Constituições de 1822 e 1911, refere:
 - duas diferenças.
 - duas semelhanças.
- Porque é que o Parlamento era o órgão político mais importante da República?
- Quem foi eleito como primeiro presidente da República Portuguesa?

Faça o sistema da sala

Completa o quadro com as seguintes palavras.

executivo	moeda	legislativo	bandeira	A Portuguesa
	escudo	voto	judicial	Parlamento

Novos símbolos	Nova Constituição
- Nova <u>bandeira</u>. - Nova <u>moeda</u>: o <u>escudo</u>. - Hino Nacional: <u>A Portuguesa</u>.	- Poderes: <u>legislativo</u>, competia ao Parlamento. <u>executivo</u>, competia ao governo e ao presidente da República. <u>judicial</u>, competia aos juizes nos tribunais. - órgão político mais importante: o <u>Parlamento</u>. - direito de <u>voto</u>: homens maiores de 21 anos que soubessem ler e escrever ou que fossem chefes de família há mais de um ano.

Faça mais

Na lista seguinte, assinala as palavras e expressões relacionadas com a República.

A Portuguesa / bandeira monárquica / Constituição de 1911 / escudo / Parlamento / poder hereditário / presidente da República / real / rei

PROFESSOR

- A bandeira e a moeda (o escudo).
- a) Na Monarquia, era o rei; na República, era o presidente da República.
b) O rei herdava o trono; o presidente da República era eleito.
- O Parlamento, pois elegia e podia demitir o presidente da República.
- a) Na Constituição de 1822, o poder executivo pertencia ao rei e este herdava o trono; na Constituição de 1911 o poder executivo pertencia ao presidente da República, que era eleito pelo Parlamento.
b) Em ambas as Constituições se verificava a divisão tripartida dos poderes: legislativo, executivo e judicial e só podiam ser eleitores os homens que soubessem ler e escrever.
- Porque fazia as leis e elegia e podia demitir o presidente da República, que por sua vez nomeava o governo.
- Manuel de Arriaga.

EU – 2.1 e 2.5

RIJADigital

- PowerPoint® EU
- Aula interativa n.º 23
- Exercício da música "A Pátria"

Carteira de Atividades

Realiza a atividade 21 (página 30).

Os governos
republicanos fizeram
várias reformas.
Vamos conhecê-las.



A Que reformas foram feitas na educação?

Em 1910, cerca de 70% da população portuguesa era analfabeta. Os governos republicanos tomaram várias medidas para combater o analfabetismo e para melhorar o ensino: criaram o ensino infantil público para crianças de ambos os sexos, dos 4 aos 7 anos; tornaram o ensino primário obrigatório e gratuito dos 7 aos 10 anos; construíram mais escolas primárias, incluindo escolas móveis para adultos analfabetos, mais liceus e mais escolas técnicas (agrícolas, comerciais e industriais). No ensino superior, criaram as universidades de Lisboa e do Porto.

Contudo, o número de escolas continuou a ser insuficiente, principalmente nas zonas rurais, onde as crianças eram obrigadas a trabalhar para ajudar a sustentar a família. Assim, o analfabetismo continuou muito elevado.

D Que reformas foram feitas a favor dos trabalhadores?

Para pressionarem patrões e governos, os trabalhadores reforçaram a formação de sindicatos. Estes lutaram por melhores salários, pela redução do horário e por uma maior segurança no trabalho. As formas de luta mais utilizadas foram as greves, que atingiram números elevadíssimos entre 1910 e 1926.

Os governos republicanos tomaram medidas favoráveis aos trabalhadores, tais como: o direito à greve (1910); o descanso semanal obrigatório ao domingo (1911); o horário de trabalho diário de oito horas (1919); o seguro obrigatório em caso de doença, acidentes de trabalho ou velhice (1919). No entanto, nem todas as leis eram cumpridas pelos patrões. Apesar destas medidas, os trabalhadores continuaram a viver com muitas dificuldades.

C Que outras mudanças ocorreram?

Os governos republicanos tomaram ainda outras medidas sociais: filhos legítimos e ilegítimos e marido e mulher passaram a ter direitos iguais; o divórcio foi legalizado.

Para diminuir a influência da Igreja Católica junto das populações, foi declarada a liberdade de culto e proibido o ensino religioso nas escolas. Além disso, o Estado passou a ser responsável pelo registo civil dos nascimentos, dos casamentos e dos falecimentos.

Doc. A Analfabetismo e número de escolas.



1. Relaciona a informação dos dois gráficos.

Doc. B Medidas favoráveis aos trabalhadores durante a I República.

Artigo 1º – É reconhecido a todo o assalariado o direito a um descanso semanal de vinte e quatro horas seguidas.

Lei de 9 de janeiro de 1911 (adaptado).

Artigo 3º – O período do trabalho diário (...) não poderá passar as oito horas por dia.

Lei de 7 de maio de 1919 (adaptado).

Artigo 1º – É decretado o seguro social obrigatório contra a invalidez, a velhice e a sobrevivência para os indivíduos de ambos os sexos que exerçam qualquer função de trabalho.

Lei de 10 de maio de 1919 (adaptado).

2. Identifica as medidas tomadas pelos governos republicanos a favor dos trabalhadores.

Doc. C Artigo 3º da Constituição republicana de 1911 (adaptado).

Artigo 3º, nº 3 – A República Portuguesa não admite privilégio de nascimento (...).

Artigo 3º, nº 8 – É livre o culto público de qualquer religião (...).

3. Refere o número do artigo que defende:

- a) igualdade entre filhos legítimos e ilegítimos.
- b) liberdade de culto.



Doc. 1 | Caricatura do ministro Afonso Costa, "aperando" dois padres católicos, c. 1911.



Doc. 2 | Livro de leitura da 4ª classe do ensino primário, de Júlio Brandão, 1913.



Doc. 3 | Greve geral de 1912, em Lisboa.

- Associa cada um dos documentos ao respetivo texto da página anterior (A, B ou C).
- De acordo com o documento 1, qual era a instituição que estava a perder influência?
- Quanto à educação, qual foi a grande prioridade dos republicanos?
- Qual foi a principal forma de luta dos trabalhadores?

Realiza a atividade 10 da página 176.

Esquema do sistema de sala

Completa o quadro com as seguintes palavras ou expressões.

professores um dia direitos universidades ensino infantil seguro alfabetização Igreja Católica horário diário obrigatório e gratuito Estado

Na educação	Favoráveis aos trabalhadores	Outras
- Criação do <u>ensino infantil</u> para crianças dos 4 aos 7 anos. - Ensino <u>primário</u>, e gratuito para crianças dos 7 aos 10 anos. - Escolas para <u>alfabetização</u> de adultos. - Escolas para formar <u>professores</u>. - Criação das <u>universidades</u> de Lisboa e do Porto.	Direito: - à greve. - a um <u>dia</u> de descanso semanal. - a um <u>horário diário</u> de oito horas de trabalho. - a <u>seguro</u> em caso de doença, de acidente de trabalho e de velhice.	- Mulher e marido e filhos legítimos e ilegítimos têm <u>direitos</u> iguais. - O Estado passa a ser responsável pelos registos de nascimentos, de casamentos e de falecimentos. Esta responsabilidade anteriormente era da <u>Igreja Católica</u>.

Esquema

Logo após a proclamação da República, fazes parte de um sindicato dos trabalhadores e em breve terás uma reunião muito importante. Elabora a lista de assuntos que irão ser discutidos.

PROFESSOR

- Com o aumento do número de escolas, o analfabetismo diminuiu.
- O descanso semanal, a fixação do horário de trabalho em oito horas diárias e a criação do seguro de invalidez, velhice e sobrevivência.
- a) O nº 3. b) O nº 8.
- Doc. 1 – Igreja C;
- Doc. 2 – Igreja A;
- Doc. 3 – Igreja B.
- A greve.
- Combater o analfabetismo.
- A greve.

Ex - 3.1 a 3.3

Atividade 10

- PowerPoint C1
- Aula interativa nº 24
- Animação "As reformas da I República"

Atividade 10

Alfabetizar
Ensinar a ler,
a escrever e a contar.

Sindicato
Associação de
trabalhadores que
defende os interesses
dos seus associados.

Carteira de Atividades

Realiza a atividade 24
(página 17).

A I Guerra Mundial
aumentou os problemas
que afetavam Portugal.Vamos perceber como
tudo se passou.A Por que motivo participou Portugal
na I Guerra Mundial?

A I Guerra Mundial decorreu entre 1914 e 1918. Inicialmente, Portugal manteve-se fora deste conflito. Em 1916, a pedido da Grã-Bretanha, que liderava um dos blocos de países em confronto, Portugal apreendeu os navios alemães que estavam atracados em todos os portos portugueses. A Alemanha, líder do outro bloco, declarou então, guerra a Portugal. Em 1917, partiram os primeiros militares portugueses para França. Portugal desejava estar na mesa das negociações quando o conflito terminasse, com o objetivo de defender a posse das suas colónias africanas.

B Quais foram as consequências?

A I Guerra Mundial terminou em 1918 com a derrota da Alemanha e dos seus aliados. Estando do lado dos vencedores, Portugal manteve as suas colónias africanas. No entanto, a guerra agravou os problemas que afetavam Portugal: milhares de militares mortos; os gastos com a guerra aumentaram a dívida de Portugal ao estrangeiro; os preços dos alimentos e de outros produtos subiram, ao contrário dos salários; as greves multiplicaram-se.

A isto juntava-se a instabilidade política, pois as mudanças de governo eram frequentes. Desde a proclamação da República até 1926, Portugal teve oito presidentes da República e 45 governos! Por isso, os governantes não conseguiram resolver os problemas do país. O descontentamento com o regime republicano aumentou.

C Como terminou a I República?

A 28 de maio de 1926, o general Gomes da Costa revoltou-se em Braga, tendo marchado para Lisboa, onde foi aplaudido por milhares de pessoas. O presidente da República, Bernardino Machado, demitiu-se. Foi o fim da I República, que durou de 1910 a 1926. Os revoltosos entregaram a chefia do governo a um militar, encerraram o Parlamento, suspenderam a Constituição e acabaram com o direito à greve e de manifestação. Os governos passaram a ser escolhidos pelos militares. Os jornais foram alvo de censura, ou seja, proibidos de criticar os governantes.

Até 1933, Portugal viveu numa Ditadura Militar.

D Soldados portugueses em combate contra os alemães, durante a I Guerra Mundial, em França.



1. Em que guerra participou o exército português?

E Consequências económicas e sociais da guerra.

Com a guerra, o preço de muitos produtos importantes subiu e vários produtos rareavam. Os trabalhadores continuavam a protestar e a instabilidade governativa manteve-se. Muitas pessoas começaram a desejar um governo que governasse com mais autoridade (...).

Sérgio Luís de Carvalho, História de Portugal: Oitavo de Oitavo, Imprensa Régia, 2007 (adaptado).

2. Refere duas consequências da I Guerra Mundial.

F O 28 de maio de 1926.

Grande descontentamento da população

Revolta militar de 28 de maio de 1926:
início da Ditadura Militar

- O Parlamento foi encerrado e a Constituição suspensa.
- Fim do direito à greve e de manifestação.
- Os governos passaram a ser escolhidos pelos militares. Os jornais foram alvo de censura, ou seja, proibidos de criticar os governantes.

3. Indica:

- a) a que conduziu a insatisfação da população.
- b) se continuou a haver eleições para eleger os deputados.
- c) dois direitos perdidos pelos trabalhadores.



Doc.1 | A crise durante a I República.

- De que guerra está a falar o anúncio?
- Porque é que a guerra fez aumentar o número de órfãos e de viúvas?
- Porque é que a situação financeira das famílias era má?
- O que é que a senhora quer dizer com: "... os políticos não se entendem"?
- O que pôs fim à I República?

Realiza a atividade 11 da página 176.

G Fazer a síntese da aula

Completa o texto com as seguintes palavras.

governo dívida Ditadura Militar preços
descontentamento colónias 1926 (27) 1910

No final da I Guerra Mundial, Portugal conseguiu manter as suas colónias em África; contudo, a participação no conflito agravou os problemas que afetavam o país. Salientam-se o elevado número de mortos, o aumento da dívida ao estrangeiro, as greves, o aumento dos preços dos produtos alimentares e as mudanças frequentes de governo. Cresceu o descontentamento da população.

A 28 de maio de 1926, o general Gomes da Costa revoltou-se, tendo chegado ao fim a I República, que durou de 1910 a 1926. Portugal passou a viver numa Ditadura Militar.

+ Fazer a síntese

Escreve um pequeno texto sobre o teu dia a dia no campo de batalha.

PROFESSOR

- Na I Guerra Mundial.
- A subida dos preços e o escasseio de alguns produtos.
- a) A revolta militar de 28 de maio de 1926.
b) Não.
c) Direito à greve e de manifestação.
- Da I Guerra Mundial.
- Porque morreram muitos homens que eram casados e tinham filhos.
- Porque os salários eram muito baixos e o custo de vida muito alto.
- Que não aprovaram medidas para resolver a difícil situação em que os trabalhadores se encontram.
- A revolta militar de 28 de maio de 1926.

Obj. 1.1, 1.2, 1.3 e 1.4

20 ALA Digital

- PowerPoint® 11
- Aula interativa nº 25
- Vídeos: "Soldados portugueses na I Guerra Mundial", "O desfile do general Gomes da Costa pela Avenida da Liberdade" e "O fim da I República e a Ditadura Militar" (1)
- Escrito do filme "A Costa Nova de Alentejo"
- Escrito da música "Tudo das Trezeiras"

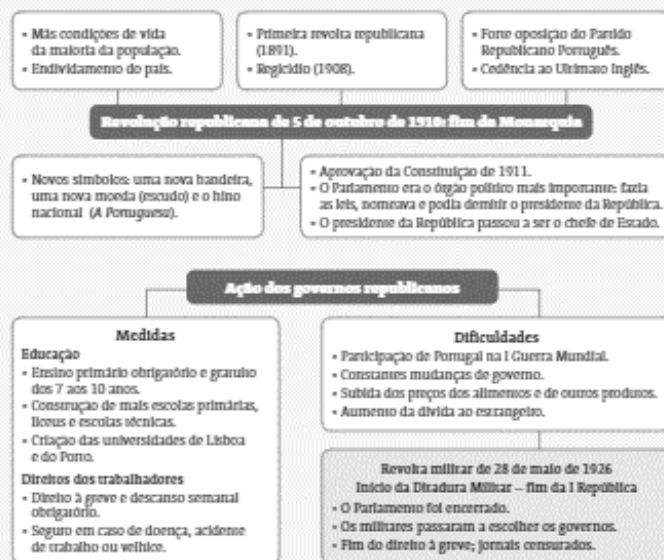
AR Qual é o significado?

Ditadura
Forma de governo em que o poder é exercido sem limites, por um homem ou por um grupo, por vezes de militares. As liberdades e os direitos individuais dos cidadãos não são respeitados. Os governantes mantêm-se no poder, usando a força e a repressão.

Caderno de Atividades

Realiza a atividade 25 (página 172).

Interpreto um esquema



Com base na informação do esquema, completa o texto seguinte.

No final do século XIX, o descontentamento em relação à Monarquia era cada vez maior: a maioria da população tinha más condições de vida e o endividamento do país continuava a aumentar. O Partido Republicano Português tinha cada vez mais apoiantes e a cedência ao Ultimato Inglês foi entendida como uma humilhação. No dia 1 de fevereiro de 1908 deu-se o regicídio. No dia 5 de outubro de 1910, a revolução saiu vitoriosa e foi implantada a República. O governo provisório aprovou uma nova bandeira, uma nova moeda e o hino nacional. No ano de 1911 foi aprovada uma nova Constituição. O presidente da República era o chefe de Estado e o Parlamento, o órgão político mais importante. Os governos republicanos tomaram várias medidas, tais como: o ensino primário obrigatório e gratuito dos 7 aos 10 anos, os trabalhadores passaram a ter um dia de descanso semanal e seguro em caso de doença, acidente de trabalho ou velhice. No entanto, a “jovem” República teve que enfrentar muitas dificuldades, como as constantemente mudanças de governo, a subida dos preços dos alimentos e o aumento da dívida ao estrangeiro. As perdas e as despesas provocadas pela participação na I Guerra Mundial aumentaram os protestos. Em 28 de maio de 1926, uma revolta militar pôs fim à I República.

Avalio o que aprendi

Deves responder a todas as perguntas no teu caderno diário.

1. Completa cada uma das frases seguintes, assinalando a resposta correta.

- 1.1. Os ingleses enviaram um ultimato aos portugueses no ano de:
☐ a) 1880. ☐ b) 1885. ☒ c) 1890. ☐ d) 1893.

- 1.2. A primeira tentativa para pôr fim à Monarquia e instaurar o regime republicano aconteceu no dia:
☒ a) 31 de janeiro de 1891, no Porto.
☐ b) 1 de fevereiro de 1891, no Porto.
☐ c) 1 de fevereiro de 1908, em Lisboa.
☐ d) 4 de outubro de 1910, em Lisboa.

- 1.3. De acordo com a Constituição de 1911, o poder executivo pertencia:
☐ a) aos tribunais.
☐ b) aos polícias.
☒ c) ao presidente da República e ao governo.
☐ d) ao governo.

- 1.4. O que pôs fim à I República foi uma ação:
☐ a) grevista ☐ b) sindical. ☐ c) civil. ☒ d) militar.

2. Define corretamente cada um dos conceitos apresentados na coluna A, com a ajuda dos elementos da coluna B.

Coluna A	Coluna B
A. Mapa Cor-de-Rosa	1. Forma de governo em que o chefe de Estado é um presidente da República, eleito pelos cidadãos ou pelos seus representantes, por um período de tempo limitado por lei.
B. Ultimato	2. Projeto apresentado a alguns países europeus que assinalava os territórios pretendidos por Portugal entre Angola e Moçambique.
C. Regicídio	3. Assassínio de um rei ou de uma rainha.
D. República	4. Última condição que um Estado apresenta a outro.
E. Alfabetizar	5. Ensinar a ler, a escrever e a contar.

PROFESSOR

E: A-2; B-4; C-3; D-1; E-5.

PALAVRIGL

Jogo "Vamos historiar" (Domínio E)

Smart

Quiz

O Partido Republicano, o Ultimato Inglês e a proclamação da República

Simbolos, Constituição e reformas da I República

Portugal na I Guerra Mundial e a revolta militar de 1926



Deves responder a todas as perguntas no teu caderno diário.
Observa e lê com atenção todos os documentos apresentados.

- 1 Assinala, com um X, as alíneas que correspondem a razões que levaram à queda da Monarquia.
- ☐ A. No século XIX, os principais países europeus necessitavam de matérias-primas existentes em África.
 - ☒ B. O Partido Republicano Português, fundado em 1883, tinha cada vez mais apoiantes.
 - ☒ C. Em 1908, deu-se o regicídio.
 - ☒ D. Portugal cedeu ao ultimato da Inglaterra.

- 2 Observa e lê com atenção o documento 1.



Doc. 1 | Declaração da República, em Lisboa.

PROFESSOR

2.1. 5 de outubro de 1910.
2.2. a) A Monarquia.
b) A República.
c) Teófilo Fraga.
2.3. "As ruas cheias de gente, de uma multidão festiva, ruidosa, cheia de alegria da liberdade".

- 2.1. Localiza no tempo (dia, mês e ano) o acontecimento relatado no documento 1.
- 2.2. Indica:
- a) a forma de governo derrubada.
 - b) a forma de governo estabelecida.
 - c) quem presidiu ao governo provisório.
- 2.3. Transcreve do documento uma expressão que demonstre que a população aderiu à revolução.

- 3 Lê com atenção o documento 2.

Décadas	Porcentagem
1900	78,6%
1910	76,1%
1920	70,5%

Doc. 2 | Analfabetos na população portuguesa.

- 3.1. Com base no documento 2, indica a percentagem de analfabetos:

- a) no início da I República.
- b) decorridos dez anos após a implantação da República.

- 3.2. Regista uma conclusão que possas tirar da análise do documento 2.

- 4 Observa e lê com atenção os documentos 3 e 4.

Doc. 3 | D. Manuel II (rei de Portugal de 1 de fevereiro de 1908 a 5 de outubro de 1910) e a bandeira monárquica.



Doc. 4 | O primeiro presidente da República eleito, Manuel de Arriaga, e a bandeira republicana.



- 4.1. Numera as frases de 1 a 8 e constrói o texto correto. Segue os exemplos.

- 6 ... o chefe de Estado passou a ser um presidente eleito pelos cidadãos...
- 2 ... o rei era o chefe de Estado...
- 8 ... foi eleito presidente da República em 1911.
- 5 Depois da implantação da República...
- 1 ... com um mandato limitado no tempo. Manuel de Arriaga...
- 3 ... e governava até à sua morte. D. Manuel II...
- 4 ... foi o último rei de Portugal.
- 1 No tempo da Monarquia...

PROFESSOR

2.1. a) 78,6%.
b) 70,5%.
2.2. O analfabetismo diminuiu, no entanto, mais de 70% da população continuava sem saber ler e escrever.
4.1. 6-2-8-5-7-3-4-1.
No tempo da Monarquia, o rei era o chefe de Estado e governava até à sua morte. D. Manuel II foi o último rei de Portugal. Depois da implantação da República, o chefe de Estado passou a ser um presidente eleito pelos cidadãos, com um mandato limitado no tempo. Manuel de Arriaga foi eleito presidente da República em 1911.

ALFA DIGITAL

• Texto interativo E1 (professor)
• Texto interativo E1 (aluno)

- 1** Indica os anos que correspondem respetivamente ao início do reinado de:
a) D. João V. b) D. José I.
- 2** Identifica o século em que reinaram estes dois reis.
- 3** Indica em que século decorreram as invasões francesas.
- 4** Identifica o acontecimento que pôs fim à Monarquia Absoluta em Portugal.
- 5** Que documento garantiu a liberdade e a igualdade dos cidadãos e a separação de poderes?
- 6** Selecciona da cronologia, o acontecimento que corresponde à modernização dos transportes.
- 7** Indica um acontecimento que mostre o respeito pelos direitos humanos.
- 8** Identifica dois acontecimentos que contribuíram para a crise da Monarquia.
- 9** Indica um acontecimento que contribuiu para a implantação da República.
- 10** Em que ano foi reconhecido o direito à greve?
- 11** Indica o acontecimento que pôs fim à I República.
- 12** Que acontecimento pôs fim à Ditadura Militar e deu início ao Estado Novo?
- 13** Refere o ano de início da Guerra Colonial.
- 14** Quando foi Salazar substituído na chefia do governo?
- 15** Identifica o acontecimento que pôs fim ao Estado Novo.
- 16** Em que ano se iniciou a descolonização?
- 17** Indica o documento que garante a democracia em Portugal.
- 18** Em que século entrou Portugal para a CEE?
- 19** Quando é que entraram em circulação as notas e moedas de euro?
- 20** Em que ano e em que século António Guterres assumiu o cargo de secretário-geral da ONU?